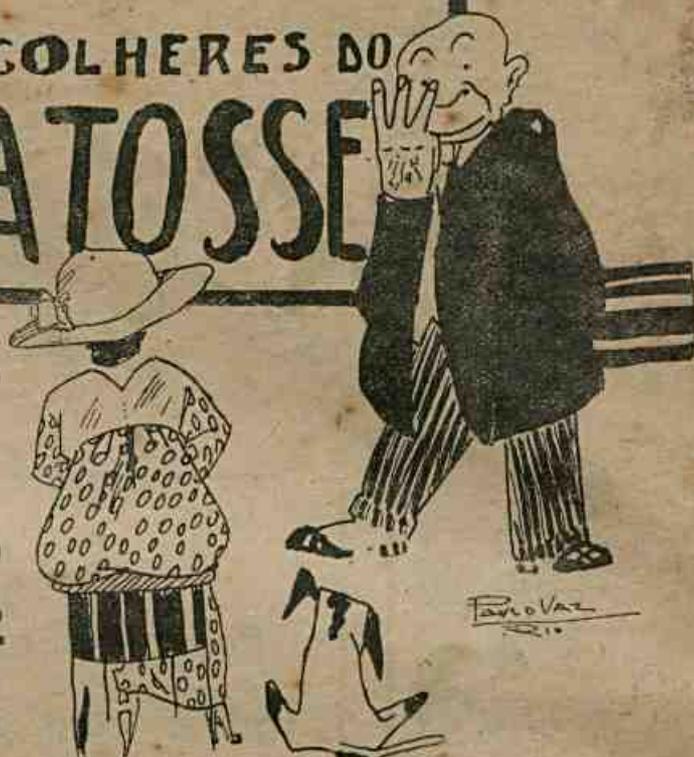
ALMANACH
DO
TICO
TICO
ALMANACH
TICO
TICO
1919
ALMANACH
DO
TICO TICO
1919
ALMANACH
TICO
TICO
1919
ALMANACH
TICO
TICO
1919
ALMANACH
TICO TICO
1919
1919
PREÇO 4$000

Almanach d'O TICO-TICO

Olhem que Belleza!!...
Assim se criam as creanças que tomam leite condensado "MOÇA".
Experimente-o com seu filhinho e verá como elle fica robusto e gordo!
COUPON
Toda Mamãe que cortar este coupon e envial-o á Companhia Nestlé — Caixa do Correio 760 — Rio — receberá um brinde de muito interesse para seu filhinho.

O **CONTRATOSSE**, em 1 anno apenas, obteve 2112 attestados verdadeiros de pessoas de todas as classes sociaes. O **CONTRATOSSE**

CURA Tosses rebeldes.
CURA Bronchites chronicas.
CURA as pessoas fracas do peito.
CURA a Coqueluche ao cabo de uma semana de uso persistente.
CURA Constipações com 1 a 2 vidros.
CURA Affecções broncho-pulmonares, tomando-o regularmente.

CURA Escarrhos sanguineos.
CURA Rouquidões e aclara a voz
CURA Falta de somno.
CURA Inflammações de garganta.
CURA Dores no peito e nas costas.

EFFICACISSIMO na Tuberculose e Hemoptises, tomando-o convenientemente.

O effeito do CONTRATOSSE na tosse da chamada influenza hespanhola é sensacional

Vende-se em todas as drogarias do Brasil e nas pharmacias. Duzia, 24$000. Vidro, 2$000. Laboratorio — Rua de Sant'Anna, 216 — Rio de Janeiro

SE DUVIDARDES LEDE: Attestados sensacionaes

«Exmo. Sr. Phco. R. de Aragão.

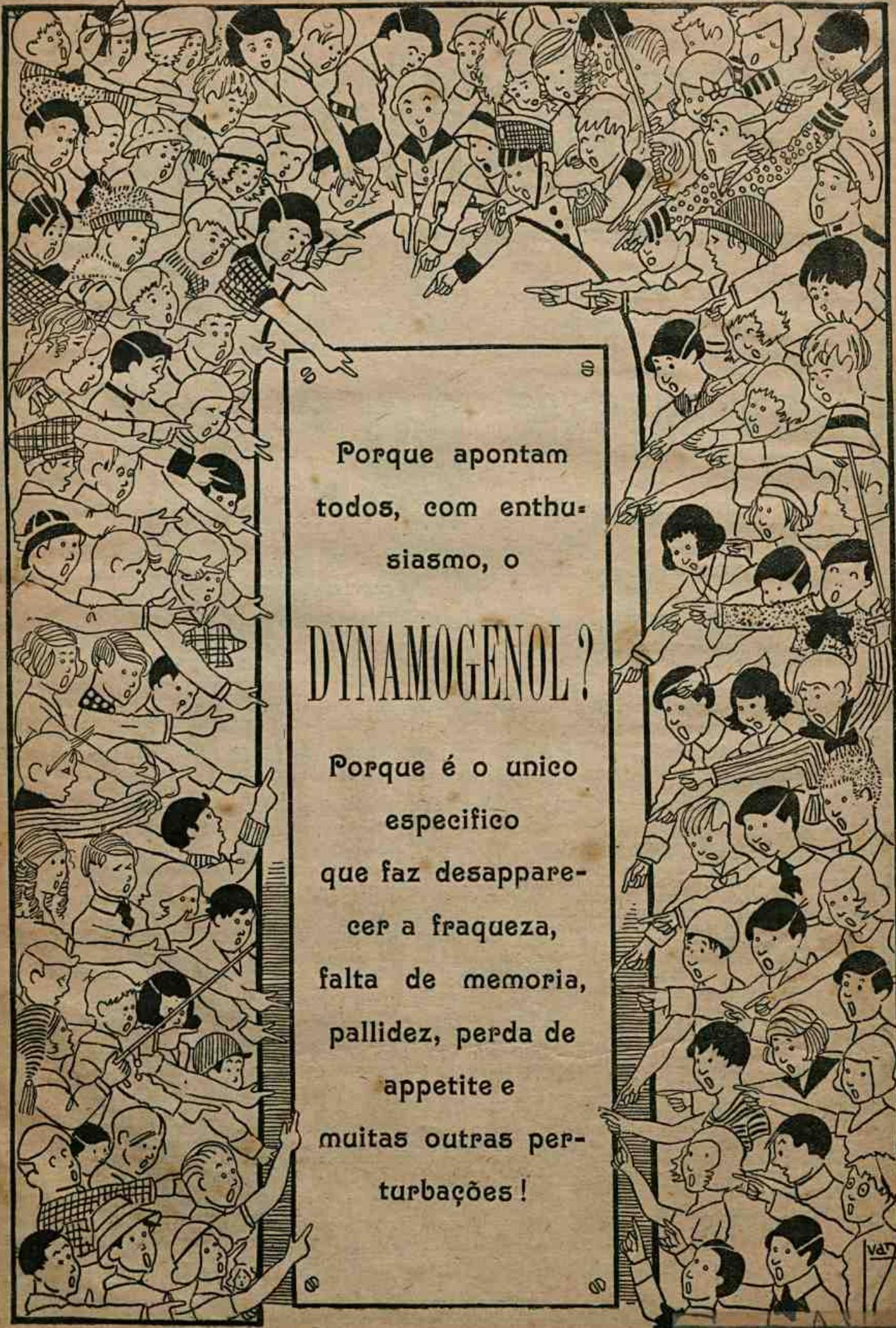
Não lhe minto. Sou muito conhecido no Cáes do Porto, aonde trabalho como conferente. Soffro ha perto de tres annos de uma doença que varios especialistas medicos me declararam ser Tuberculose. Depois de gastar as minhas economias, um dia por acaso, já desilludido, lembrei-me de comprar o vosso CONTRATOSSE, e até hoje é o que me tem feito andar em pé e trabalhar. Juro-lhe que é a minha convicção, se não fosse o CONTRATOSSE já hoje estaria debaixo da terra. Creia-me, apesar de o não conhecer, um admirador cheio de gratidão.

CESAR BRANDO, R. Baroneza do Engenho Novo, 86. Rio, 4-10-918. Testemunhas: D. H. de Lima Carvalho, guarda-livros e José Antunes Fernandes, negociante. Firmas reconhecidas.»

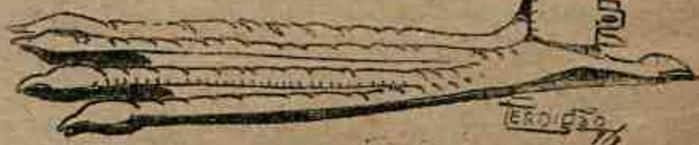
O Dr. Arthur de Souza, medico illustre da Liga Contra a Tuberculose e de grande clinica nesta Capital, especialista dos pulmões e das creanças mandou-nos gentilmente o attestado seguinte:

«E'-me grato attestar que tenho empregado com o mais feliz exito o preparado denominado O CONTRATOSSE, do pharmaceutico Reynaldo de Aragão, nos casos de bronchites agudas ou symptomaticas, maxime na tosse dos tuberculosos; como espectorante antiseptico e como sedativo heroico. Asseguro mesmo que este producto nacional substitue com as mais brilhantes vantagens qualquer congenere de origem estrangeira, o que affirmo na fé do meu grau. *Dr. Arthur de Souza.* — R. S. Luiz Gonzaga, 166. — Rio de Janeiro.»

CUIDADO! Não vos deixeis enganar. Acceitae só o CONTRATOSSE

E' agradabilissimo e não tem dieta

ALMANACH DO TICO-TICO 1919
Porque apontam todos, com enthusiasmo, o
DYNAMOGENOL?
Porque é o unico especifico que faz desapparecer a fraqueza, falta de memoria, pallidez, perda de appetite e muitas outras perturbações!

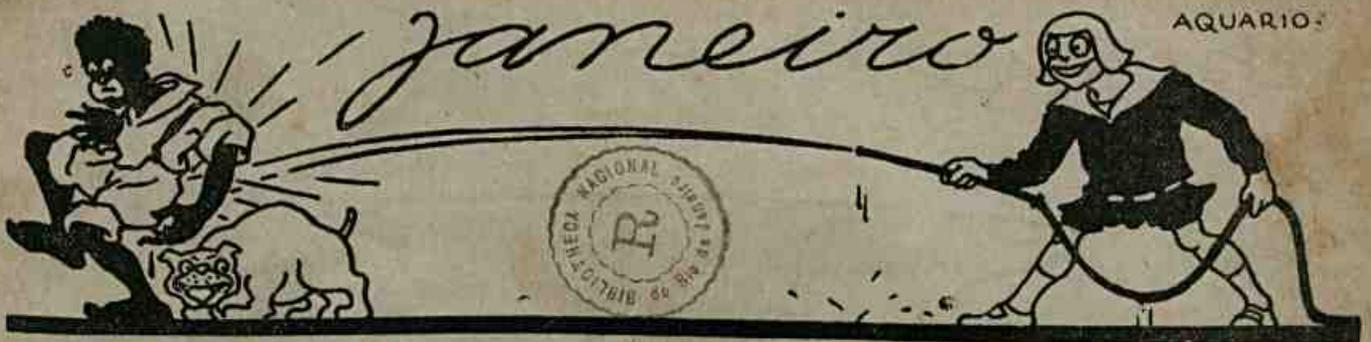
ALMANACH D'O TICO-TICO 1919

UM BRINCO!
E' a expressão que salta aos labios de quem vê um vestido confeccionado
n'
A BRAZILEIRA
MODERNISMO — ELEGANCIA — PERFEIÇÃO DE ACABAMENTO — SEDE BEMVINDAS!
Largo de S Francisco

BOAS FESTAS, queridos leitoresinhos! Votos sinceros de alegres e sorridentes dias de ventura no anno que vae entrar desejamos á galante creançada que ha 13 annos lê e applaude com a mais lisonjeira das sympathias, com a mais dedicada estima, O TICO-TICO, o unico jornal infantil que proporciona ás creanças momentos de alegria, conhecimentos uteis, contos e narrações de fundo sempre moral, e aprimorador do caracter. E esse applauso, e essa estima, dia a dia mais avigorados, mais fortalecidos, nos encorajaram a, este anno, levar por diante a publicação do "Almanach d'O TICO-TICO". Não fossem esses valiosos estimulos e não estariamos agora aqui, a receber a sempre amada saudação da infancia! A falta de papel de impressão, de todos os materiaes necessarios á feitura de uma publicação como a presente seriam, por si sós, estorvos bastantes para não publicarmos este anno o "Almanach d'O TICO-TICO". Mas outras razões superiores — a estima e o applauso do mundo infantil que nos lê — nos levaram ao esforço, ao verdadeiro sacrificio qu é hoje a publicação de um almanach como o nosso.

Sahe hoje á luz o "Almanach d'O TICO-TICO para 1919" — e em nada inferior aos dos annos anteriores; pelo contrario, a experiencia que o tempo nos proporcionou, as indicações e pedidos mesmos dos nossos pequenos leitores — acatados e ouvidos e religiosamente attendidos, muito contribuiram para que este "Almanach" ficasse adequado tanto quanto possivel ao espirito, á mentalidade das creanças brasileiras.

Janeiro

AQUARIO

PRIMEIRO MEZ — **TRINTA E UM DIAS**

1—Quarta-feira— Circumscripção do Senhor. Confraternidade Universal. (Feriado Nacional).
2—Quinta-feira—Santo Izidro.
3—Sexta-feira—Santo Antero.
4—Sabbado—S. Gregorio.
5—**Domingo**—S. Simeão.
6—Segunda-feira— Santos Reis. São Frederico. (Dia Santo).
7—Terça-feira—S. Theodoro.
8—Quarta-feira—S. Lourenço.
9—Quinta-feira—S. Julião.
10—Sexta-feira—S. Gonçalo.
11—Sabbado—S. Hygino.
12—**Domingo**—S. Satyro.
13—Segunda-feira—N. S. de Jesus.
14—Terça-feira—S. Felix de Nola.
15—Quarta-feira—S. Amaro.
16—Quinta-feira—S. Marcello.
17—Sexta-feira—S. Antão.
18—Sabbado—S. Prisca.
19—**Domingo**—S. Canuto.
20—Segunda-feira—S. Sebastião. Fundação da cidade do Rio de Janeiro. Feriado Nacional.
21—Terça-feira—Santa Ignez.
22—Quarta-feira—S. Vicente.
23—Quinta-feira—Desp. de N. Senhora.
24—Sexta-feira—N. S. da Paz.
25—Sabbado—Conv. de S. Paulo.
26—**Domingo**—S. Polycarpo.
27—Segunda-feira—S. João Crisostomo.
28—Terça-feira—S. Cyrillo.
29—Quarta-feira—Oração de Nossa Senhora.
30—Quinta-feira—S. Martina.
31—Sexta-feira—S. Pedro Nolasco.

O nome de Janeiro vem de JANUARIUS, 11º mez do calendario romano. Chamava-se JANUARIUS em homenagem a JANUS, deusa do lar e da patria.

O Simplicio tirou uma vez a sorte grande e comprou logo um automovel. No dia seguinte, em vez de gazolina mandou buscar uma carroça de capim.

O criado, admirado, ousou perguntar:

— Para que tanto capim, patrão?

— Não sejas burro. O vendedor do automovel me garantiu que elle é de 40 cavallos e eu não posso deixar os bichos com fome...

NOSSAS LEITORAS

Nossa leitora Maria de Lourdes Corrêa, filha do Sr. Pedro Paulo Corrêa, residente em Taquaritinga.

Nossas paginas de armar

Uma viagem á Suissa

Como os nossos leitores devem saber, a Suissa é um paiz montanhoso, muito salubre, e onde abundam os rebanhos de cabras e carneiros e, consequentemente, os pastores.

Quantos meninos que nos lêem não terão um inaudito desejo de visitar, de viajar pela Suissa? Mas as passagens são carissimas e nem todos poderão admirar os bellos panoramas suissos. Remediando esse inconveniente, o *Almanach d'O Tico-Tico* offerece a seus leitores, numa pagina de armar, uma linda vista do monte S. Gothardo, com os seus pastores e seus rebanhos.

O modo de armar é simples: collem toda a pagina em papel cartão e recortem-n'a cuidadosamente. Depois collem as partes brancas, numeradas de 1 a 5, bem como as figurinhas dos pastores, num papelão grande, e na disposição que se vê no pequeno rectangulo que se encontra em baixo e á direita da pagina colorida. Os tres pontos indicam o logar dos dois pastores e do burrinho e o traço o logar onde deve ficar o rebanho. E terão os nossos leitres uma paisagem de um dos mais pittorescos recantos da Suissa.

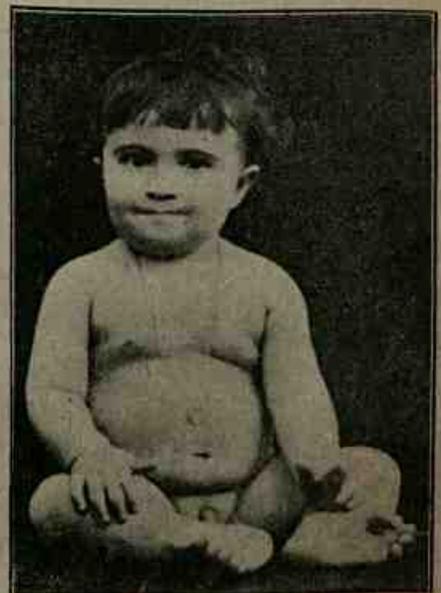
Simplicio Junior teve ordem de pintar a bandeira americana e leval-a no dia seguinte ao collegio. Chegou, entretanto, sem ella e quando o mestre lhe ordenou:

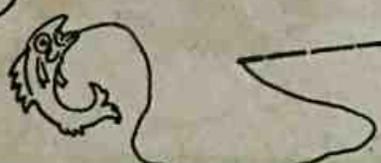
— Mostre sua bandeira.

— Não pude fazer, não senhor.

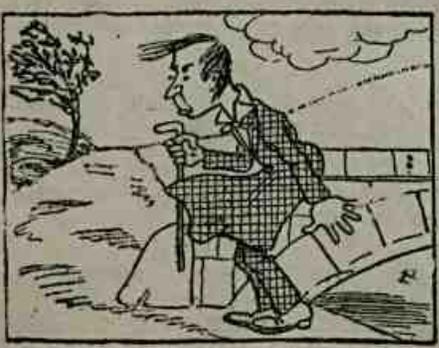
— Por que?

— Porque não achei nenhuma tinta de riscas brancas e encarnadas para pintal-a.

OS BEBÉS

Belmiro, gorducho filhinho do Sr. Francisco Auto de Oliveira, commerciante na cidade do Jardim do Seridó, Estado do Rio Grande do Norte.

SEGUNDO MEZ — **VINTE E OITO DIAS**

1—Sabbado—S. Ignacio.
2—**Domingo**—Purificação de Nossa Senhora.
3—Segunda-feira—Santa Olivia.
4—Terça-feira—Santo André.
5—Quarta-feira—S. Agueda.
6—Quinta-feira—S. Amando.
7—Sexta-feira—S. Maximiniano.
8—Sabbado—S. Alfredo.
9—**Domingo**—S. Cyrillo.
10—Segunda-feira—S. Guilherme.
11—Terça-feira—S. Adolpho.
12—Quarta-feira—S. Julião Hospitaleiro.
13—Quinta-feira—Santo Euphisio.
14—Sexta-feira—S. Abrahão.
15—Sabbado—Trasladação de S. Antonio de Lisboa.
16—**Domingo**—Santo Onesimo.
17—Segunda-feira—S. Auxencio.
18—Terça-feira—S. Marcello.
19—Quarta-feira—S. Conrado.
20—Quinta-feira—Santo Eleuterio.
21—Sexta-feira—S. Felix de Metz.
22—Sabbado—A cadeira de S. Pedro.
23—**Domingo**—S. Lazaro.
24—Segunda-feira—S. Pretextato. — (Feriado Nacional. Promulgação da Constituição.)
25—Terça-feira—S. Cezario.
26—Quarta-feira—Santo Alexandre.
27—Quinta-feira—S. Leandro.
28—Sexta-feira—Trasladação de Santo Agostinho.

De quatro em quatro annos Fevereiro tem mais um dia para pôr o calendario de accordo com o movimento da Terra. A Terra dá um gyro completo em torno do Sol (que é o que se chama um anno) em 365 dias e 6 horas. Essas 6 horas que sobram dos 365 dias sommam, no fim de 4 annos, 24 horas, isto é, um dia inteiro, que se accrescenta ao mez de Fevereiro. Chama-se ao anno em que Fevereiro tem 29 dias ANNO BISSEXTO. O primeiro anno bissexto será o de 1920. Os romanos consagravam este mez a NEPTUNO, deus do Mar.

ADIVINHAÇÕES

O vento, impetuoso, arrancou o chapéo deste bom homem. Ajudem os caros leitores a procural-o.

)::(o)::(

Na aula de historia, o professor pergunta ao filho do Bermudes:

— Quem era Felippe, o Bello?

— Felippe, o Bello era um rei de França que... que...

— Que tinha elle?...

— Tinha que não era muito feio... eis ahi.

)::(o)::(

— E' interessante como num paiz como a Suissa, haja montanhas tão altas...

— Eu acho natural, observa o Simplicio.

— Como assim?!

— E' que ellas não tendo logar para se estender, esticam para cima.

Conto do Natal

Havia outr'ora, na Russia, dois irmãos chamados Leon e Saminka.

Ambos, como todas as creanças de Moscow, esperavam ardentemente o tão desejado dia de festas e alegrias: o dia de Natal!

Leon, como nos annos anteriores, desejava uma espada, um cavallinho, uma bola, doces e "bonbons"...

E Saminka? — pensava elle aborrecido — Saminka não pode ganhar brinquedos... Papá Noel não o conhece!

E assim pensando, com inveja, foi-se deitar. Mas não poude dormir: um desejo de se apoderar de todos os brinquedos o empolgava.

Levantou-se pé ante pé e encaminhou-se para o fogão. Abriu a porta. Um rouco grito sahiu de seu peito: das botinas, sahiam, ameaçadores, duendes horriveis, gigantes e bruxas, anões e diabos, que o olhavam com raiva.

Leon cambaleou e cahiu... Mas nesse momento acordou!...

Fôra um sonho que tivera, sonho que o curou de sua inveja.

OSWALDO C. SILVEIRA

ADIVINHAÇÕES

Com um pouco de paciencia, os nossos leitores encontrarão a edade deste sympathico velhinho.

)::(o)::(

Certo dia um corcunda encontrou um careca, o qual pretendendo fazer-se de engraçado, lhe perguntou:

— Que é que levas nessa mochila ás costas?

— Um embrulho dos teus cabellos, respondeu o corcunda.

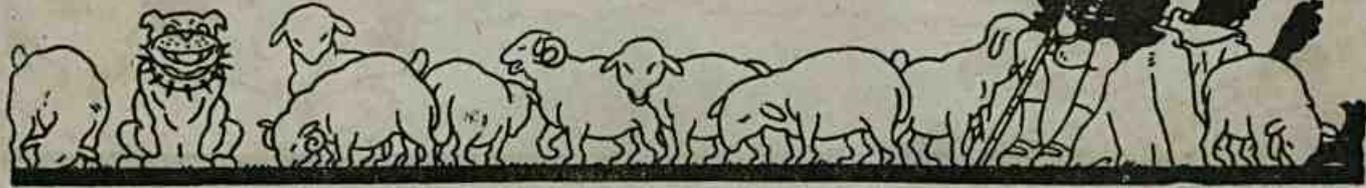
)::(o)::(

Mme. Calino lê num jornal:

— Tem morrido ultimamente diversas pessoas centenarias..."

E o marido, então, observa:

— E' o que eu digo: não vale a pena a gente se esforçar para viver cem annos, porque quando chega lá morre logo, quando não "estica a canella" muito antes...

TERCEIRO MEZ — **TRINTA E UM DIAS**

1—Sabbado—S. Adrião.
2—**Domingo**—S. Carlos. Carnaval.
3—Segunda-feira—S. Martinho. Carnaval.
4—Terça-feira— S. Casemiro—Carnaval.
5—Quarta-feira — Santa Pulcheria. Cinzas.
6—Quinta-feira—Santa Colleta.
7—Sexta-feira—S. Thomaz de Aquino.
8—Sabbado—S. João de Deus.
9—**Domingo**—S. Candido.
10—Segunda-feira — S. Militão e 39 companheiros.
11—Terça-feira—S. Constantino.
12—Quarta-feira—Santo Eulogio.
13—Quinta-feira—S. Rodrigo.
14—Sexta-feira—S. Leandro.
15—Sabbado—Santo Henrique.
16—**Domingo**—S. Cyriaco.
17—Segunda-feira—Santo Agricola.
18—Terça-feira—O Archanjo Gabriel.
19—Quarta-feira—S. José.
20—Quinta-feira—S. Gilberto.
21—Sexta-feira—S. Bento.
22—Sabbado—S. Octaviano.
23—**Domingo**—S. Liberato.
24—Segunda-feira—S. Agapito.
25—Terça-feira—Annunciação de Nossa Senhora.
26—Quarta-feira—S. Braulio.
27—Quinta-feira—Santo Alexandre.
28—Sexta-feira—Santa Dorothéa.
29—Sabbado—S. Victorino.
30—**Domingo**—S. João Climaco.
31—Segunda-feira—S. Benjamin.

O mez de MARÇO, que era consagrado a MINERVA, era o primeiro mez do anno romano. Foi Romulo quem lhe deu o nome do deus MARTE

A morte do sabiá

—)o(—

Pendente de um fio de metal preso ao tecto, achava-se uma linda gaiola dourada, encerrando dentro de si uma encantadora avesinha.

Essa avesinha era um tristonho sabiá que ha muito não alegrava a casa, enchendo seus aposentos dos gorgeios sonoros e maviosos, como fazem seus companheiros. Pobresinho!... preso, encarcerado com duras grades, embora lindas para os que as viam, mas terriveis, horrorosas, tyrannicas para o pobre captivo.

A's vezes quedava-se elle a um canto do poleiro, como que meditando na sua triste sorte, outras, como que desesperado, atirava-se de encontro ás malditas grades, soltando piados tão pungentes que causavam dó aos que os ouviam.

— "Elle cantará? elle não cantará mais? — Interrogavam anciosos entre si os da familia.

— Canta sim, elle ha de cantar ainda, é porque estamos no inverno, estação detestada pela maior parte dos viventes e principalmente das aves! deixa, porém, vir a primavera que elle desafogará sua dôr no canto.

— Mas, veio o verão; murcharam-se as flores, seccaram-se os ramos e nada, nada do sabiá abrir o seu rosado biquinho, para dar siquer uma só nota de alegria n'aquelles corações que tanto o queriam! — "E' porque vae mudar de pennas", teimou em dizer um dia o Carlinhos, que era entre todos o que mais admirava o gentil passarinho.

Mas, nada! as pennas cahiram, dando logar a outras mais viçosas, e sempre o mesmo silencio, a mesma tristeza.

— E' melhor enxotal-o, disse um dia o dono da casa, ao vel-o assim tão acabrunhado! Pois se elle não canta! Não! isso não, disse a sua progenitora, assim mesmo elle alegra nossa vista com a sua plumagem multicor e além disso já temos tanto amor para com elle como para um da familia.

Eis que num bello dia primaveril o sabiá acorda da sua lethargia e, abrindo o biquinho, solta trinados tão magoados que eram capazes de commover o coração mais empedernido, mas... embevecido com o proprio canto elle entra a sonhar com a liberdade perdida, com aquellas paisagens tão amenas onde elle com seus alegres companheiros voavam radiantes, saudando o Astro Rei com seus pipilos jubilosos, e, sempre sonhando, elle via o seu ninho, que lhe servira de berço natal, feito pelo proprio bico de sua querida mãi, via seus jovens irmãosinhos saltitando de galho em galho, ora á caça de um insecto, ora á procura de uma semente e sempre contentes, sempre alegres.

— Que gozo! que felicidade, mas a felicidade é como o fogo de palha, em breve se extingue, e assim é que com um simples barulinho extinguira-se a passageira alegria do inconsciente captivo! elle voltára á realidade. Oh! angustia!... Oh! as malditas grades a separarem-n'o de sua mãi, de seus irmãos, de seus companheiros tão alegres... tão alegres!...

E o coitadinho experimenta uma sensação tão profunda que cahe inanimado! Estava morto!... Estava findo o seu captiveiro!

LUIZ HERMOGENES D. VENTURA

GALERIA DA INFANCIA

Helena Mesquita de Azevedo, filha do Sr. Tenente Cordolino de Azevedo, residente nesta capital.

—)::(o)::(—

Professor ao Simplicio Junior:

— Si eu me volto para leste e olho para o sol nascente, que é que me fica atraz?

— Sua sombra, professor.

—)::(o)::(—

Para quem acha muito grande o nome de Pindamonhangaba, eis o de um cidade ingleza um bocadinho maior: Liaupairpwllgwynllgogertysliogagogoch. Uffa!...

QUARTO MEZ — TRINTA DIAS

1—Terça-feira—S. Hugo.
2—Quarta-feira — S. Francisco de Paula.
3—Quinta-feira—S. Pancracio.
4—Sexta-feira—S. Ambrosio.
5—Sabbado—S. Geraldo.
6—**Domingo**—S. Celestino.
7—Segunda-feira—Santo Epiphanio.
8—Terça-feira—Santo Amancio.
9—Quarta-feira—S. Marcello.
10—Quinta-feira—S. Terencio.
11—Sexta-feira—Santo Isaac.
12—Sabbado—S. Constantino.
13—**Domingo**—S. Justino. Ramos.
14—Segunda-feira—S. Lamberto.
15—Terça-feira—S. Basilio.
16—Quarta-feira— S. Fructuoso. Trevas.
17—Quinta-feira— Santo Aniceto. Endoenças. Dia Santo.
18—Sexta-feira—Santo Appolonio. Paixão de N. S. Jesus Christo. Dia Santo.
19—Sabbado—S. Jorge. Alleluia.
20—**Domingo**—Nossa Senhora dos Prazeres. Paschoa. Resurreição de N. S. Jesus Christo. Dia Santo.
21—Segunda-feira— S. Anselmo. Tiradentes. (Feriado Nacional.)
22—Terça-feira—S. Leonidas.
23—Quarta-feira—S. Fortunato.
24—Quinta-feira—S. Alexandre.
25—Sexta-feira—S. Marcos.
26—Sabbado—S. Cleto.
27—**Domingo**—S. Toribio. Paschoela.
28—Segunda-feira—Patrocinio de São José.
29—Terça-feira—S. Hugo.
30—Quarta-feira—Santo Eutropio.

Commemora-se neste mez Tiradentes, appellido do alferes José Joaquim da Silva Xavier que tentou promover uma revolução em Minas Geraes para livrar o Brasil do dominio portuguez e proclamar a Republica. Denunciado por um trahidor, foi preso e enforcado no campo de manobras do Rio de Janeiro em 1792. Este mez era consagrado pelos Romanos a VENUS. Seu nome parece derivar de APERIRE (ABRIR), porque nesta época do anno a terra como que se abre para nos communicar as suas naturaes abundancias.

O CHORÃO

(LENDA)

Ao meu irmãosinho, Chiquinho Kruger

EXISTIA nos campos de Jerusalem, uma arvore, que era alvo da admiração e do culto daquelle povo.

Alta e esbelta, os seus galhos muito erectos, eram guarnecidos de verde e abundante folhagem. De tempos, a tempos a sua ramagem ficava mais densa e a sua côr revestia-se de um verde muito claro. Passados dias, ficava toda carregada de floresinhas brancas e aromaticas.

Então o povo reunia-se alli, e em torno della, organisavam-se alegres festejos. Divertiam-se todos o dia inteiro e á tarde ao retirarem-se todos, para terminar a festa — as creanças de mãos dadas faziam um circulo em redor della, e os rapazes mais fortes alli presentes, sacudiam o tronco da arvore. Aquellas brancas floresinhas cahiam como uma chuva de prata sobre aquelle grupo infantil! Diziam elles, que as creanças depois daquella ceremonia cresciam sempre alegres e cheias de sorte.

Quando Jesus foi a Jerusalem, passando por aquelles campos viu a arvore tão frondosa. Como fazia um sol muito ardente, Jesus, sentindo-se fatigado, deitou-se, com os seus discipulos á sombra d'ella para repousar. Era no tempo em que ella florescia. Jesus adormeceu. Quando acordou, ficou muito admirado, ao se ver coberto de mimosas e brancas petalas. Olhou para cima, e viu a arvore toda despida das suas graciosas flores. Parecia mais esbelta ainda, a sua cópa erecta e garbosa, ondulava mansamente, inclinando-se de vez em quando, como n'uma carinhosa saudação!

Os discipulos de Jesus, acordando tambem levantaram-se, e, rindo, sacudiam aquelle manto aromatico, que os tinha coberto. Jesus nada disse; mas ao partir acariciou com a mão, o tronco da arvore, e envolvendo-a com o seu olhar meigo e doce, numa muda gratidão.

Mais tarde, quando Jesus foi condemnado a morte, passou por aquelle mesmo logar, vergado ao peso da cruz. Os escribas vendo a arvore subiram por ella, cortaram diversos galhos, fizeram delles umas varas em fórma de chibatas e começaram a bater desapiedadamete em Jesus, até aquelles galhos ficarem em pedaços!

No dia seguinte, as pessoas que alli passavam, habituadas a verem aquella soberba arvore, pararam assombradas! Que transformação estranha se operára nella! Perdera aquella encantadora côr verde, e agora tinha uma côr amarellada como se estivesse murcha. Os seus galhos primeiro tão erectos, pendiam tristemente até o chão!

E a cópa elegante e orgulhosa, estava vergada como ao peso de uma grande dôr!

O que mais assombro, porém, causava, eram as suas flores.

Já não tinham aquella côr branca tão pura, eram rôxas... de dôr e de saudade. E quando o vento a agitava, os galhos se mexiam lentamente, e ouvia-se um rumor como de um soluço baixinho e doloroso!

E dahi lhe ficou para sempre o nome de "Chorão!"

CAIO GRACCHO KRUGER

AMIGOS D' "O TICO-TICO"

Orlando Brandão Fidalgo, assiduo leitor d' "O Tico-Tico", residente nesta capital.

)::(o)::(

Calino filho pergunta ao papá:

— Será verdade que os ovos aclaram a voz?

— E' uma cousa certissima. Não vês como as gallinhas cantam alto assim que põem um ovo?...

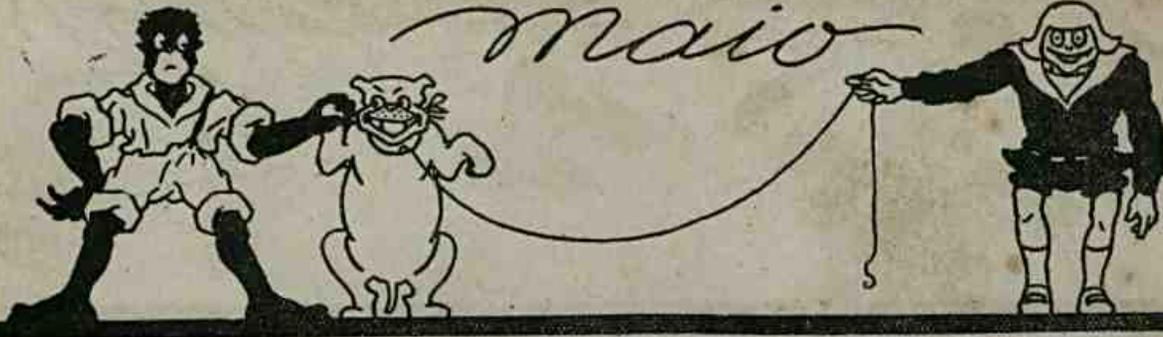
)::(o)::(

Criadas modernas:

— Dá licença?

— Que deseja?

— Quero saber si é aqui que mora uma mulher que precisa de uma senhora para cosinhar...

QUINTO MEZ — **TRINTA E UM DIAS**

1—Quinta-feira—S. Amador. Festa do Trabalho.
2—Sexta-feira—S. Athanasio.
3—Sabbado—S. Juvenal. Feriado. Anniversario do Descobrimento do Brasil.
4—**Domingo**—S. Floriano.
5—Segunda-feira — Maternidade de Nossa Senhora.
6—Terça-feira—S. Judith.
7—Quarta-feira—N. S. do Resgate.
8—Quinta-feira—S. Victor.
9—Sexta-feira—S. Gregorio Nanziazeno.
10—Sabbado—S. Aureliano.
11—**Domingo**—Santo Anastacio.
12—Segunda-feira—S. Nereu.
13—Terça-feira—N. S. dos Martyres. Feriado. Abolição da escravidão no Brasil.
14—Quarta-feira—S. Bonifacio.
15—Quinta-feira—S. Isidro.
16—Sexta-feira—Santo Honorio.
17—Sabbado—S. Paschoal.
18—**Domingo**—S. Eurico.
19—Segunda-feira—S. Cyriaco.
20—Terça-feira— S. Bernardino de Sena.
21—Quarta-feira—S. Mau[illegible]s.
22—Quinta-feira—S. Romão.
23—Sexta-feira—S. Basilio.
24—Sabbado—N. S. Auxiliadora.
25—**Domingo**—S. Bonifacio.
26—Segunda-feira—Santo Agostinho.
27—Terça-feira—Santo Olivio.
28—Quarta-feira—S. Germano.
29—Quinta-feira—S. Procopio.
30—Sexta-feira—Santa Emilia.
31—Sabbado—Santa Petronilla.

A abolição da escravidão foi um dos actos mais importantes da nossa historia. No Brasil não havia gente de côr, a não serem os indios. Mas alguns negociantes portuguezes tiveram a ideia de ir á Africa buscar negros selvagens, que traziam, prisioneiros e que vendiam como escravos. Desde que o Brasil fez sua independencia, tratou logo de acabar com esse mal, que se tornava cada vez maior, porque os pretos que nasciam aqui, filhos dos primeiros escravos, eram tambem escravos. Foi o senador Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, quem fez a primeira lei atacando a escravidão. Esse illustre estadista prohibiu que trouxessem mais pretos para o Brasil. Em 28 de Setembro o visconde do Rio Branco fez a lei declarando livres os filhos de escravos, que nascessem d'alli por deante. Em 13 de Maio de 1888 foi assignada pela princeza Izabel a lei da abolição elaborada pelo conselheiro João Alfredo e apresentada ao Parlamento pelo conselheiro Antonio da Silva Prado, acabando totalmente com a escravidão (1888). Mez de Maria. Este mez era consagrado pelos romanos a APOLLO. Foi-lhe dado o seu nome em honra dos velhos (MAIUS a MAJORIBUS). Era o 3º mez do anno romano.

O testamento

UM ilhéo em artigo de morte, quiz mostrar-se grato a um amigo que o tratára pacientemente durante sua longa e penosa enfermidade; por isso fez testamento.

Deixava um cavallo, que pedia ao amigo vender a fim de mandar o importe a seus parentes na ilha Terceira, e um cão que lhe legava em signal de reconhecimento pelos seus bons serviços.

O amigo não se mostrou agastado com tão estranha liberalidade.

Procurou vender o cavallo em hasta publica, mas, disse á primeira pessoa que se apresentou para apreçal-o. Eu não vendo o cavallo sem o cão.

— E quanto quer por ambos?

— Pelo cavallo cinco mil réis e pelo cão cincoenta.

O comprador vendo que lucrava na compra fechou o trato e o herdeiro cumprindo fielmente o que lhe fôra recommendado no testamento remetteu cinco mil réis para a ilha Terceira.

VICTOR DA CUNHA MÓRA

———)::(o)::(———

Num hotel, um hospede muito feio chama o criado e reclama:

— Veja este espelho! Está tão sujo que é impossivel me mirar nelle.

— Pois olhe: o senhor devia agradecer isto em vez de reclamar...

FOOTBALLER

Edson, goal-keeper do 141 Football Club, filho do Sr. Tenente José Gaspar, residente em Catende, Estado de Pernambuco.

Noite de Natal

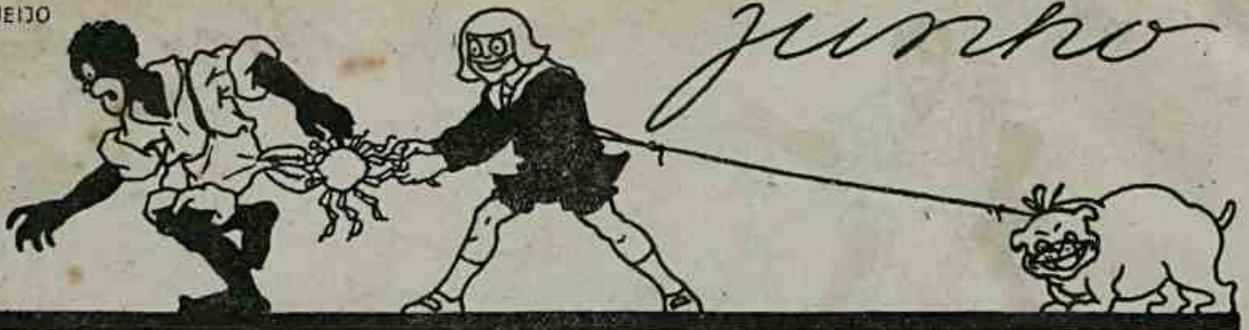
NOITE, noite de Natal,
Noite sobre todas santa,
Isenta de todo o mal,
Feita de puro crystal,
Noite augusta, sacrosanta!

Noite, noite em que Maria,
Cheia de graça e de luz,
Entregou á luz do dia
O Deus-Menino Jesus,
Nossa luz, nossa alegria!

Quantas luzes nos altares
Das ermidas mais modestas!
Que sons alegres nos ares!
Que festa em todos os lares!
Bôas festas, bôas festas!

JERONYMO CASTILHO

———)::(o)::(———

SEXTO MEZ — **TRINTA DIAS**

1—**Domingo**—S. Fortunato.
2—Segunda-feira—Santo Erasmo.
3—Terça-feira—Corpo de Deus.
4—Quarta-feira—Santa Saturnina.
5—Quinta-feira—S. Bonifacio.
6—Sexta-feira—S. Claudio.
7—Sabbado—S. Gilberto.
8—**Domingo**—S. Severino.
9—Segunda-feira—S. Paulo da Cruz.
10—Terça-feira—Santa Margarida.
11—Quarta-feira — Festa do Coração de Jesus.
12—Quinta-feira—Santo Adolpho.
13—Sexta-feira — Santo Antonio de Lisboa e de Padua.
14—Sabbado—S. Basilio Magno.
15—**Domingo**—S. Modesto.
16—Segunda-feira—N. S. do Soccorro.
17—Terça-feira—Santo Anatolio.
18—Quarta-feira—S. Marcellino.
19—Quinta-feira—S. Gervasio.
20—Sexta-feira—S. Macario.
21—Sabbado—S. Luiz Gonzaga.
22—**Domingo**—S. Paulino.
23—Segunda-feira—Santa Aggripina.
24—Terça-feira — Nascimento de São João Baptista.
25—Quarta-feira—S. Guilherme.
26—Quinta-feira—Santo Antelmo.
27—Sexta-feira—Santo Adelino.
28—Sabbado—Santo Irineu.
29—**Domingo**—S. Pedro e S. Paulo, apostolos.
30—Segunda-feira—S. Marçal.

Este mez era consagrado pelos romanos a MERCURIO. O seu nome deriva-se de JUNO, ou de JUNIO-BRUTO. Era o quarto mez do anno romano.

A resposta de Deus

COMO é agradavel conversar com as creanças! Têm ingenuidades e candores que fazem rir muitas vezes, e não poucas excitam as lagrimas.

Ha algum tempo, Laurinha, a pequenita de dez annos, tão fresca e tão bella, que, como dizem todos, parece uma rosa que anda, contava-me o seguinte, que não tenho podido esquecer e hoje me disponho a escrever.

"— Lili, a minha amiguinha, que tem pouco mais ou menos a mesma edade que eu, ficou orphã não ha muito, pois lhe morreram os pais que a mantinham com o seu trabalho, e ficou vivendo com a sua avósinha, que já não pode andar de tão velha, nem se entende o que fala, porque não tem nenhum dente.

Passam tantas pobrezas a velhinha e a menina, que ha dias em que almoçam só, e outros em que só tomam um pedaço de pão e um copo d'agua.

No outro dia mandaram Lili dar um recado á lavadeira e achou jogado no chão, no meio da rua, um sello de cincoenta réis, limpo e novinho. E, não sabes o que fez? Pediu-me um pedaço de papel e um enveloppe, e escreveu uma carta a Deus.

— A Deus?

— Sim, ao Deus do céo, dizendo-lhe que ella e sua avósinha não tinham o que comer, nem roupa que vestir, nem cama onde dormir, nem pessoas que as ajudassem, e que por muito que ella rezasse todos os dias o Padre-Nosso, nunca tinha pão e se via obrigada a escrever a Deus, que dá tudo, para que se lembrasse della, pois Elle era o unico que lhe restava no mundo.

Fechou a carta, escreveu no enveloppe: "A Deus Nosso Senhor — No Céo", e, cheia de fé, foi pol-a no correio.

Chegou a hora de recolher a correspondencia pela tarde, e o velho carteiro, ao recolher as cartas, deparou, ao revisal-as, com a da menina, e não queria crer no que dizia aquelle sobrescripto. "Ha de ser de algum louco", pensou, e abrindo-o, com curiosidade poz-se a ler o seu conteudo.

As lettras, como patas de moscas, os numerosos disparates orthographicos, as linhas torcidas, convenceram-n'o de que era uma menina, a autora, e mais quando leu a seguinte postdata: "Responde-me, meu Deus, á rua X *, numero 4, pateo terceiro, quarto numero 2, pois tenho já muita fome; hoje ainda não comi."

O carteiro era um honrado pai de familia, tinha filhos e netos; quando acabou de lel-a ficou com os olhos rasos de lagrimas; levou a carta e foi lel-a com interesse aos do seu mesmo officio, á hora em que estão reunidos no seu departamento para distribuirem a correspondencia da cidade.

Commoveram-se quasi todos, e alguns tiveram a ideia de abrir immediatamente uma subscripção para soccorrerem a menina, convidando para essa obra de caridade alguns dos empregados superiores.

O exito foi brilhante; reuniram-se cerca de vinte pesos. O carteiro collocou os numa bolsinha de panno e na manhã seguinte apresentou-se antes da sete, no numero 1, da rua X, pateo terceiro, quarto n. 2, e perguntou:

— Móra aqui a menina Lili X?

— Sou eu, sou eu! Sahiu gritando uma menina pallida e doentinha.

— Aqui te trago isto — disse o carteiro, entregando-lhe a bolsa.

— E o que é isto?

— Isto — respondeu o velho muito commovido — é a resposta de Deus."

Traduzido do hespanhol por Maria Luiza Sierra.

Simplicio entra num armarinho:

— Faça o favor de me dar mil réis de fivellas...

— Prompto...

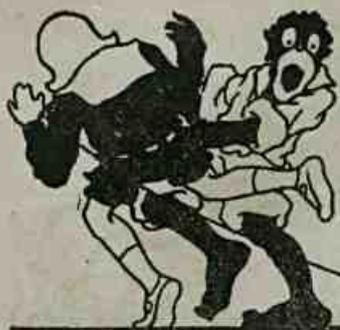
— Quanto devo?

A mãi faladora (com impaciencia não reprimida):

— Guilherme, não se interrompe a mamã emquanto ella está falando!

Guilherme (com petulancia):

— Então a mamã quer que eu esteja calado todo o tempo?

SETIMO MEZ — **TRINTA E UM DIAS**

1—Terça-feira—S. Simião.
2—Quarta-feira—Visitação de Nossa Senhora.
3—Quinta-feira—S. Jacintho.
4—Sexta-feira—Preciosissimo Sangue de Jesus.
5—Sabbado—Santo Athanasio.
6—**Domingo**—Santa Angela.
7—Segunda-feira—S. Firmino.
8—Terça-feira—S. Procopio.
9—Quarta-feira—Santa Veronica.
10—Quinta-feira — S. Januario e Seus Companheiros.
11—Sexta-feira—N. S. do Patrocinio.
12—Sabbado—S. Nabor.
13—**Domingo**—Santo Anacleto.
14—Segunda-feira—S. Boaventura (Tomada da Bastilha, Feriado Nacional).
15—Terça-feira—Santo Henrique.
16—Quarta-feira—N. S. do Carmo.
17—Quinta-feira—Santo Aleixo.
18—Sexta-feira—Santo Arnaldo.
19—Sabbado—S. Vicente de Paulo.
20—**Domingo**—Santo Elias.
21—Segunda-feira—S. Claudio.
22—Terça-feira—S. Platão.
23—Quarta-feira—S. Liborio.
24—Quinta-feira—S. Bernardo.
25—Sexta-feira — Sant'Anna, Mãi de Nossa Senhora.
26—Sabbado—S. Olympio.
27—**Domingo**—S. Mauro.
28—Segunda-feira—S. Celso.
29—Terça-feira—S. Olavo.
30—Quarta-feira—Santo Abdão.
31—Quinta-feira — Santo Ignacio de Loyola.

Este mez era consagrado a JUPITER. Seu nome deriva de JULIO CESAR, o reformador do calendario romano. Tinha primitivamente o nome de QUINTILIS, por ser o quinto mez do anno no calendario de Romulo.

O sonho de Zé Pennacho

UMA vez um gallo e uma gallinha combinaram viajar juntos.

O gallo, que não gostava de andar a pé, mandou fazer uma carruagem com quatro rodinhas. Pegou quatro camondongos, e amarrou-os ao carro como cavallos. Depois entrou com a gallinha e sahiram pelo caminho a fóra.

Encontraram um gato, que disse:

— Onde vai, D. Gallo ?

— Vou a casa de Zé Pennacho.

— Leva-me com você ?

— Pois não ; sente-se atraz, porque na frente você pode cahir. Agóra rodem e corram meus camondongos, senão será tarde para acharmos Zé Pennacho em casa.

No caminho encontraram um tijolo, um alfinete, um marréco, um ovo, e uma agulha. Cada um delles pediu ao gallo que os levasse na carruagem, e o gallo os levou.

Quando chegaram á casa de Zé Pennacho, este já tinha sahido : por isso os camondongos levaram a carruagem e guardaram na cozinha. O gallo e a gallinha treparam no poleiro, o gato deitou-se no borralho, o marréco pulou para o tacho de agua, o ovo enrolou-se na toalha, o alfinete entrou num colchão, e o tijollo não tendo onde ficar deitou-se em cima de um portal.

D'ahi a pouco Zé Pennacho chega Como estava escuro elle foi atiçar o fogo, e o gato lhe atirou um punhado de cinza na cara. Elle vai correr, tropeça na carruagem e cahe. Levanta-se vai lavar a cara no tacho, o marréco lhe esguicha agua nos olhos. Elle péga na toalha para enxugar, o ovo quebra-se e lhe escorre pela cara abaixo.

E com tanto desastre junto elle ficou zangado e procurou a cadeira para descansar ; mas quando foi assentar-se a agulha o espetou no assento.

Elle salta furioso para cima da cama, mas o alfinete finca-lhe no corpo.

Elle pula no chão e sahe desesperado a correr pela porta afóra, mas esbarra no portal, embalança-o, e o tijollo cahe-lhe na cabeça.

Zé Pennacho cahiu e... acordou-se. Estava no chão, com a cama, o colchão e o travesseiro sobre elle.

Fóra um sonho que tivéra.

Jóta X.

UM GRANDE ARTISTA

Os visinhos andavam intrigados: quem seria aquelle homem, aquelle visinho, que cada dia passeava vestido ora de senhor da edade média...

...ora com o habito a Luiz XV ? Todos o admiravam e respeitosamente o saudavam. — Deve ser um grande artista ou um nobre fidalgo.

E com certeza o devia ser, pois uma das vezes que passeava viram-no vestido com o habito dos cruzados de Ricardo Coração de Leão.

OITAVO MEZ — TRINTA E UM DIAS

1—Sexta-feira—S. Leoncio.
2—Sabbado—N. S. dos Anjos.
3—Domingo—S. Cassiano.
4—Segunda-feira—S. Domingos.
5—Terça-feira—N. S. das Neves.
6—Quarta-feira — Transfiguração do Senhor.
7—Quinta-feira—S. Alberto.
8—Sexta-feira—S. Cyriaco.
9—Sabbado—S. Romão.
10—Domingo—S. Lourenço.
11—Segunda-feira—Santa Suzana.
12—Terça-feira—Santa Clara.
13—Quarta-feira—Santa Aquila.
14—Quinta-feira—N. S. da Bôa Morte.
15—Sexta-feira—Assumpção de Nossa Senhora.
16—Sabbado—S. Roque.
17—Domingo—S. Juliano.
18—Segunda-feira—S. Joaquim, Pai de Nossa Senhora.
19—Terça-feira—S. Magno.
20—Quarta-feira—S. Samuel.
21—Quinta-feira—Santa Umbelina.
22—Sexta-feira—S. Thimoteo.
23—Sabbado—S. Donato.
24—Domingo—S. Bartholomeu.
25—Segunda-feira — S.S. Coração de Maria.
26—Terça-feira—S. Zeferino.
27—Quarta-feira—S. José de Calazans.
28—Quinta-feira—Santo Agostinho.
29—Sexta-feira—Deg. de S. João Baptista.
30—Sabbado—S. Fiacrio.
31—Domingo—S. Cecidio.

Este mez era consagrado a CÉRES. Seu nome vem de AUGUSTO, imperador romano, que o compoz de 31 dias. Anteriormente era chamado SEXTILIS, por ser o sexto mez no anno romano.

Uma tempestade

O dia declinava.

No horizonte, de uma côr esbrazeada pelos ultimos reflexos do sol daquelle dia de verão, amontoavam-se nuvens espessas.

O ar extraordinariamente quente, suffocante; a columna barometrica extremamente baixa e aquellas ameaçadoras nuvens que se distendiam lentamente davam áquella tarde um aspecto simplesmente terrivel.

E' que a natureza preparava-se para lutar contra os elementos.

A tempestade approximava-se.

A' medida que o céo se entenebrecia pelas grossas nuvens, tambem o sol agonizando fazia com que a tarde morresse.

Subito forte trovão atroou nos ares, rijo tufão soprou inclemente por alguns momentos e logo apoz cahiam pesadamente sobre a terra turbilhões d'agua que se precipitavam dos espaços, desordenadamente.

A noite chegava e com ella os primeiros horrores do medonho temporal. Os trovões succediam-se formidaveis, fuzis continuos aclaravam os espaços em furia. Era um concerto horrivel, um espectaculo pavoroso.

. . . .

7 1|2 da noite. A tempestade durára uma hora, hora de temores e de preces.

Agora, porém, tudo se acalmára.

O ar puro e leve, tão puro e tão leve como a propria bonança, estava embalsamado pelos perfumes que se desprendiam das flores

Tudo era calma e socego; a natureza vencera.

No céo, limpido e purissimo, destacava-se sublime a lua; que na sua palidez assemelhava-se a um semblante de marmore branco envolto em um manto de um azul finissimo salpicado de perolas celestes—as estrellas.

PHILEMONT LOPES AMADOR

No dia de Natal:

— Então, Julinho! Gostaste do presente de Pápá-Noel?

— Não.

— Como? Então não gostaste do automovel?

— Sim; do automovelzinho gostei, mas para que deixou elle papel, tinta e caneta, se sabe que eu não sei escrever

Por

FIORA-FIORIUS
(Palmyropolis)

UM GRANDE ARTISTA (Continuação)

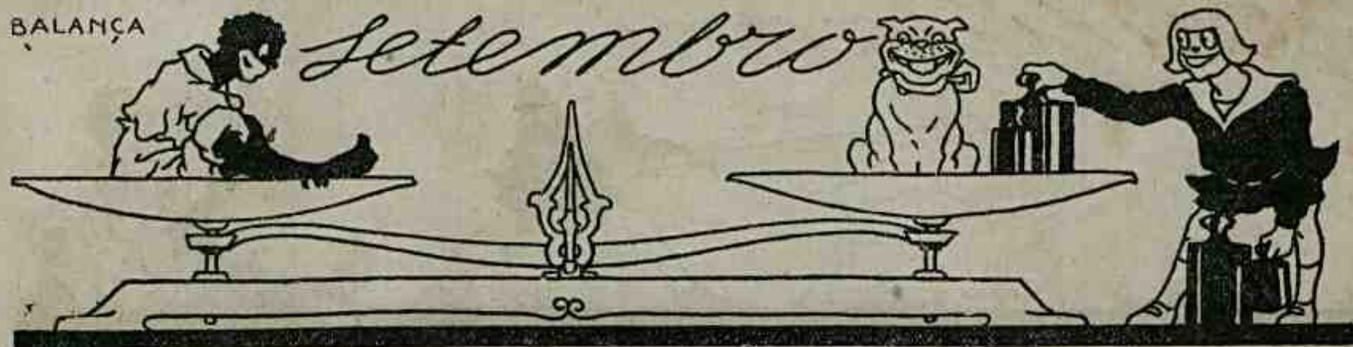
O capitão Lençorrôto, um dos visinhos, disse um dia á mulher: — Vou travar relações com o visinho nobre! Será uma honra para nós! De facto, encontrando-se numa...

...confeitaria com o *nobre*, convidou-o para jantar em sua casa. O convite foi acceito e, em meio do repasto, Lençorrôto perguntou ao seu convidado como podia possuir tantos...

...habitos nobres. — Não possúo nenhum, senhor — respondeu o *nobre* — Lavo as roupas dos theatros e visto-as para que sequem depressa. Lençorrôto desmaiou.

BALANÇA

Setembro

NONO MEZ — **TRINTA DIAS**

1—Segunda-feira—S. Constancio.
2—Terça-feira—N. S. da Penha.
3—Quarta-feira—Santa Dorothéa.
4—Quinta-feira—Santa Rosalia.
5—Sexta-feira—S. Bertino.
6—Sabbado—S. Zacarias.
7—**Domingo**—S. Anastacio (Independencia do Brasil—Feriado Nacional).
8—Segunda-feira—Natividade de Nossa Senhora.
9—Terça-feira—S. Sergio.
10—Quarta-feira—Santa Pulcheria.
11—Quinta-feira—S. Didimo.
12—Sexta-feira—S. Juvencio.
13—Sabbado—Santo Amado.
14—**Domingo** — Exaltação da Santa Cruz.
15—Segunda-feira—N. S. das Dôres.
16—Terça-feira—Santa Edith.
17—Quarta-feira—S. Flocello.
18—Quinta-feira—S. José Cupertino.
19—Sexta-feira—S. Pomposa.
20—Sabbado — Santo Eustachio (Lei organica do Districto Federal).
21—**Domingo**—S. Matheus.
22—Segunda-feira—S. Thomaz.
23—Terça-feira—S. Lino.
24—Quarta-feira—N. S. das Mercês.
25—Quinta-feira—Santo Herculano.
26—Sexta-feira—S. Cypriano.
27—Sabbado—S. Terencio.
28—**Domingo**—S. Wenceslão.
29—Segunda-feira—S. Miguel Archanjo.
30—Terça-feira—S. Leopardo.

Este mez foi consagrado a VULCANO. O seu nome provem do latim SEPTEMBER, setimo mez do anno romano. Foi denominado em diversas épocas TIBERIUS, GERMANICUS, ANTONIUS e HERCULEUS.

— Eu já vi um homem sem mãos tocar piano.

— Isso não é nada, comparado com o que faz uma visinha que mora no segundo andar do meu predio.

— Por que? Que faz ella.

— Canta sem voz!...

Professor — O elephante é um animal, nocivo ou não?

O alumno — Nocivo...

Professor — Por que é?

O alumno — Porque é com os seus dentes que se fabricam os teclados dos pianos.

CURIOSO EFFEITO DE OPTICA

Este cavalleiro, olhado á primeira vista, parece que se afasta, e observado com mais attenção dá ideia de que se approxima de nossos olhos. O seu cãosinho, entretanto, nos orienta e mostra que na realidade o cavalleiro se afasta.

Geographia atrapalhada

Areia — substancia mineral, que é cidade e municipio da Parahyba.

Bem-te-vi — passaro, que é ilha do Japurá.

Bezerro — animal, que é municipio de Pernambuco.

Ceia — refeição, que é cabo de Portugal.

Caldo — alimento, que é rio de Portugal.

Canoas — pequena embarcação, que é rio do Estado de Santa Catharina.

Chave — instrumento, que é cidade.

Diabo — Genio do mal, que é ilha do rio Nuno.

Lima — fructa, que é capital de uma Republica.

Leão — animal feroz, que é cidade da Nicaragua.

Luz — claridade, que é cidade do Mexico.

Perú — ave, que é Republica.

Eu — pronome pessoal, que é cidade da França.

America — Uma das cinco partes do mundo, que é nome de mulher.

LUIZ FREITAS GUIMARÃES

O Pedroso está doente:

— Então, doutor... qual é o meu estado?

— Mal, positivamente mal. Qualquer emoção forte poder-te-á ser fatal.

— Então doutor, para que me mandou já a conta!?

O tenente Desdito ordena:

— Vá ao regimento X... e chame a ordenança do capitão Trestrez.

— Sim, meu tenente.

O militar voltou sobre os calcanhares e partiu.

Passou-se um quarto de hora. O soldado volta.

Feitas as devidas continencias, o tenente interroga:

— Então?!...

— Seu tenente, a ordenança do capitão Trestrez, sou eu!...

PATOS... DE SAPATOS

De paletots bem talhados,
Collarinhos, e até botas,
Vão fazer os seus "Reisados"
Estes dois patos janotas.

DECIMO MEZ — **TRINTA E UM DIAS**

1—Quarta-feira—S. Anjo da Guarda.
2—Quinta-feira—S. Eleuterio (Festa da Creança).
3—Sexta-feira—S. Maximiano.
4—Sabbado—S. Francisco de Assis.
5—**Domingo**—S. Placido.
6—Segunda-feira—N. S. do Rosario.
7—Terça-feira—Santa Julia.
8—Quarta-feira—Santa Brigida.
9—Quinta-feira—S. Andronico.
10—Sexta-feira—Santa Eulampia.
11—Sabbado—S. Firmino.
12—**Domingo**—S. Serafim. (Descoberta da America. Feriado Nacional).
13—Segunda-feira—S. Daniel.
14—Terça-feira—S. Calixto.
15—Quarta-feira— Santa Thereza de Jesus.
16—Quinta-feira—S. Martino.
17—Sexta-feira—Santa Edwiges.
18—Sabbado—S. Lucas.
19—**Domingo**—S. Pedro de Alcantara.
20—Segunda-feira—S. João Cancio.
21—Terça-feira—Santa Ursula.
22—Quarta-feira—S. Maria Salomé.
23—Quinta-feira—S. Domicio.
24—Sexta-feira—S. Raphael Archanjo.
25—Sabbado—S. Chrispim.
26—**Domingo**—S. Evaristo.
27—Segunda-feira—S. Frumencio.
28—Terça-feira—S. Simão.
29—Quarta-feira—S. Valentim.
30—Quinta-feira—S. Serapião.
31—Sexta-feira—Santa Lucila.

Este mez foi consagrado a MARNE. O seu nome provém de OCTOBER, oitavo mez do anno de ROMULO. Commemora-se no dia 12 deste mez a descoberta da America pelo navegador genovez Christovão Colombo (1492).

Album infantil

André Brito Soares, nosso amiguinho residente nesta Capital

Conselhos

Varios estudantes, divertiam-se no Passeio Publico, a atirar pedras nos garotos. Um velho sexagenario acerca-se delles e diz:

— Meus "netinhos", permittam que lhes dê um conselho:

— Nunca atirem pedras em plena rua, porque, como dizia um moralista antigo, podem cahir sobre seus pais...

— E eu, meu "vôvôsinho" — interrompeu um dos collegiaes — tambem lhe vou presentear com um: — Nunca se exponha a receber pedradas publicamente...

JURANDYR V. GOMES

Dicionario de fantasia

Rosa — flor, que é nome.
Carneiro — animal, que é sobrenome.
Tico-Tico—revista, que é passaro.
Branco — côr, que é sobrenome.
França — paiz, que é sobrenome.
Palmyra — queijo, que é nome.
Cunha — ferramenta, que é sobrenome.
Margarida — flor, que é nome.
Thesoura — instrumento cortante, que é passaro.
Formiga — insecto, que é appellido.
Madeira — ilha, que é sobrenome.
Coelho — animal, que é sobrenome.
S. Francisco — rio, que é santo.
Sereno — orvalho da noite, que é sobrenome.
Ladeira—subida, que é sobrenome.
Periquito — planta, que é passaro.

WALDEMAR GRAZIOLI

A NOITE DE NATAL

LUIZINHO era um menino obediente, trabalhador mas... um pouco guloso. Era sobretudo um menino muito estudioso.

Na vespera do Natal, Luizinho escutou um menino dizer que naquella noite ia pôr seus sapatos juntos a chaminé para Papá Noel enchel-os de brinquedos. Muito scismado, o menino voltou para casa e, sem dizer nada a avó, poz-se a enfeitar seus tamanquinhos para o Papá Noel enchel-os com muitos brinquedos.

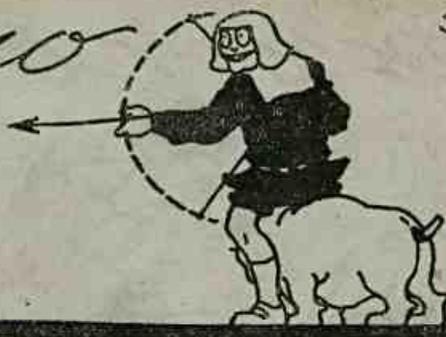
A avó, vendo o ardor com que o menino enfeitava os tamancos, poz-se a meditar como poderia ella enchel-os pois era tão pobre!

Breve chegou a noite. A avó foi preparar a ceia, emquanto Luiz limpava um canto da sala onde elle poz alinhados os dois tamancos.

Na manhã seguinte, ó surpreza! Um dos tamancos estava com um soberbo cavallo, emquanto outro continha pacotes de bonbons. O menino ficou sempre pensando que aquelles presentes foram dados por Papá Noel, mas nunca reparou que a avó já não trazia no dedo o annel, sua unica fortuna.

ALVARO DAVAL

Nossos leitores

Ricardo Alves Braziellas, um dos maiores admiradores d'"O Tico Tico"

DECIMO PRIMEIRO MEZ — TRINTA DIAS

1—Sabbado—Todos os Santos.
2—Domingo— S. Nectario. Finados. (Feriado Nacional).
3—Segunda-feira—Santa Sylvia.
4—Terça-feira—S. Carlos Barromeu.
5—Quarta-feira—S. Zacharias.
6—Quinta-feira—S. Leonardo.
7—Sexta-feira—S. Willibrodo.
8—Sabbado—S. Godofredo.
9—Domingo—S. Theodoro.
10—Segunda-feira—Patrocinio de Nossa Senhora.
11—Terça-feira—S. Mennas.
12—Quarta-feira—Santo Aurelio.
13—Quinta-feira—S. Eugenio.
14—Sexta-feira—S. Clementino.
15—Sabbado—S. Ricardo. (Proclamação da Republica. Feriado Nacional).
16—Domingo—S. Edmundo.
17—Segunda-feira—N. S. do Amparo.
18—Terça-feira—S. Romão.
19—Quarta-feira— Santa Isabel. Festa da Bandeira. (Feriado).
20—Quinta-feira—S. Simplicio.
21—Sexta-feira—Apresentação de Nossa Senhora.
22—Sabbado—S. Cecilia.
23—Domingo—S. Clemente.
24—Segunda-feira—S. João da Cruz.
25—Terça-feira—S. Catharina.
26—Quarta-feira—Santa Victorina.
27—Quinta-feira—S. Severino.
28—Sexta feira—S. Gregorio III.
29—Sabbado—S. Saturnino.
30—Domingo—Santo André.

Este mez era consagrado a DIANA. O seu nome provém de NOVEMBER, por ter sido o nono mez do calendario de ROMULO. Como alguns dos precedentes, tambem teve diversos nomes de heróes romanos. Commemora-se neste mez, no dia 15, a proclamação da Republica, que se verificou em 1889, e a 19 a FESTA DA BANDEIRA, isto é, o anniversario da escolha da Bandeira Nacional

Infame torpeza

—:o:—

Confessastes tudo? — disse um veneravel abbade a um peccador em confissão.

— Não. — replicou o ultimo — Tenho um outro peccado em minha consciencia: roubei um relogio; quereis acceital-o?

— Eu! — disse o padre offendido — como ousais insultar-me e á minha sagrada profissão de tal modo? Entregae o relogio immediatamente ao dono!

— Eu já o offereci para restituil-o, e elle recusou; por isso vos peço acceital-o.

— Cessae de insultar-me, — disse o abbade — vós deveis offerecel-o novamente.

— Eu assim fiz — replicou o ladrão — e elle declarou não querer recebel-o.

— Neste caso — disse o santo e insuspeito pai — posso absolver-vos; mas eu vos ordeno finalmente não commetter mais furtos.

Logo depois da sahida do penitente o cura descobriu que o seu relogio tinha sido roubado dum prego onde costumava pendural-o; e então percebeu que o impio ladrão tinha lh'o offerecido e que elle recusára acceitar a sua propriedade.

—

(Traduzido do inglez por José Reis.)

Primeira Communhão

A graciosa Maria de Lourdes Pacheco Pereira, filha do Dr. Francisco P. Pereira, juiz de Direito em Jequié, Estado da Bahia.

Depois de ter dansado uma polka, Henrique acompanha o par até a cadeira que ella occupava. Mas, em vez de se retirar, fica ao pé della.

— Deseja alguma cousa? — pergunta-lhe ella.

— O meu chapéo, que tem a honra de se encontrar agora na mesma cadeira de V. Ex.

O GATO ENDIABRADO

—:o:—

— Sae, sae gato, diz Leontina,
Que teimosia sem fim!
Em cima de meu vestido
Todo de seda e setim.

II

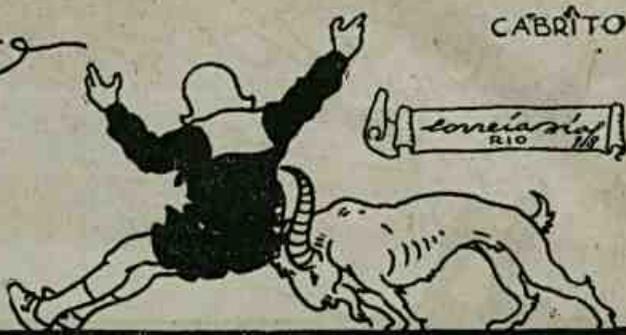
Não vês que é um vestido
Que não me ficou barato?
Não o achas bom de mais
Para ser cama de gato?

III

Mas que gato endiabrado!
Não ha meios de sahir!
O meu vestido de seda
Jurou de lama tingir.

IV

— Elisa leva esse gato!
Foi-se embora até que emfim
Já sahiu do meu vestido,
Todo de seda e setim.

MARIA CASAES RIBEIRO

DECIMO SEGUNDO MEZ — **TRINTA E UM DIAS**

1—Segunda-feira—S. Cassiano.
2—Terça-feira—Santa Bibiana.
3—Quarta-feira—S. Francisco Xavier.
4—Quinta-feira—Santa Barbara.
5—Sexta-feira—S. Dalmacio.
6—Sabbado—S. Nicolau.
7—**Domingo**—Santo Ambrosio.
8—Segunda-feira—Conceição de Nossa Senhora.
9—Terça-feira—Santa Leocadia.
10—Quarta-feira—S. Melchiades.
11—Quinta-feira—S. Damaso.
12—Sexta-feira—S. Justino.
13—Sabbado — Santa Luzia.
14—**Domingo**—Santo Agnello.
15—Segunda-feira—S. Valeriano.
16—Terça-feira—Santa Albina.
17—Quarta-feira—Santa Vivina.
18—Quinta-feira—N. S. do Parto.
19—Sexta-feira—S. Nemezio.
20—Sabbado—S. Eugenio.
21—**Domingo**—S. Thomé.
22—Segunda-feira—Santo Honorato.
23—Terça-feira—S. Servulo.
24—Quarta-feira—Santa Irminia.
25—Quinta-feira—Natal. (Feriado por tradição).
26—Sexta-feira—S. Estevão.
27—Sabbado—S. João Evagelista.
28—**Domingo**—Os Santos Innocencios.
29—Segunda-feira—S. Thomaz.
30—Terça-feira—S. Anyzio.
31—Quarta-feira—S. Silvestre.

Este mez era consagrado a VESTA. O seu nome vem de DECEMBER, decimo mez do calendario romano. Sob o imperador COMMODO recebeu o nome de Amazonius. Do dia 25 a 31 o povo considera periodo de FESTA DO NATAL.

CARIDADE SUPREMA

Para ser dito por uma menina de 12 a 15 annos

ão sei se a todos acontece o mesmo, commigo foi sempre assim: quando faço um beneficio meu coração agradece-me e sinto-me como envolta em felicidade.

O pão que se dá a um pobre, o remedio que se leva a um enfermo, o conforto com que se acode a um triste, a mão que se offerece a um cego, o carinho com que se ameiga um orphão são outras tantas esmolas que Deus retribue em bençãos.

A Caridade é a virtude da Natureza.

Todos os elementos são generosos e praticam discretamente o bem segundo o preceito do Evangelho. Desde o sol até a gotta dagua tudo nos favorece: é a terra produzindo, são as aguas regando, é a luz aquecendo e brilhando, é o ar, é a nuvem, é a onda bravia, é tudo. Tudo que existe soccorre-se para resistir.

O rochedo nú, isolado no oceano, um dia recebe do vento a esmola de um grão de terra; guarda-o, vem outro, outro chega e vão-se todos ajuntando em uma fenda até que sobre elles cahe uma semente. Abrigada, ali [illegible]edra, rebenta, explue em haste, viça, cresce, erige caule, sóbe, abre uma palma, é o coqueiro. E o rochedo, até bem pouco deserto, apparece enriquecido com um habitante e esse habitante é um colonizador que espalha germens e, deixando cahir do seu tronco as folhas seccas, vai com ellas formando detrictos ou berços para a prole como a ave tira de si as plumas com que alfombra os ninhos e, em pouco, ha toda uma colonia verde e a pedra núa e esteril transforma-se em ilha virente e onde só piavam aves marinhas apparece o homem, semeador de searas e pastor de rebanhos e logo se accende o lume hospitaleiro e o fumo desfralda-se nos ares como a flammula domestica. E' a vida.

E quem a iniciou? um grão de terra, esmola do vento do mar.

E a Natureza é eterna porque os elementos se coadjuvam, acudindo-se reciprocamente.

Alagam-se os campos com o transbordamento dos rios. Logo se accende o sol e sorve as aguas. Reseccam-se as varzeas com as longas estiagens, as nuvens incham no espaço e rebentam em chuva, que é o balsamo que sára as feridas da terra, calcinada pelas soalheiras.

A arvore perece, mas o solo, que lhe guardou a semente, fal-a resurgir de si mesma. Assim é a Caridade na Natureza e porque não ha de ser assim entre os homens, que trazem em si a essencia de Deus?

A esmola não é só o que se dá a um mendigo senão tambem o que se faz pelas creaturas que nos cercam. Um pouco d'agua que se lança a uma raiz sedenta é esmola que a planta agradece com a flôr e com o fruto. Nós é porque não prestamos attenção á Natureza, se o fizessemos veriamos a gratidão manifestada em tudo. Compare-se uma terra lavrada com a charnéca: em uma a fartura; em outra a esterilidade e, além da fartura ha, na lavoura feliz, o perfume, ha o conforto, ha a belleza, ha a segurança. E na charnéca? tudo é maninho: pedras, silvedos espinhosos, seccura e viboras.

O sol não nos allumia a nós sómente, nem as aguas correm apenas para a nossa sede. Assim como recebemos a munificencia da luz e os beneficios dos mananciaes, delles tambem participam todas as creaturas da terra, sahidas das mesmas mãos que nos tiraram do Nada.

Tudo é caridade e tanto vale dar um pão ao que tem fome, cobrir a nudez do que tem frio, acalmar a febre de um enfermo, consolar um triste como alumiar a alma de um ignorante, lançando por ella, como uma semeadeira de luz, esse punhado de estrellas que se chama o alphabeto.

Tirar de si o suprefluo e dal-o ao necessitado é tornar-se mais leve para subir ao céo. Só o homem é ambicioso.

A economia é ordem, a avareza é vicio. A arvore economisa nas proprias raizes aproveitando as folhas que cahem, mas não nega o seu ramo ao passaro, que nelle suspende o ninho, não recusa a sua sombra ao que a procura, o mel das suas flôres dá-os ás abelhas e os seus frutos pendem maduros ao alcance de quem passa.

Como a vida seria encantadora se os homens se considerassem irmãos!

Infelizmente, porém, parece que o primeiro exemplo de fraternidade, dado ás portas do Paraiso, foi o que ficou como regra. Porque não desapparece Cain? Pois ha de viver eternamente o sanguinario profanador da Vida? E' possivel que os anjos, que tudo vêm, não descubram o esconderijo do assassino?

Estou certo de que se todos nós, reunindo as nossas preces, pedissemos a Deus a resurreição de Abel elle faria o milagre e, com a volta do pastor suave, Cain deixaria o mundo como desapparece a noite quando resurge o sol.

Porque não nos havemos de interessar junto de Deus pela tranquillidade da terra e pela concordia entre os homens? E essa seria a Caridade Suprema.

COELHO NETTO.

DISSE Tupan ao Sol quando este lhe foi pedir a Lua em casamento :

— Terei muito gosto em dar-t'a, só o farei, porém, depois que vos lavardes, tu e ella, porque tendes ambos o rosto manchado e não será bem que assim appareçais, sendo noivos, na festa que será a mais deslumbrante dentre quantas se têm celebrado no ceu.

Eu proprio o enfeitarei de flores e suspenderei a rêde nupcial de varandas de crivo luminoso. E o Sol perguntou a Tupan :

— Mas onde acharei eu agua que chegue para lavar-me e que ainda sôbre para a minha noiva ?

— Na terra, respondeu Tupan. A terra está cortada de grandes rios, serpeada de regatos, fontes brotam nas sombras do arvoredo, todas as rochas minam e o mar verde não tem fim. Toma toda a agua da terra e assim como a recolheres guarda-a em igaçabas e, quando vires que ha bastante para vos lavardes, reserva a metade á tua parte e deixa o resto para a Lua. Se assim fizeres consentirei no que pedes. E, para que o ceu e a terra se alegrem com o vosso casamento, dar-te-ei a Noite, para que nella espalhes a tua luz, supprimirei as doenças e as dores que affligem os homens e prenderei a Morte para que nunca mais desça ao mundo.

Retirou-se o Sol e, desde a manhan seguinte, começou a executar a ordem de Tupan.

Então, pelos furos que se iam abrindo, nas igaçabas, começou a agua a escorrer e foi a chuva.

Amanhecia cedo e com tanta luz no ceu que não se via o azul, mas um vasto clarão. As nuvens pareciam coalhos de sangue e, em certos pontos, era tanto o brilho que as proprias aguias cegavam e, com um grito de dor, rolavam d'altura batendo em cheio na terra com as pennas chamuscadas.

Um calor de coivara abrasava as campinas, onde as emas corriam tontas, aos esbarros umas com as outras ; as hervas emmurcheciam languidas ; as folhas encoscoravam nos ramos e, desprendendo-se com a aragem, seccas, estalidando, mal batiam no chão desfaziam-se em cinzas.

Dia e noite as brenhas estrondavam — eram troncos que se abriam de meio a meio como fendidos pelo raio. Os rochedos faiscavam e de enormes brechas nos campos subiam tremuras que vibravam no ar como finissimas teias de aranhas que se agitassem com a brisa, rebrilhando.

O vôo dos passaros era fatigado e frouxo ; alguns cahiam no solo, quente como rescaldo, e, de peito em terra, bico aberto, arquejavam afflictamente até que, nesse tremor d'azas, com um pio triste, tombavam mortos.

As onças desciam aos galões da serra, com a lingua dependurada, a bater no focinho, como um tassalho de carniça e, farejando sofregamente a humidade, saltavam das barrancas á beira das lagôas, onde os jacarés esparrinhavam o lodo as rabanadas, e agachavam-se lambendo as pôças mornas.

Jabotys em bandos fervilhavam nos leitos das ribeiras seccas e o calor cada vez mais ardego, queimando, porque o Sol, com a ancia de casar, chupava, á pressa toda a agua da terra, ajuntando-a lá em cima.

E os rios minguavam mostrando o leito arenoso onde cardumes de peixes boquejavam palpitando ; enormes sucuruiubas estendiam-se alongadamente ou enrodilhavam-se movendo a cabeça como á procura de prêa e sapos apinhados grulhavam, coaxavam, tiniam desesperados.

As fontes foram escasseando, a agua sumiu dos grotões e as penhas, pelas quaes rolavam, espumarando, as estrondosas cachoeiras, tinham apenas um brilho de humidade.

As florestas, dantes verdes, cerradas e lustrosas, amarellecendo, perdendo as folhas, iam ficando em troncos e galheiros nús. Os montes, pellados e fumarentos, descobriam pedras denegridas como enormes carvões.

A's vezes toda uma varzea inflammava-se em labaredas altas e rugidoras e o fogo avançava crepitando como uma cascavel monstruosa, subia ás montanhas, descia aos valles e era um estrupido de catastrophe como se a terra toda estivesse rebentando. E uma fumarada negra e densa subia em rolos escuros, espalhava-se em nuvem toldando o ceu. E o Sol, cada vez mais bravio, sugando e com a agua levava a belleza, a frescura a fertilidade, a vida mesma da terra.

Os poucos animaes que restavam reuniam-se nas ipueiras e ali ficavam chupando a humidade e como o

terror os dominava toda a hostilidade desapparecera entre elles: e os passarinhos piavam junto das serpentes, o tapyr deitava-se offegante ao lado da cobra grande, o macaco aconchegava-se á onça, o maracajá andava por entre as garças que nem pareciam dar por elle e o gavião fazia lugar no ramo secco para a juriti cançada. O terror irmanava-se — eram como condemnados em chusma á espera do algoz.

E, todas as tardes, entrebatendo-se estrondosamente, rolavam pelo ceu as igaçabas cheias. E o Sol queimava sem deixar gotta d'agua e abria a terra como para extrahir o que ella ainda pudesse conservar no seio, e já começava a sorver o mar quando a calamidade foi sentida na floresta dos homens.

Foi então que Suriman, o tuixaua, resolveu emigrar, procurando outro sitio, onde houvesse agua, para buscasse todas as noites á luz dos vagalumes, não conseguira achar o caminho que levava ao seu refugio.

Tal segredo era apenas sabido do tuixaua que não lançava á terra uma semente, nem convocava os seus guerreiros ao som do boré para assaltar uma ocára inimiga sem ter ouvido a palavra, sempre prudente e sabia, daquelle que falava com Tupan nas tempestades e entendia a linguagem das aves, dos peixes e dos animaes da terra, sabendo por elles o que se passava nos ceus, nas aguas, nos montes e nas profundezas por onde irradiam as raizes.

Como não podia levar comsigo os guerreiros deixou-os acampados á beira de uma lagôa morta, dando a cada um uma peça de caça e uma cabaça d'agua, e andou... ! Quantos dias ao sol ! Quantas noites na escuridão ?

Graças ao poderoso talisman o guerreiro passou incolume entre os macacos atrevidos.

fincar a caiçara e estabelecer, com segurança, a sua grande nação guerreira.

Escolheu vinte dos seus valentes arcos, todos experimentados na caça e na guerra e com elles sahiu.

Andaram, andaram... ! A terra, areenta e estalada, era um vasto deserto onde nem appareciam lagartos nem mandacarús: tudo era esterilidade e silencio. Areaes branquejavam infinitamente, sem uma sombra pequenina.

Mais de trinta vezes viram os errantes nascer o Sol em chammas, viram a Lua emergir da noite como uma orla e crescer e crescer até arredondar-se e ficar á tona da escuridão como o mururé na face das lagôas. E andavam ! E que viam ? valles gretados que foram leitos de rios, abysmos que foram grotas de frescura e sempre sónoras d'aguas e macéga resequida, e troncos carbonisados, cinzas toldando o ar e ossadas brancas como raizes de maniva, arrancadas da terra.

Lembrou-se, então, Suriman de consultar o pagé da tribu, que habitava uma caverna da montanha, tão profunda que nem o tempo nella penetrava e o adivinho, segundo era voz, ali vivia desde o começo do mundo e viveria até o fim porque a Morte, ainda que

Quando chegou á beira da floresta os macacos fizeram tão ensurdecedor alarido que outro, que não Suriman, teria recuado, elle, porem, passou afoito, entrou na selva pisando o folhedo, rompendo com a tangapema os rijos cipós que a sulcavam.

Do alto das arvores as corujas e os caborés chirriavam em zombaria e os macacos apedrejavam-no com coquilhos e atiravam-lhe ramos e elle, apezar de valente, teria succumbido se não levasse o muyrakitan que lhe déra uma icamiaba formosa, como lembrança de amor.

Graças ao poderoso talisman o guerreiro passou incolume entre os macacos atrevidos, seguindo, por enviezados trilhos e veredas sombrias, até a caverna profunda, residencia d'aquelle que não tinha idade.

Entrou. Desde o limiar foi encontrando serpentes — umas que investiam rabeando, silvando, enroscando-se-lhe nas pernas e tentando mordel-o, outras que eram como rochedos que, subitamente, se desmantellavam desenrolando o corpo enorme e arremettendo, aos roncos, para devoral-o.

Mas a pedra verde defendia-o.

Azas asperas roçavam-lhe pelo rosto, caudas de camaleões flammejantes flagellavam-lhe as pernas

aranhões, d'olhos em fogo, saltavam-lhe hispidos á frente e elle seguia, até que chegou a uma especie de clareira onde a luz era azul e reflectia-se num lago de aguas rasas e crystallinas, pousadas rutilantemente num leito de arêas de ouro.

Em volta alvejavam garças com pennachos que scintillavam como o orvalho da manhan nas folhas quando o sol alumia.

O homem, senhor da vida, achava-se sentado diante d'uma fogueira, fumando o seu tauary e na fumaça, que rescendia, dançavam estrellinhas de ouro. E o seu olhar era profundo como as eras.

Antes que Suriman, que se prostrara com a face de rojo, dissesse uma palavra, o homem eterno, que o esperava, porque tivera aviso da sua visita por um yapurú, disse-lhe com uma voz que se cercava de luz, como o trovão:

— Fizeste bem em vir, Suriman. Se demorasses mais uma claridade já não seria tempo de salvar o mundo. As aguas que ainda o refrescam são tão poucas que se não fosse o que se derrama das igaçabas do Sol, e que é o orvalho, já não haveria vestigio de vida. Fizeste bem em vir. A tua nação está finda. Os guerreiros, que deixaste á beira da lagôa, morreram como bravos: de pé, apoiados aos altos arcos. Has de encontral-os mudados em palmeiras, com os seus kanitares abertos em palmas verdes entre as quaes apparece a ponta de uma frecha. E toda a tua tribu, a esta hora, não é mais do que um coqueiral no deserto: os homens transformaram-se em buritys, as mulheres metamorphosearam-se em jussaras graciosas e, como morreram de sede, hão de sempre procurar a agua annunciando-a aos que andarem perdidos.

Uma só mulher resistiu, porque bebia as lagrimas que chorava com saudade de ti, essa é Cairé, a virgem dos longos cabellos, a quem prometteste o beijo da tua bocca e a força do teu braço. Ella espera-te, mas para que a encontres viva é necessario que te avies fazendo o que te vou dizer. Já dei ordem a todos os macacos da floresta para que cortassem e aguçassem quantas frechas pudessem e que trançassem uma rija corda de tucum para o teu arco de guerra. Sobe ao mais alto da montanha e, á tarde, quando o urú começar a gemer na matta, espera que o Sol se recolha com as aguas. Has de ver as igaçabas rolando umas sobre as outras, cheias, e com um ribombo mais forte do que o da pororóca nos rios. Firma-te, então e, com pontaria segura, frecha-as uma por uma, á medida que forem passando e, pelos furos que nellas fizeres, escorrerá toda a agua. E os rios, os regatos, as fontes, todas as correntezas ligeiras e os lagos que dormem cobertos de flores e as cachoeiras que saltam nos penhascaes tudo reapparecerá e com as aguas voltará a vida á terra que o Sol ia matando por amor da Lua. Vai! E Suriman partiu.

Chegando ao alto da montanha encontrou as frechas que os macacos haviam cortado e aguçado e eram tantas que formavam uma pilha que quasi chegava ao ceu.

Sentou-se o guerreiro pensando em Cairé e o coração cresceu-lhe no peito com a grande saudade.

Mas o urú cantou na matta de troncos seccos e Suriman viu, na altura, o astro esbraseado que descia para o seu palacio de ouro, levando estrondosamente as igaçabas cheias. Então levantou-se lesto, retesou o arco e desferiu a primeira frecha, outra, outra, tantas e tão seguidas que fizeram como uma corda estendida do ceu á terra.

As que primeiro chegaram lá em cima, atravessando as igaçabas, fizeram tamanho estridor que a terra toda tremeu.

Vendo-se assim atacado e receioso de ser attingido o Sol escondeu-se por traz das igaçabas deixando o mundo em escuridão. De quando em quando, porem, para amedrontar Suriman, arrancava um cabello e lançava-o coruscante no espaço ou rugia flammejando a sua colera em relampagos.

Mas Suriman era bravo, amava a terra e queria salval-a, salvando tambem Cairé, que o esperava chorando e, sem descançar o braço vigoroso, continuou a frechar.

Então, pelos furos que se iam abrindo nas igaçabas, começou a agua a escorrer e foi a chuva.

A terra, secca e queimada, sorveu avidamente a primeira bátega, depois, com os jorros torrenciaes, reappareceram os rios, abrolharam as fontes, encheram-se os lagos. As arvores, reviçando, cobriram-se de folhas, forraram-se as campinas de verdura, as grótas golfaram olheirões, rolaram de novo as cachoeiras e os animaes, que jaziam entorpecidos, despertaram contentes com a volta das aguas.

Depois de beberem á farta as onças sahiram em perseguição dos veados, os jacarés abandonaram as garças, a sucuruiúba enlaçou o tapyr estrangulando-o nos seus anneis, as serpentes attrahiram os passarinhos e o cará-cará poz-se a aguçar o bico nas pedras tocaiando as pombas que arrulhavam serenas. E o mundo tornou ao que era: fertil, formoso e feliz e com a ordem que nelle puzera o Creador.

Mas como todas as igaçabas estivessem vasias Tupan retirou as promessas que fizera e não só deixou de realisar-se o casamento como as doenças e as dores continuaram a affligir os homens e a Morte manteve o seu dominio sobre a Vida.

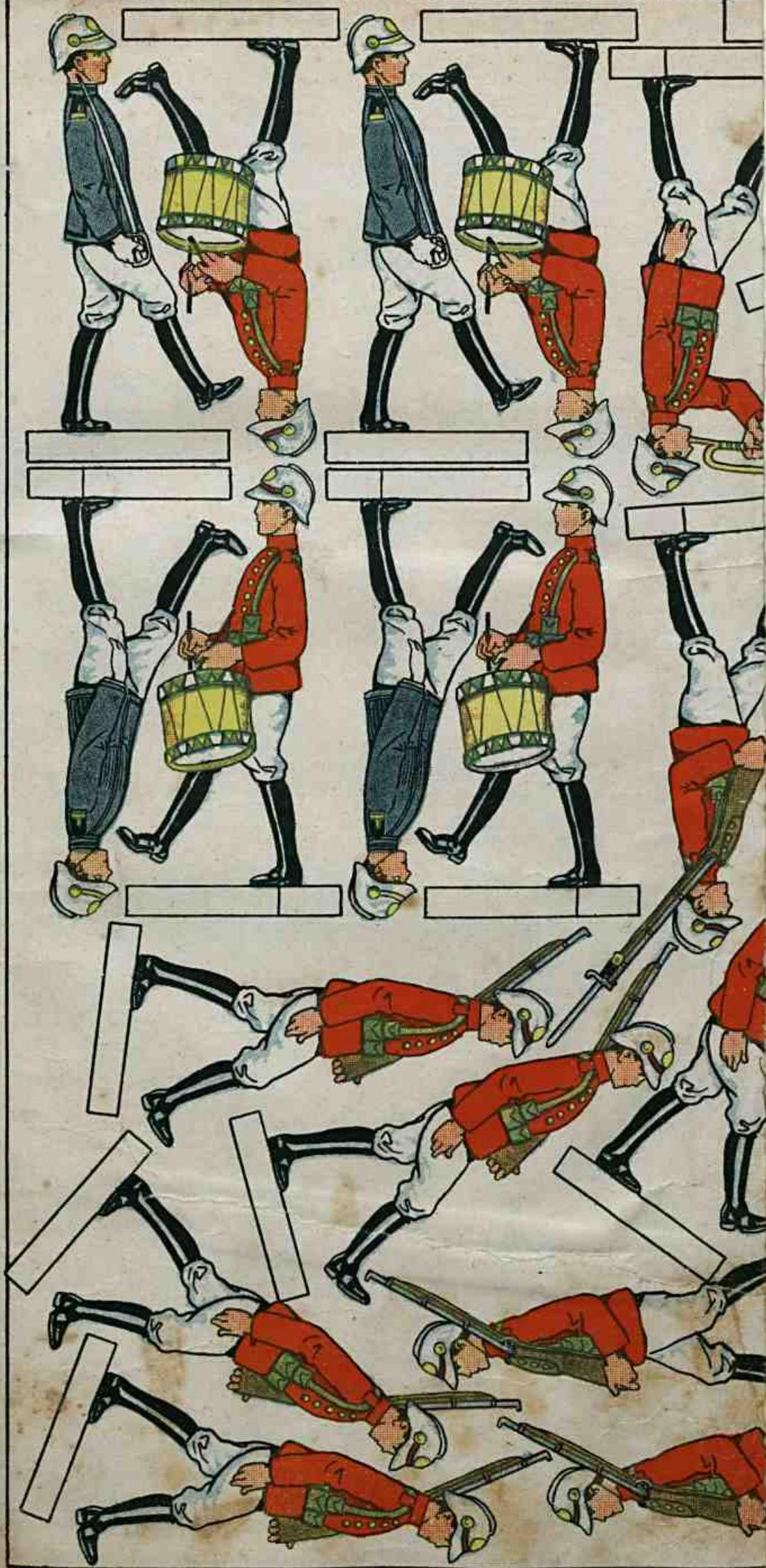
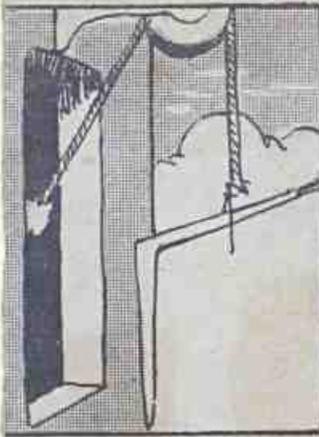
Tinha, porem, o Sol por tão certa a victoria que, antes de receber a Noite, que lhe promettera Tupan, para que a semeasse de luz, tornando-a clara como o dia, lançou por ella as estrellas. Não medraram as sementes e lá estão inuteis como a rede nupcial que Tupan estendeu no ceu.

E o Sol e a Lua erram tristes na altura, sempre com as manchas no rosto, sem poder laval-as porque mal se ajunta um pouco d'agua logo se perde em chuva pelos furos das igaçabas frechadas pelo guerreiro.

E foi assim que Suriman salvou a terra e, tornando á montanha, onde o esperava Cairé, enfeitou-lhe os cabellos negros com as flores da acacia e, descendo com ella ás campinas floridas, levantou uma oca e repovoou o mundo.

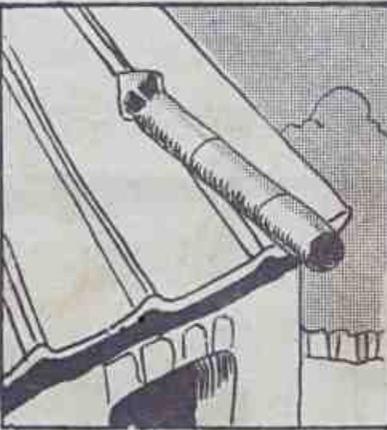
COELHO NETTO

(Do livro: *Poranduba.*)

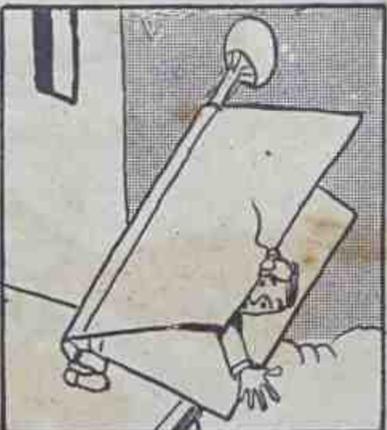
TOSSE DAS CREANÇAS
Tosse dos Moços :: :: Tosse dos Velhos
EMFIM
QUALQUER TOSSE
e MOLESTIAS DO PEITO
pedir e exigir sempre
Xarope de Grindelia
de OLIVEIRA JUNIOR
PODEROSO CALMANTE, TONICO E EXPECTORANTE
A' venda em qualquer pharmacia e drogaria do Brasil. — Deposito: Araujo Freitas & C.
RIO DE JANEIRO

O MONOPLANO

:om a grande pasta dos pa-
nuteis do papai, que é archi-
de bobagem, resolve fazer
viagem aerea.

Para isso leva a pasta ao te-
lhado da casa e sentando-se nella
deixa se escorregar pelo declive
até tomar o...

...impulso necessario para
equilibrar se no espaço. Zé Bo-
linha estava radiante! Mas um
incidente...

esforço consegue derrubar
s chaminés, libertando-se
da "encrencada" situação.

...a chaminé derrubada foi es-
corregando pelo telhado, indo ca-
hir mesmo na occasião em que
passava a...

..."pintada", gallinha de esti-
mação e que se viu inopinada-
mente enfiada no canudo da
chaminé.

mpanheiras e a indignação
lo. Uma vez livre o mono-
continuou a sua arriscada

O aviador, que era pessimo
piloto, perdeu o equilibrio com
uma falsa manobra, indo de en-
contro...

...a um monte de lixo, ati-
rando-o brutalmente sobre a
materia solida e repugnante.
Zé...

estado deploravel abando-
apparelho e tocou-se para
im de chorar na cama.

Emquanto isso uns patos vaga-
bundos que por alli andavam, re-
solveram desaggravar á...

..."pintada", a gallinha, fa-
zendo o "enterro" do monopla-
no do Zé Bolinha.

O MEDO

SCENA PARA DOIS MENINOS

MENINOS

Marcello . . . . **12 annos**
Octavio . . . . **10 annos**

MARCELLO

Onde viste ?

OCTAVIO

No meu quarto. Era uma mula sem cabeça.

MARCELLO, *com um sorriso superior*:

Uma mula sem cabeça no teu quarto ?

OCTAVIO, *affirmativo*:

Sim, senhor: no meu quarto. (*Sorriso incredulo de Marcello. Muito vivo*:) Juro por Deus !

MARCELLO, *atalhando-o*:

Não jures. Vamos devagarinho. Uma mula sem cabeça deve ser, pelo menos, do tamanho de um burro, fóra a cabeça, já se vê.

OCTAVIO

Era maior.

MARCELLO

Maior... Muito bem...! Ora, um burro pesa...! E tu já viste burro voar ?

OCTAVIO

Não.

MARCELLO

Pois se burro não voa, como conseguiu a tal mula chegar ao teu quarto, que fica no segundo andar ?

OCTAVIO

Burro não vôa, mas mula sem cabeça vôa, porque é alma do outro mundo.

MARCELLO

Pois seja. A mula voou ao segundo andar, como uma andorinha. Mas como conseguiu entrar no teu quarto com as janellas fechadas ?

OCTAVIO

Passou por entre as rexas das persianas.

MARCELLO

Olha que foi obra, bem ! Um burro passar por entre as taboinhas de uma persiana é quasi tanto como um camello atravessar pelo ouvido de uma agulha. E depois ?

OCTAVIO

Depois ? Eu estava quasi dormindo quando ouvi o toc-toc no quarto. Abri os olhos e vi...

MARCELLO

Viste ?

OCTAVIO

Pertinho da minha cama, bufando. E cada olho ! Cada dente...!

MARCELLO

Bufos...! olho...! dente...! Não comprehendo.

OCTAVIO

Como não comprehendes ?

MARCELLO

Pois não disseste que era uma mula sem cabeça ?

OCTAVIO

Sim; e então ?

MARCELLO

Pois se era mula sem cabeça, como bufava e onde tinha ella os olhos e os dentes ?

OCTAVIO

Sei lá ! Mas que tinha, tinha. Juro...

MARCELLO, *autoritario*:

Não jures ! O juramento é uma especie de capanga com que a gente se defende quando não tem por si a força da Verdade. Axioma do meu professor. Vamos adiante. Pertinho da tua cama. E que fez ?

OCTAVIO

Que fez ? Fez assim: Ahn ! Ahn...!

MARCELLO

Com que boca ?

OCTAVIO

Sei lá ! (*Amuado*:) Tu tambem queres saber tudo.

MARCELLO

Pois de certo. Como nunca vi mulas sem cabeça quero saber como ellas são e o que fazem para tomar as necessarias cautelas no caso de apparecer-me alguma. E tu que fizeste ?

OCTAVIO

Eu cobri a cabeça com o lençol e puz-me a rezar.

MARCELLO

E a mula ?

OCTAVIO

A mula ? Acho que ficou com medo da reza e foi-se embora.

MARCELLO

Era uma mula mansa. Eu, no teu caso, tel-a-ia aproveitado para um passeio nos ares.

OCTAVIO

Mansa !?

MARCELLO

Pois então ? Se fosse brava não se teria despedido de ti sem um bom par de couces, pelo menos. (*Refestelando-se em uma poltrona*:) Pois, meu caro primo, eu tambem já me vi abarbado com uma assombração que não sei como me deixou com vida. Foi em Petropolis. Eu fôra convidado para passar o dia com um collega que fazia annos. Eramos uns dez meninos, todos do meu tamanho.

OCTAVIO, *com alegria*:

Que bom, hein !?

MARCELLO

Bom !? Espera um pouco e has de ver. (*Continuando a narração*:) Brincamos a valer, fartamo-nos de doces e como o meu collega dissesse que havia no fundo da chacara uma jaqueira carregada, fomos todos ás jacas. Não te digo nada: atolamo-nos ! Excusado é dizer que, á hora do jantar, ninguem foi á mesa. Eu, por mim, tinha jaca (*mostrando a garganta*:) até aqui. Em casa senti-me mal: peso no estomago, dôr de cabeça, nauseas. Deitei-me. Ah! meu amigo, ali por volta da meia noite um elephante, mas com cabeça, entrou-me pelo quarto, assim... (*Imita o andar pesado do elephante.*) chegou-se á minha cama...

OCTAVIO, *aterrado*:

Nossa Senhora ! Por que não gritaste ?

MARCELLO

Gritar ! E eu tinha lá voz para gritar !

OCTAVIO

E' mesmo. Eu tambem não pude gritar quando vi a mula sem cabeça.

MARCELLO

Pois o elephante, que era do tamanho desta casa...

OCTAVIO

E cabia no teu quarto ?

MARCELLO

Cabia... (*Continuando*:) agarrou-me com a tromba e começou a espremer-me, a espremer-me e eu ia minguando, minguando como uma esponja até que, de repente, quando já me faltava de todo o ar, soltei um grito e vi, em vez do elephante, a velha Bá que me levantava nos braços, sustendo-me a cabeça e eu, meu velho, eram só tripas de elephante pela bocca fóra.

OCTAVIO

Pois tu comeste o elephante ?

MARCELLO

Comi... e era cada bago deste tamanho !

OCTAVIO, *comprehendendo*:

A jaca ?!

MARCELLO

Pois então ? Foi a jaca que me appareceu. E com certeza a tua mula sem

cabeça foi alguma coisa indigesta que comeste.

OCTAVIO

Não. Para mim foi uma historia que Blandina me contou.

MARCELLO, *superiormente*:

Ah! historias de fantasmas, de assombrações, de almas do outro mundo...

OCTAVIO

De mula sem cabeça que ella affirnou ter visto, uma noite, perto do cemiterio.

MARCELLO

Pois é isso: comida indigesta, como a jaca. O meu professor diz que o medo é peior que a cegueira. O cégo caminha pelo tacto, defendendo-se instinctivamente de todos os perigos, sem andar aos gritos assustados posto que não saia da escuridão. O vidente, entretanto, d'olhos abertos, treme diante de tudo, e o escuro da noite apavora-o e qualquer ruido sobresalta-o como um aviso mysterioso. Os visionarios, quando não são, como eu fui, victima de indigestões de jaca, são-no de outros productos que, se lhes não abarrotam o estomago, impanzinam-lhes o espirito como essas historias das amas com que, desde pequeninos, nos predispõem para todas as superstições e crendices. O sobrenatural não existe, somos nós que o creamos com a nossa imaginação. (*Pausa. Crava os olhos na porta do fundo e fica um instante attento, á escuta. Continuando, com voz tremula:*) O meu professor não admitte o medo. Eu tambem não. O medo é ridiculo. Tudo quanto eu te disse ditounos elle, uma vez, em aula, obrigandonos a decorar. O medo... (*Preoccupado, sem tirar os olhos da porta do fundo.*) Que historia...!

OCTAVIO, *notando-lhe a perturbação*:

Que tens? Estás sentindo alguma coisa? Comeste jaca?

MARCELLO

Não.

OCTAVIO

Mas que tens? Não estás em ti... (*Tomando-lhe as mãos*:) Estás com as mãos geladas... Tremes. Queres que chame alguem...?

MARCELLO

Tens campainha aqui...?

OCTAVIO, *atarantado*:

Tenho.

MARCELLO, *segurando-o*:

Mas não saias.. (*Olhando em volta*:) Onde?

OCTAVIO

Ali... (*Seguindo-lhe o olhar apavorado*:) Mas que estás vendo?

MARCELLO

Não estás ouvindo um tinir de correntes e vozes que gemem? Escuta... (*Fica attento. Octavio vai pé ante pé até á porta do fundo e fica um momento immovel, á escuta*:) Estás ouvindo?

OCTAVIO, *baixinho*:

Estou.

MARCELLO, *mesmo tom*:

E então?

OCTAVIO

Aqui é que eu queria apanhar o teu professor...

MARCELLO, *estremecendo*:

Para que?

OCTAVIO, *sorrindo*:

Para que elle visse como o tinir das correntes de uma rede, que se armá, abala uma torre de philosophia.

MARCELLO, *espantado*:

Corrente de rêde ...?

OCTAVIO, *superiormente*:

Sim, meu caro primo, o que estás ouvindo é tinir das correntes da rêde em que Blandina costuma embalar Cordelia.

MARCELLO

Pois olha, eu ia jurar...

OCTAVIO, *atalhando-o*:

Não jures! O juramento é assim como um capanga com que a gente se defende quando não tem por si a força da Verdade. Axioma do teu professor.

MARCELLO

depois de um momento, refestelando-se na cadeira com ar pedante:

Pois é assim, meu caro Octavio: o medo é ridiculo, é uma fraqueza moral, uma cegueira da intelligencia. Na vida só o real existe.

OCTAVIO

Ha occasiões em que o imaginario obscurece a razão e impõe-se ao espirito mais forte.

MARCELLO

Se o raciocinio acode a tempo, nunca!

OCTAVIO

Mas quasi sempre demora-se, umas vezes porque encontra jacas pelo caminho, como te aconteceu em Petropolis, ou então porque se detem á escuta, como succedeu, ha pouco, quando tomaste o tinir das correntes de uma rêde pelo arrastar de grilhões de almas penadas. O meu professor, que faz tambem as suas phrases, disse-me, uma vez, que o medo é um phenomeno nervoso que a vontade domina. E citou Turenne que ia para o combate tremendo portando-se na luta como um heróe. Pois façamos como Turenne e vamos para diante.

ANSELMO RIBAS.

O lindo conto

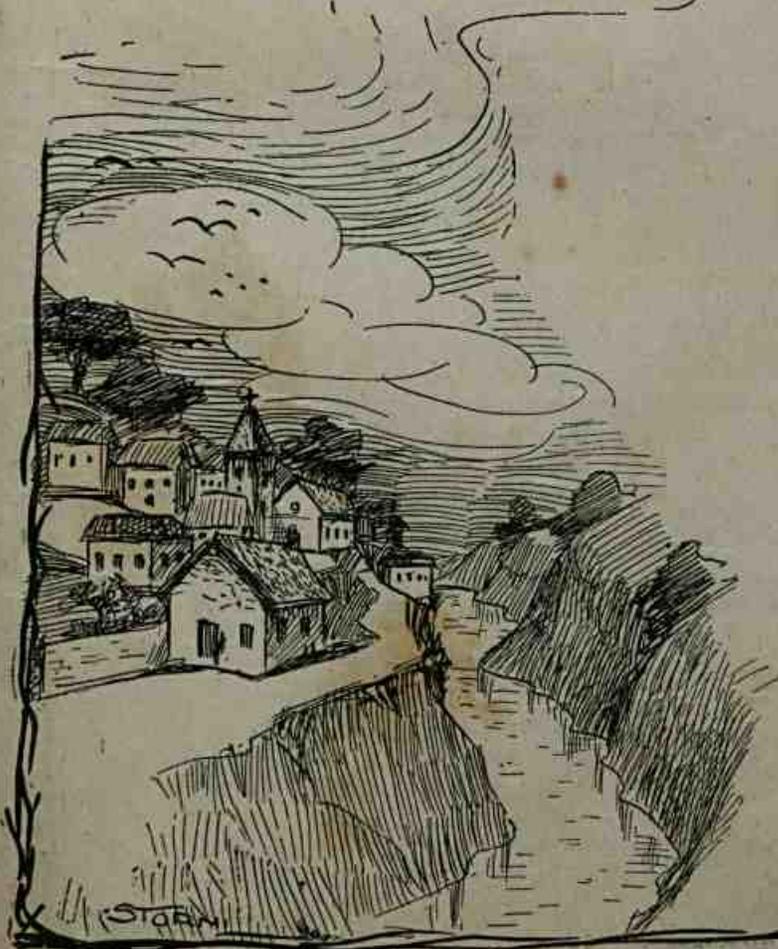
A luz no occaso tem um sorriso,
sorriso triste de quem se vae
para algum rumo ainda indeciso.
Como uma lagrima, a noite cae.

Vozes acordam nos meus ouvidos
(sombras de vozes, longas, sem fim)
uns velhos contos, velhos, perdidos,
ha tantos annos, dentro de mim...

Contos contados... Um, entretanto,
naquelle tempo ninguem contou...
Nasceu mais tarde, ao morrer do encanto
da vida ingenua, que lá ficou...

Lenda da infancia, historia vivida,
o lindo conto de toda a vida...

ALVARO MOREYRA

STORNI

O fim do conto

A bocca ia dizendo o fim do conto:

— "O teu nome? Quero saber o teu nome."

— "Uns me chamam Destino. Outros me chamam Sonho. Eu sou aquelle que realiza todos os desejos das creaturas. Dá-me o nome que quizeres.

E o velho foi a andar, e o seu vulto, em pouco, se apagou dentro da noite.

E a pastora, remirando a estrella, sentia que, longe, no céo, ella lhe parecera muito mais brilhante, muito mais linda. Nas suas mãos faltava o azul que tudo embelleza. Pela primeira vez, a tristeza pousou na alma da pastora.

— "Para que pedi a estrella? Devia deixal-a, lá-alto, onde os meus olhos a amavam.

Bem lhe tinha prevenido o velho:

— "Em troca, tu vaes dar-me o socego a felicidade da tua vida."

— "Eu não sou feliz..." — respondera.

— "Por isso mesmo o és, porque não sabes. Mas já não serás."

E desde essa noite, na pequena aldeia, ao pé da montanha, junto do rio, nunca mais se escutou apastora cantar...

ALVARO MOREYRA

A CIGARRA E A FORMIGA

Dona Formiga
Pertence á classe das senhoras sérias,
Tem cuidado de casa e de alimento;
Não fala muito, muito pouco briga,
Tudo o que faz é com discernimento
E, emfim, não gosta de passar miserias.

Além de tudo, é de ambições modestas,
Todo o seu bem no seu labor converte
E faz da vida idéas exquisitas...
Não faz visitas
E não se diverte...
Nunca se viu Dona Formiga em festas.

De tanto se occupar da vida e do futuro
E tornar o labor mais sério e duro,
Chega a ficar grotesca e comica;
Pois, mesmo assim, nos amplos e massudos
Livros moraes de exemplos e de estudos,
Com que da infancia o estimulo se apura,
Ella figura
Como um solido exemplo de economica.

Trabalha muito no pesado Estio,
Porque receia
Que o inverno venha achal-a desprovida.
Por isso, quando chega o Frio
E cessa a lida,
Já ella está com a despensa cheia.

Dona Cigarra — esta, coitada!
Não vale nada
Entre as pessoas serias!
E' a pobre infeliz que dá lições de canto
E que o Verão inunda
Da sua Alma de estroina e vagabunda...
Entretanto,
Dona Cigarra, eu sei, passa miserias.

Não tem a minima noção exacta
De arranjos economicos de casas,
A propria fama, ás vezes, malbarata...
A fartura que augmente ou diminua,
Que a considere o mundo inepta, incapaz,
Diga que a vida que ella segue é torta,
Pouco se importa.
O que ella quer é o Sol e a Rua,
Porque ella não é mais
Do que um Garoto de azas.

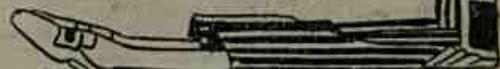
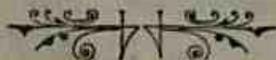
E' da bohemia a mais perfeita imagem,
Adora a luz e mora na folhagem...
E tal a Vida é e tal a acceita,
Sempre de sonhos e illusões repleta...

Dona Cigarra até parece feita
Da propria massa de que é feito o Poeta!

Passa o Verão... E o véo do Estio
O tempo sobre o Céo e a Terra corre,
Torna-se a Vida mais penosa e seria...
Dona Cigarra não resiste ao frio
E, coitadinha, morre
E morre quasi sempre na miseria.

Contam que um dia,
Morta do Sol a limpida alegria,
Sem luz para cantar,
Fôra á Formiga, em prantos, implorar,
Um pedaço de pão do seu celleiro...
Como a Formiga, então, lhe perguntasse
Onde se achava
E o que fizera na estação passada,
Honestamente, disse que cantava...
Pois a malvada,
Sem dó da misera mendiga,
Quasi morta de fome e já sem voz,
Numa ironia deshumana e atroz,
Mandou que ella dansasse...

Por isso é que eu não gosto da Formiga.

MARIO PEDERNEIRAS.

PARA O FADO

Minha guitarra é tão triste,
Minha guitarra é tão calma,
Parece que nella existe
Qualquer coisa da tua alma...

Minha guitarra, coitada,
Quando estou em abandono,
Canta uma triste ballada,
Que evoca as brumas do outomno...

Ella traduz a verdade
Da minha vida de Poeta !
E canta a felicidade
Desta mink'alma irrequieta.

Oh ! guitarra minha amiga,
Oh ! minha bôa guitarra !
Tu tens a saudade antiga
Da vida de uma cigarra...

Uma vez, era no mar,
Ella tão triste chorou,
Que eu parei o meu cantar
E uma corda arrebentou...

Quando tu minha memoria,
A vida antiga recordas,
Fazes lembrar toda a historia
Da vida daquellas cordas...

O som da minha guitarra.
Tem qualquer coisa que embala :
Parece ás vezes cigarra...
A's vezes a tua fala...

E' feliz quem pode ter
Uma guitarra como esta,
Pois faz a gente esquecer
Tudo que a gente detesta...

Oh ! guitarra eu te bemdigo
Tão exquisita e bizarra...
Que eu sinta sempre commigo
Tua presença, guitarra !

.. ..

Minha guitarra é tão triste,
Minha guitarra é tão calma,
Parece que nella existe
Qualquer coisa de tua alma...

(Do livro *Alameda Nocturna*). Rio-1912. RODRIGO OCTAVIO FILHO

ALBUM DA INFANCIA

Isa e Ruy, encantadores filhinhos do fallecido poeta Simões Pinto, director da Vida Moderna, *de S. Paulo*

GALERIA INFANTIL

O galante John Francisco, filhinho do Sr. Charles W. Armstrong, director do Gymnasio Anglo-Brasileiro

Carolice

DIALOGO INFANTIL

para exercicio de narração expressiva

PESSOAS

Claudia - para uma menina de 14 annos.

Luiza - para uma menina de 8 a 10 annos.

LUIZA, *amuada*:

Pois com quem me hei de eu agora agarrar senão com Deus e os santos? Se a vida não me corre bem, sempre atravessada de atropelos e amofinada de doenças, tendo eu á mão o remedio, não hei de ir por elle aonde sei que o encontro, que é Lá em cima? Ou então tudo quanto me ensinaram em pequena eram caraminholas.

CLAUDIA, *serenamente*

E quem te diz isso?

LUIZA

Quem? Todos aqui em casa, a começar pela senhora, que me traz num cortado.

CLAUDIA

Ah! trago-te num cortado...?!

LUIZA

Como não? Se rezo no meu rosario, é porque sou beata; se accendo uma vela á Santa Barbara nas trovoadas ou a Santo Antonio, quando perco um objecto, é porque sou caróla. Se faço uma promessa para que as coisas me corram bem, é porque metto os santos em negocios que lhes não são proprios. Só porque, ha dias, fiz um voto a Santo Onofre cahiram-me todos em cima, rindo-se á minha custa. Estou vendo que o melhor é viver como os animaes, que não têm crença e deixar que os demonios, que não perdem vaza, lancem as unhas á minh'alma e levem-na para as caldeiras de pez. E' presa por ter cão e presa por não ter. Não entendo!

CLAUDIA, *com bondade*

Ora, ouve cá. Deus, quando nos pôz no mundo, disse-nos:

"Faze da tua parte que eu te ajudarei." E entregou-nos a terra vasta para que nella trabalhassemos, aqueceu-a com o sol, cobriu-a com a noite, espalhou por ella as aguas e deu-nos todas as variedades de sementes e todas as especies de animaes, guiou-nos com o instincto, esclareceu-nos com a intelligencia para que aproveitassemos todos os preciosos dons da sua bondade. Pois bem. Que fez o Homem? cultivou o chão fertil, semeou-o, regou-o e vieram as searas e as vinhas, o linho e os olivedos e, dos rebanhos espalhados, tirou elle os animaes que o auxiliaram no trabalho e que lhe deram o leite, a lan e a carne. Fez lume para aquecer-se e alumiar a sua moradia e assim, aproveitando tudo com que prodigamente o dotára o Senhor, accrescentou a sua fortuna. Agora dize: se, em vez de trabalhar o homem se houvesse deixado ficar de joelhos, rezando, acreditas que a terra, por si só, produziria as lavouras que nutrem e os jardins que perfumam? que os rebanhos viriam docilmente, sem pastores, recolher-se aos curraes e aos apriscos? que o linho daria o lençol e os vestidos, que o trigo se faria pão, que a lan das ovelhas se teceria em manto de agasalho e que tudo se faria por milagre? Não creias. Sem o esforço do homem, que é o domador da natureza, a terra seria, toda ella, a imagem do proprio inferno, porque as florestas benignas, com as podridões dos seus pantanos, seriam pestilencias, com as suas feras seriam matadouros; o sol, que é vida, nellas se faria morte, accendendo as febres e onde hoje achamos beneficios só encontrariamos malignidade e aggressão. Milagres são como esses prodigios das varas de condão — fantasias para encanto da alma. A Providencia é como o fogo que se déve aproveitar com sabedoria e prudencia. Se deixarmos o fogo livre elle irá pela terra devastando, se o soubermos applicar delle tiraremos todos os proveitos. A Providencia crêa desordenadamente. Deixa a lavoura mais fertil sem amanho, ao sol e á chuva, e vel-a-ás, em breve, erriçada em maninho agasalhando viboras, no macegal bravio.

LUIZA

Mas então Deus não vale nada?

CLAUDIA, *attrahindo-a a si*:

Deus é tudo, porque é a força creadora. A terra, o fogo, a agua, o ar são elementos indispensaveis á vida, nem por isso, entretanto, o homem enterra-se em covas, atira-se ás chammas, mergulha nos rios e sorve, á boca aberta, o ar. Tudo é aproveitado como convem e quanto baste para manutenção da vida. Deus é o alimento d'alma, mas para que a alma se equilibre é necessario que tenha ambiente. A ave não vôa sempre, lá vem um momento em que colhe as azas e pousa num ramo, quando se não achegar ao ninho para dormir. Vou dar-te um exemplo: Queres muito ao teu canario, não?

LUIZA

Sim, quero.

CLAUDIA

Pois imagina que, pela grande amizade que lhe tens, ficasses constantemente a ouvil-o e não lhe mudasses o alpiste nem a agua do bebedouro. Que aconteceria? O pobresinho morreria á mingua, victima do teu amor. Ha horas para tudo. A oração é um culto que se deve ao Creador, é como a benção que pedimos A'quelle que é Pai e que, Lá de Cima, nos guia; é o meio que temos de agradecer os favores que recebemos e de pedir por nós e pelos nossos irmãos. Cumpridos deveres taes outros nos são impostos pelo proprio Deus, que nos deu a Natureza, que é a sua obra prima, para que nella o glorifiquemos. Se deixares em abandono um mimo que te offerecerem serás tida por ingrata ou desleixada, não é verdade? Pois a Vida é um presente de Deus e nós devemos procurar honral-a e embellezal-a cada vez mais, pro-

vando, assim, a nossa gratidão. Na propria igreja, que é a Casa do Senhor, nem sempre o sacerdote está no altar. Para testemunho da fé basta que se mantenha accesa a lampada do Sacrario, e essa lampada, que tambem a temos, chama-se em nós — Consciencia. Olha a arvore. Tem as suas frondes expostas ao ar e á luz, mas as raizes lá estão na terra profunda, sugando a seiva, que alimenta o tronco. A Crença é uma necessidade, mas assim como a economia é uma virtude e a avareza é um vicio, a Crença é uma força e a carolice é uma fraqueza, porque a primeira pede o favor de Deus emquanto que a segunda tudo exige da Providencia, deixando-se em inercia preguiçosa, fiada no milagre. O Crente guia-se pelo ceu e esforça-se; o caróla tudo espera de Deus, com o que se torna um parasita do Ceu; e seria injusto que o Senhor attendesse ao vadio deixando em abandono o laborioso.

Não te parece que a razão está commigo? Em que conta tens tú Deus e os santos para que os queiras peitar com rezas e promessas e até affrontar com castigos ridiculos?

LUIZA, *sobresaltada*:

Eu?

CLAUDIA, *sorrindo*:

Tú, sim. Eu sei de tudo que aqui se passa. (*Olhando-a a fito*:) Acreditas que eu cederia ao pedido de alguem — e não sou santa — que me amarrasse com cordas, como fizeste a Santo Antonio? Achas que isso é religião (*Luiza baixa os olhos, vexada*). Então vence-se um dos eleitos da côrte celestial como se domina um criminoso, com supplicios, para que confesse uma culpa? E' assim que respeitas as tuas devoções? Eu rezo quando me deito e quando me levanto e, durante o dia, com os meus actos, sempre na pauta da virtude, honro o nosso Deus, provando que o venero e respeito, seguindo os dictames da sua lei sublime. E tú? andas sempre com o rosario, cochichando rezas pela casa, pedindo os maiores absurdos ao Ceu, como se Deus e os santos fossem teus criados. Isto será tudo quanto quizeres, menos religião. No dia em que me pedisses algumas das coisas que pedes a Santo Onofre e com promessas que são até vergonhosas...

LUIZA, *desconfiada*:

Que promessas...?

CLAUDIA, *com intenção*:

As que eu tenho encontrado em calices atraz do oratorio... Ah! minha filha.... (*Outro tom*:) O primeiro preceito da religião é o cumprimento do dever. Quem anda no caminho recto vai direito ao ceu...

LUIZA

E eu não cumpro os meus deveres?

CLAUDIA

Nem todos. Rezas de mais e sempre com interesse. Se o rezar bastasse todos os hypocritas seriam santos. Os aduladores, para conseguirem o que desejam, não tiram os louvores da boca e os carólas são os aduladores de Deus. Reza a tempo e trata de ser util a ti, ao teu proximo e á tua patria e assim farás mais por tua gloria e pela salvação da tua alma do que se passares toda a vida a debulhar contas de rosarios, a encher calices e a accender velas para obter milagres. A propria natureza é religiosa e tu não a ouves rezar, mas vêl-a glorificando sempre o Creador com as suas maravilhas. Uma arvore coberta de flôres vale mais aos olhos de Deus do que uma beata que passa horas e horas ajoelhada deante de um altar, a esmurrar o peito, mas que voltará o rosto descaridosamente se um pobresinho lhe pedir um pedaço de pão. As aguas que cantam nas fontes, as aves que voam nos ares tudo glorifica o Senhor, Pai das creaturas. E um homem, cavando a terra e nella depondo a semente, está prestando mais sincero culto a Deus do que o preguiçoso que se senta nos degraus de uma igreja e, cabisbaixo, de mãos postas, com soffrimento fingido, resmunga Padre Nossos e Ave Marias para attrahir esmolas. Já rezastes hoje e recebeste a benção do ceu. Alimentaste a alma ouvindo a missa, que é o banquete offerecido na mesa da Eucharistia. Trata agora do espirito e do corpo, que tambem reclamam alimento e deixa-te de tanto pensar em tormentos do Inferno. Só os criminosos temem as prisões e os castigos. Deixa-te de tantos cuidados. Deus detesta a tristeza e as crianças, quando corriam para os braços de Jesus, iam saltando e elle as recebia sorrindo. Queres ser agradavel a Deus? vamos dar uma volta pelo jardim, ver as rosas com que elle enfeitou os canteiros. Regando-se uma planta que tem sêde faz-se tanto como rezando um Padre Nosso, porque tudo que é beneficio vale como oração. Antes, porém, vamos desamarrar Santo Antonio e restituir-lhe o Menino de quem elle deve estar saudoso.

Abraça meigamente Luiza e sahe com ella pelo fundo.

COELHO NETTO.

Galeria da infancia

A galante Alice, filha do Sr. Gonçalo Martins, residente em Corumbá, Estado de Matto Grosso.

Canção dos Escoteiros

Letra de Carlos Manhães

Musica de A. Rocha

Intrepidos escoteiros
Somos forte legião!
Seremos os timoneiros
Da nossa amada Nação.

A imagem viva da Patria
Trazemos no coração
Vemos nos prados as côres
Do sagrado pavilhão! *(bis)*

Estribilho

Na vida do escoteiro,
Sempre disposto
A morte encarar,
Só ha o fito altaneiro
Da Patria amada
Sempre honrar. *(bis)*

Transpomos montes, campinas,
Cobertos de um céo azul,
Onde nos serve de guia
Rico Cruzeiro do Sul.

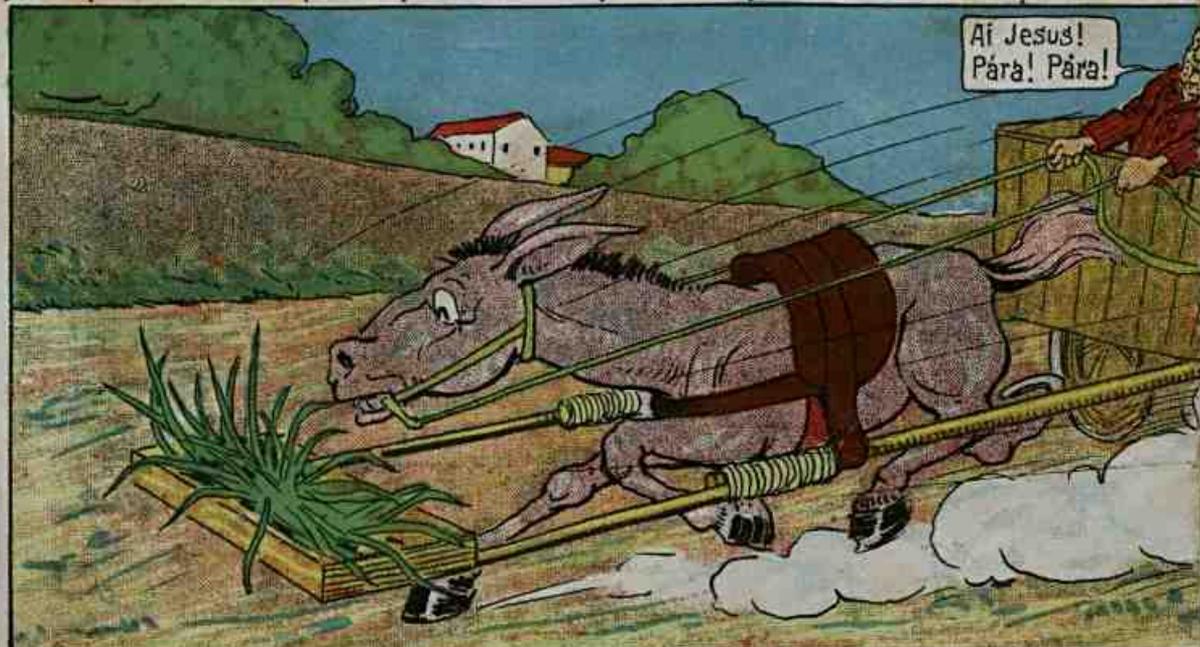
Patria adorada e formosa,
De lindo céu côr de anil,
Os escoteiros te almejam
Um poderoso Brasil! *(bis)*

AVENTURAS D

Chiquinho, Jagunço e Benjamin estavam a passeio no campo. Um dia luminoso, de explendido sol de verão animava a paisagem e convidava os nossos heróes a essa coisa que se chama—gozar a vida! Mas, dizer que elles se dispunham a passear pacatamente era pregar mentira aos leitores, porque principalmente Chiquinho, não passa um minuto siquer,...

... sem applicar a sua irreq
for. Aconteceu, haver na estr
andava nem a páo. O cocheiro,
mal; este era um burro manhos
capim a toda hora. Por essa ra
imprestavel, é que tinha sido ve

...Fôra castigo! Manuel, o carroceiro era um sujeito pechincheiro a valer... só comprava cousas de «enforcado». Chiquinho, Benjamin e Jagunço approximaram-se da carroça e trataram logo de indagaram do que se tratava. E' que Chiquinho posta de lado a sua phenomenal curiosidade, sentira desejos de passeiar de carroça—sempre era melhor que andar a pé!

Foi então que o Manuel con
grande consternação pelos traq
quinho teve de repente, uma id
como nunca... na sua vida! O
ro satisfeito e Chiquinho com o
feliz occasião de passeiar... de

... morna de Dezembro. Foi pois com essa condição que Chiquinho expoz ao carroceir
mentos depois executado. Estupendo, não acham? A idéia fora realmente genial e, da execuç
o burro não se afobasse com o capim tão graciosamente posto á sua voracidade.

E não lhes digo nada! O burro perdeu a «linha», isto é, perdeu a tramontana e desato
Nunca seus olhos ousados tinham visto tão bonito capim!

HOSA
a puxado ou então tran-
machinismo engenhoso,
... que, ao passar, celere, deixaria todos e tudo em sobresalto: homens, cães, arvores teriam de se afastar para que a sua *machina voasse*. Quando houvesse um obstaculo...
de
e
... multidão, aterrada, soltava gritos de angustia suppondo ver um naufragio, eis...
... que uma mancha de expuma indica que o aeroplano deslisa á flor dagua como sereno barco-automovel.
A multidão enthusiasmada batia palmas ao genial inventor, quando, de repente, o *invento* começa a submergir.
das, ante a multidão
ra *aterrar* o genial
povo em...
... delirio carrega em trihmpho o grande homem. Mas... que é.. que é isto que tanto sacode Paulinho?
— Que é isto, meu Paulo, dormes e sonhas sobre o livro que te dei para lêr? — pergunta o pai de Paulinho. O menino abre os olhos, olha espantado e suspira pezaroso: tudo fôra um sonho.

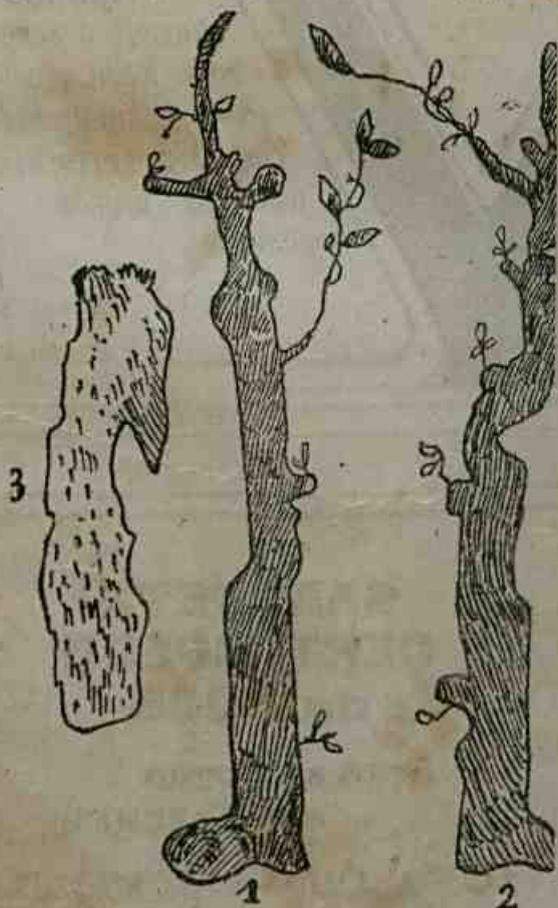
GALERIA DA INFANCIA

Os quatro interessantes meninos Haydéa, Elsa, Gerson e Fernando, filhos do Sr. Fernando Parodi

)(::o::)(

QUEBRA-CABEÇAS

ONDE ESTÁ' O GENERAL?

Graças a estes dois troncos de arvore (figuras 1 e 2) e ao pedaço de terra (figura 3)

e ao pedaço de terra (figura 3) um general francez, que commandava um corpo de exercito na frente de batalha, poude observar os movimentos do inimigo e, por sua vez, dispôr o ataque com as suas tropas, que foram victoriosas. Os nossos leitores, collocando as arvores e o pedaço de terreno de certo modo, conseguirão descobrir como o general poude levar avante a sua observação.

As mulheres mais felizes que os homens

UM abalisado professor hollandez dizia, ha poucos annos, que as mulheres são muito mais felizes que os homens. Esta affirmação, deduzida de profundos estudos sobre o caracter feminino, funda-se na sua opinião, em que o homem necessita, para ser ditoso, que lhe succeda alguma cousa que o faça feliz, ao passo que a mulher só por lhe não succeder nada máu, já se considera ditosa. Isso resulta, no dizer do sabio professor, do facto da mulher não ter tão desenvolvido como o homem o sentimento de responsabilidade.

— "A mulher, accrescenta no fim de suas considerações o sabio hollandez — é incapaz de comprehender a significação dos acontecimentos, e por isso julga as cousas com maior ligeireza e menos ponderação do que o homem."

Si o sabio hollandez ainda vive e acompanha como é natural, o papel elevado, vultuoso mesmo, que a mulher tem representado em todo mundo nas relações da grande guerra, deve estar bem triste de ter emittido a segunda parte de sua opinião, isto é aquella que julga a mulher menos ponderada que o homem.

GALERIA DE NOSSOS LEITORES

Os galantes Ernestina e Ernesto Sulzer, nossos amiguinhos residentes em Santos, E. de S. Paulo

PRESTIDIGITADORES

AS ILLUSÕES SCENICAS

O CORPO NO ESPAÇO

UAL de nossos leitores ainda não teve occasião de assistir a uma d'essas maravilhosas sessões de prestidigitação que empolgam e intrigam os espectadores?

Os *trucs* e trabalhos apresentados pelos prestidigitadores ás platéas estupefactas têm sido em numero consideravel, mas o que, até ha pouco tempo, causava mais admiração era o em que o artista procurava provar, contra todas as leis de physica, a suppressão da acção da gravidade, que, como os nossos leitores não desconhecem, é a força que attrahe todos os corpos para o centro da Terra. Resumia-se o "trabalho" em apresentar á platéa uma pessoa, estendida horizontalmente no ar, sem nenhum ponto de apoio visivel.

Logo que chegava ao palco a pessoa com quem era feita a experiencia deitava-se numa caixa, montada sobre quatro pés ligeiros, da qual se descia a face deanteira para mostrar aos espectadores que "não havia nenhum artificio".

Em seguida, o prestidigitador, collocando-se por trás da caixa, fazia uns passes com a mão e via-se então o corpo levantar-se lentamente até sahir de todo da caixa, que era retirada completamente.

Para augmentar a illusão dos espectadores maravilhados e mostrar que não existia nenhum ponto de apoio, passava-se um arco de um extremo a outro do corpo, que parecia, d'esse modo, pairar no espaço. A illusão era completa e não podiam os espectadores admittir, á simples vista, que existisse o *truc* de que lançava mão o prestidigitador. Esse, porém, era dos mais simples. A gravura junto representa os pormenores da operação.

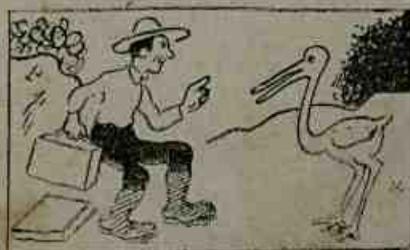
A caixa continha uma armação de ferro ABD, sobre a qual se deitava a pessoa; esta armação era contornada de modo que o arco pudesse passar até aos pés sem encontrar nenhum obstaculo. No ponto D havia uma argola, na qual, no momento preciso, se vinha introduzir uma haste de ferro, que um systema de roldanas, manobrado no porão do palco, fazia sahir do chão; essa haste, de côr exactamente egual a das calças do experimentador, movia inteiramente encostada a elle e era muito difficil vel-a, mesmo quando se estivesse prevenido. Demais, o prestidigitador, logo que a haste de ferro começava a mover não mudava mais de logar, e os ferros da armação eram disfarçados aos olhos do publico pela saia da moça, a qual ficava um pouco pendente.

O arco era introduzido pela cabeça e vê-se que pode ser conduzido até aos pés, ao ponto B, sem encontrar o supporte nem a armação; mas ahi era detido; fazendo-o gyrar na mão, pode desembaraçar-se completamente o corpo. Como o prestidigitador ficasse pouco tempo nessa posição, para voltar immediatamente atrás, o espectador tinha a impressão bem nitida de ter visto passar livremente o arco até para além dos pés. A caixa era então trazida de novo e a pessoa descia, lentamente como tinha subido, em seguida ao que se levantava e vinha agradecer as palmas calorosas com as quaes o publico a saudava.

Emquanto isso a haste de ferro era descida, a caixa retirada e o chão do palco ficava apparentemente, é claro, como se nada tivesse deixado passar através de si.

Esse *truc*, de todos os empregados para suspender um corpo no espaço é o que dá mais completa illusão.

O corpo humano no espaço.

A sorte do Pintamuros

Pintamuros, pintor de paisagens, deixou o cavallete em casa, mas essa cegonha o salvou do apuro.

(Desenho de Cadorna)

CANÇÃO DOS ESCOTEIROS

DEDICADA AOS ESCOTEIROS BRASILEIROS

Letra de Carlos Manhães — *Musica de A. Rocha*

Escripta especialmente para o Almanach d'O TICO-TICO

Tempo de marcha

Intrepidos escoteiros
Somos forte região
Seremos os timoneiros
Da nossa amada Nação
A imagem viva da Patria
Trazemos no coração
Vemos nos prados as côres
Do sagrado pavilhão
Na vida de esco-

ALMANACH DO TICO-TICO 1919
-tei-ro sempre dis-pos-to a morte en-ca-rar....... Só ha o fe-to al-ta-nei-ro Da pa-tria a ma-da sempre hon-rar
ma-da sempre hon-rar
1a
2a
Transpo-mos mon-tes cam-pi-nas.........
Co-ber-tos de um céo a-zul...................
On-de nos ser-ve de gui-a.....................
Ri-co Cru-zei-ro do Sul.......................
Pa-tria a-da-ra-da e for-mo-sa
De lin-do céo côr de a-nil....................
Os es-co-tei-ros te al-mejam
Um po-de-ro-so Bra-zil...................
D.C. ou CODA
Coda.
ff
mol.
Fim.
(VIDE LETRA NO TEXTO)

Rostos Pallidos

De Interesse Especial para as Mulheres das Americas Latinas

Observações Sobre o Engano Commum entre a Debilidade e a Robustez. A Côr de Saude é a Melhor Prova da Formosura

Ha muitas pessoas que consideram a Pallidez a cor natural do seu rosto, e dizem: — Esta menina ou esta moça é pallida por natureza. O mesmo diz o marido as vezes de sua valente companheira, quando ella talvez occulta soffrimentos de martyr. Em todas as pessoas a pallidez denota sempre pobreza de sangue, nem mais nem menos. E o pobre de sangue torna-se pobre de forças, de espirito, de intelligencia e de prazer na vida; dá-se-lhe então o nome de Anemico.

Com o sem numero de curas notaveis que têm feito as Pilulas Rosadas do Dr. Williams, não ha jámais razão para permittir esse decahimento physico e moral. Estas Pilulas têm levantado muitos que nem esperanças tinham de tornar a gosar das glorias da vida. Moços que viam decahir as suas forças e ambições, na luta pela existencia, voltaram com novo ardor ás trincheiras e sahiram victoriosos dos seus ardentes propositos. Moças que viam por-se o sol da juventude alegre e feliz, cujos dons de formosura e vivacidade estavam quasi perdidos, têm-se tornado felizes e mais briosas do que nunca, gosando da existencia ideal da edade risonha, nos estudos ou nos affazeres domesticos, e na sociedade do sexo forte, cuja admiração ellas sempre inspiram com o seu olhar vivo e as suas faces rosadas.

A mesma joven quando se casa encara o futuro com o anhelo natural e sublime da Maternidade. Ser Mãi! Quanto não quer isto dizer? O que são os cuidados que necessariamente apparecem comparados com o prazer quando, no orgulho que anima a alma de uma Mãi, faz ella essa preciosa porção do seu proprio ser, que se chama Bébé? Muitos corpos debeis que não conheciam essas sensações celestes, têm-se tornado entes robustos e dado ao mundo esses seres que trazem a felicidade indispensavel ao lar domestico. O que é uma arvore sem fructa? O que é uma esposa sem filhos?

Isto, e muito mais, faz as Pilulas Rosadas do Dr. Williams, sementes de vida condensada, contendo o calor suave do sol do Norte, a sensação da Primavera, a pureza d'uma fonte, e outros germens de vitalidade com que a Natureza quiz dotar a humanidade.

Aquella pessoa que cuida de sua saude em tempo, guarda dinheiro no banco do seu futuro, pois só a Saude abre o caminho, derribando escolhos e trepando no cume da capacidade humana. Quando este facto ficar bem estabelecido na mente da humanidade, estaremos bem quanto a perfeição nesta vida. Só a Saude triumpha.

As Pilulas Rosadas do Dr. Williams são encontradas á venda, em todas as pharmacias e drogarias do Brasil.

O VENTOINHA

MONOLOGO

CARLOS 14 *annos. Maneiras pretenciosas. Entra vagarosamente com um volume debaixo do braço, embebido na leitura de uma revista illustrada. Detem-se em meio da scena. Com um momo, meneando a cabeça em aceno negativo:*

Não! Não vão bem... Falta-lhes um Napoleão. Esta guerra está a pedir um genio como Alexandre, Cesar ou Napoleão. Assim não vai. E' pena que eu seja ainda tão criança... Ah! se eu já fosse homem e elles me confiassem o commando...! (*Sem deixar a revista mette a mão no bolso e tira uma touca de criança, com que esponja o rosto. Sentindo-lhe a aspereza das rendas:*) Que é isto? Uma touca! Esta minha cabeça...! Que hei de fazer? E' de familia. Meu tio Anthero era tão distrahido que, querendo estudar medicina, para que tinha grande vocação, matriculou-se na Escola Polytechnica e, quando se formou, em vez de exercer a engenharia, abriu um consultorio receitando aos doentes formulas algebricas e resolvendo os casos cirurgicos com uma das quatro operações. Lembro-me ainda de lhe ter ouvido affirmar que o que de melhor havia para a coqueluche era um cosimento de raiz quadrada. Se o não tivessem recolhido ao Hospicio a medicina, reformada por elle, seria hoje um ramo das mathematicas superiores. Deram-no por doido, a elle! um sabio! Que se ha de fazer? é o destino de todos os grandes homens, os eternos incomprehendidos. (*Com fingida modestia:*) Eu, por exemplo... Mamãi conta que, desde pequenino, fui sempre tão distrahido que trocava a noite pelo dia, não a deixando dormir um segundo... pelo que fui desmamado aos oito mezes. Comecei a soffrer muito cedo, mais cedo do que meu tio. (*Tom emphatico:*) A distracção é um desprendimento do espirito. O homem distrahido eleva-se do mundo material, abandona a terra pelo espaço, despreza as mesquinharias pelas grandezas, como a ave, que vôa livre nas alturas. (*Pigarrêa vaidoso.*) Algumas vezes acontece-lhe cahir, como succedeu a meu tio Anthéro, mas se não cahe, vai longe! (*Outro tom:*) No collegio os lentes, os bedeis, os collegas todos me tratam de "Ventoinha". Pensam que me incommodo? (*Encolhe os hombros com indifferença.*) Inveja! Se me distrahio em uma conta, na analyse de um trecho, na definição de uma regra é infallivel a gargalhada. Os mediocres não comprehendem nem podem comprehender os espiritos de eleição. Arithmetica, grammatica, geographia, physica e chimica... que valem baboseiras taes? O genio não se escravisa a regras. O sol precisa de azeite para alumiar? não, alumia porque é sol. Assim o homem de genio: sabe, porque sabe. Não me preoccupo com grammaticas e numeros e falo, escrevo, conto, faço tudo que quero. Collaboro em varios jornaes e se os meus artigos não sahem é por falta de espaço. Riem-se de mim quando não atino com o sujeito de uma oração... Ora um sujeito...! Que é um sujeito?! Não é que eu não saiba, é que me perco, distraio-me. Outra coisa é a tal historia dos pronomes. Francamente...! Pois com tanta coisa séria que ha na vida ha de um homem ter cabeça para cuidar de pronomes? collocando-os á direita ou á esquerda do verbo, lá porque a grammatica assim o entende? Os pronomes que se arranjem, eu é que não hei de andar atraz delles, a dizer-lhes: "Cavalheiro, o seu logar é aqui. Meu caro senhor, ali..." Tolices! Depois, distrahido como sou... Se não fossem as minhas distracções eu já estaria matriculado na Faculdade de Direito, porque o meu sonho é fazer um tunnel que ligue o Districto Federal a Nictheroy. (*Pausa. Sorrindo:*) Ora aqui está. Vêm? um bacharel a fazer tunneis...

E' a alma de meu tio Anthéro. Isto é que me preoccupa. Se eu me pudesse dominar, fixando a attenção no que faço... ahn! Mas qual! O meu espirito é como um passarinho que se não aquieta em um ramo e só quer voar d'aqui para ali, ao sol. Abro um livro, ponho-me a estudar. De repente as letras movem-se, crescem, começam a dançar, a correr e a pagina transforma-se em uma tela de cinema e, em vez de uma descripção geographica, de uma equação ou de um capitulo de historia vejo uma fita e adormeço cançado... porque essas fitas, quando são muito longas, fatigam os olhos e fazem dormir, não é verdade? No dia seguinte, na aula, é aquella certeza: nota má. A culpa é minha? não. De quem é? (*Batendo uma palmada na fronte:*) D'isto! E' do mundo de idéas que eu tenho aqui dentro. O futuro dirá quem sou. (*Olhando em volta:*) Que vim eu fazer aqui? (*Procura lembrar-se.*) Ah! procurar o meu atlas. Onde o terei deixado? No collegio, com certeza. Tambem para umas terrinhas de nada um volume d'aquelle tamanho. (*Põe-se a procurar pelos moveis e, abrindo um delles, descobre uma caixa. Com grande alegria:*) Os meus soldados! Foi mamãi que os escondeu aqui no dia em que levei a nota má em geographia. (*Sisudo:*) E' isto! Depois dizem que sou vadio. Toda a minha inclinação é para a guerra. Estudo batalhas, fico horas e horas debruçado sobre a mesa combinando planos e, quando os vou executar, apparece José com a toalha para pôr a mesa. Se desço ao jardim para cavar uma trincheira, salta-me logo em cima o Manuel: "Que não! Que eu tenha paciencia, que não esfuraque os canteiros, que lhe não mate as plantas." E estude-se! Só me querem vêr com os livros. Os livros...! Cada qual para o que nasceu. Entendem que eu hei de ser medico... Medico! Cortam-me as azas e querem que eu vôe. Pois sim... Soltem-me! Deixem-me ir para onde me chama a vocação, para onde me leva o genio. (*Enlevado:*) O genio! (*De repente, prestando attenção:*) Vem gente! E' mamãi, com certeza. (*Ao publico:*) Não digam que eu estive aqui a tagarellar com os senhores, senão ella não me leva amanhan ao cinema. (*Senta-se, abre o livro que traz debaixo do braço e põe-se a declamar com emphase:*)

Dai-me uma furia grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda;

Mas de tuba canóra, e bellicosa
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda...

PANNO

A gata borralheira

BANHAVA-SE, um dia, Rhódope no Nilo quando uma aguia, avistando, na margem, uma das suas sandalias, tomou-a no bico e, voando na direcção de Memphis, deixou-a cahir ao collo do Pharaó que, no seu throno, ao ar livre, presidia á distribuição da Justiça.

Surprendido com a singularidade do caso e maravilhado com a pequenez do minusculo calçado o soberano despachou emissarios para que procurassem, por todo o paiz, a dona daquelle escrinio.

E foi assim que Rhódope, recebida na côrte, foi acclamada rainha do Egypto.

Esta lenda, que Maspero nos refere com a simplicidade com que os sabios registam as suas observações, é, talvez, o germen da formosissima historia de *Cendrillon* ou da *Gata borralheira* com que, mais do que os livros, as narradoras de outr'ora encheram de tantas e tão suaves fantasias, a imaginação das crianças.

Era no tempo em que, por ainda não haver cinemas, os petizes se ajuntavam, á noite, em volta das boas velhas, que falavam docemente e, ás vezes, cantavam, com uma voz que tremia, flébil, mas que tinha tanto prestigio como a das fadas, porque tudo quanto ellas descreviam: os palacios de marmore e ouro, os principes que vinham pelos ares montados em dragões, as princezas que chegavam em berlindas tiradas por corças, com uma guarda de anões ou de gigantes e os banquetes... que faziam crescer a agua na boca dos ouvintes, tudo os petizes viam na tela da imaginação, muito mais ampla e mais verdadeira do que a dos cinemas.

Não sabemos se as crianças de hoje são mais felizes do que as de antanho — as visualidades dos cinemas esvaem-se-nos da memoria rapidas e esses contos de fadas simples, doces, ingenuos, acompanham-nas até á velhice, como flôres que não murcham, trazidas da infancia e que os velhos de hoje, por indifferença, levam comsigo para o tumulo, quando as deviam transmittir aos pequeninos para perfumar-lhes a alma, como faziam as boas velhas do outro tempo, as avósinhas, as amas...

Mas as fadas desappareceram. A claridade é hoje muito intensa para que nella se mostrem essas creaturas encantadas que nos dotavam para a vida com as maravilhosas prendas da fantasia.

)(:: o ::)(

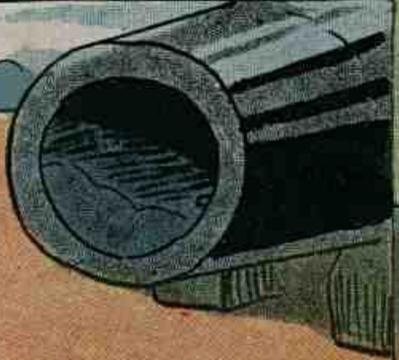
NOSSA GALERIA

A graciosa "pierrete" Odette Teixeira, residente em Lambary, Minas Geraes.

)(:: o ::)(

NOSSAS LEITORAS

A graciosa Maria Antonietta de Castro, filha do Sr. Antonio Avelino de Castro, residente nesta Capital

A *Faustina, Baratinha* e *Chocolate*, ficaram em casa para as arrumações e *Zé Macaco* sahe á rua para visitar os amigos.
Zé Macaco resurge com a paz mundial. Depois de uma ausencia prolongada durante todo o periodo da guerra, eil-o novamente n'*O Tico-Tico* para contar os seus quatro annos de aventuras.
Imaginem vocês, começou *Zé Macaco*, estava eu na trincheira ha mais de seis mezes...
...quando uma vontade doida d dar pelos campos me assaltou. E mais essa paralysação no meio desse racos.
Lá fiquei eu olhando para as moscas e para um bruto canhão que estava na minha frente

Malho e Tico-Tico
R. do Capim
VIVA A PENHA!

CONTO RELIGIOSO

O Convertido

M velho e um joven habitavam o mesmo recanto de aldeia, em casas uma ao lado da outra; eram muito amigos e gostavam de conversar e passear juntos. Conheciam, como mais antigos moradores da aldeia, todas as pessoas e cousas que existiam varias leguas em derredor. Uma cousa, porém, ignoravam: era o caminho que levava ao templo, e em suas conversações havia sempre palavras menos respeitosas a Deus.

Um dia, que elles foram sob um sol radioso visitar as planicies visinhas, o mais joven, que conversava animadamente, foi empallidecendo, perdendo a voz pouco a pouco e cahiu para traz morto.

O velho, a quem só a ideia da morte sempre amedrontara, fugiu espavorido para casa, onde, chegando e fechado no quarto, chorou amargamente a perda do seu inseparavel amigo. Já a noite descera e o velho, acabrunhado e cansado, procurou repouso no somno.

Mal cerrára as palpebras, viu deante de si um phantasma horrivel que o ameaçava. O pobre velho levantara-se da cama e a medida que os olhos se esbugalhavam, em terror pavoroso, sentia elle nascer-lhe no peito uma confiança, uma vontade inaudita de se acolher á protecção de Nossa Senhora, cuja imagem, não obstante os sarcasticos dicterios que levava a proferir com o fallecido amigo, se via, juntamente com um rosario, presa á parede da alcova, em tosco quadro. De um salto, como se fosse impulsionado por uma mola, o velho agarrou o rosario, cerrou as palpebras e com voz sumida e tremula balbuciou: *Ave-Maria, cheia de graças...*

Quando abriu os olhos, o phantasma sinistro tinha desapparecido.

No dia seguinte, bem cedo ainda, elle quiz sahir para sepultar o cadaver do amigo. Foi, mas encontrou o corpo horrivelmente dilacerado; as feras das mattas visinhas, os cães famintos, tinham, durante a noite, se banqueteado nas carnes do morto. Ante tão horrivel espectaculo, o velho recuou, vencido por um mixto de compaixão e medo, sem prestar a derradeira homenagem ao cadaver.

Na noite seguinte, o phantasma voltou ainda e lhe disse:

— Desgraçado! Teus exemplos, perniciosos aviltaram-me, condemnaram-me a alma e eu te levarei ao Inferno!

O velho, suando e tremendo de medo, exclamou:

— *Nossa Senhora valei-me!...*

Mal pronunciava taes palavras, o phantasma desappareceu e a figura da Virgem Maria, destacando-se do quadro tosco, illuminou o peccador.

— Infeliz mortal, disse a Virgem, não te posso valer porque teus crimes e peccados formam montanhas de alturas immensuraveis.

A Virgem appareceu ao pobre velho...

O velho, chorando convulsivamente, suspirou:

— Estou perdido!...

A Virgem respondeu:

— A justiça divina deu ao condemnado o direito de te perseguir. Todas as vezes, porém, que elle te apparecer atira-lhe em cima um desses objectos.

E a Mãi do Salvador voltou ao fundo do quadro tosco preso á parede. O velho, admirado, voltou-se e viu sobre o leito um pente de osso, um sabonete, uma medalhinha de santo e um par de oculos de ouro.

Estas armas extranhas não diminuiram a fé do pobre velho na sua Protectora e, alguns dias depois, elle poude verificar a sua utilidade e efficacia.

Com effeito, o velho peccador — agora convertido e protegido pela Virgem — viu-se de novo diante do phantasma que se mostrava

cada vez mais resolvido a levar-lhe a alma para o Inferno.

Elle, porém, guardára as palavras da Nossa Senhora e lançára contra o espectro o pente de osso. Immediatamente se formou uma espessa muralha de espinhos entre o velho e o phantasma, que desappareceu.

O velho resolvera então abandonar a casa onde morava e partiu sem destino. Pouco havia caminhado quando percebeu atraz de si o espectro furioso que o queria segurar. Instinctivamente, atirou sobre o phantasma o sabonete que a Virgem lhe dera e logo um lago de agua gelada se interpoz entre elle e o seu perseguidor.

O velho, cujas pernas tremiam de cansaço, poz-se de novo a caminhar. Não tardou muito e o phantasma de novo lhe surgiu á frente. O ancião cuja fé na Santa Virgem mais e mais se accentuava, lançou a medalhinha santa contra a sombra ameaçadora e logo um templo se ergueu diante de si. Elle, que nunca olhara siquer para a porta de uma egreja, correu então para o interior daquelle templo e, diante de um altar, orou, ajoelhado, no maior recolhimento religioso.

Tal humilhação exasperou cegamente o phantasma que outro não era senão o seu joven amigo, cuja alma, pelas más acções que praticára em vida não lográra entrar no céo. A tal ponto se encolerisára o espectro que quando o velho deixava o templo recebeu na cabeça forte pancada, que mal nenhum lhe causara, pois os oculos que a Santa Virgem lhe dera apararam o golpe e fizeram erguer uma alta muralha. Emquanto o maldito phantasma se esforçava para escalar o obstaculo, o velho regenerado — o antigo peccador, o penitente fervoroso, dirigia-se a um convento que demorava num monte fronteiro.

— Senhor abbade — disse elle — dê-me guarida nesta casa santa, por cujas portas beatas as almas perdidas não podem passar.

O abbade acolheu o velho convertido, que lhe contou toda sua historia, exalçando a providencia, a protecção maravilhosa da Santa Virgem.

Muitos annos viveu o pobre velho nas cellas daquelle convento, praticando penitencias que lhe expurgaram a alma de peccados.

Tornou-se de uma bondade infinita, quasi santa, e a Virgem, quando o austero penitente falleceu, abriu-lhe as portas do Paraiso.

Vingança e perdão

A Oswaldo C. Silveira

DURANTE a edade média, quando os cavalheiros estavam sempre em guerra uns com os outros, houve um que resolveu vingar-se de um seu vizinho, por supposta offensa recebida. Tendo ouvido que aquelle passaria certa noite proximo a seu castello com pequena escolta, julgou ser occasião opportuna para realisação dos planos concebidos, e resolveu não perdel-a. Falou da sua vingança na presença do seu capellão, o qual fez todo o possivel de o dissuadir de tal proposito. O bom homem disse muito acerca do peccado que o Duque planejava, porém nada conseguiu.

Vendo finalmente que suas palavras não eram attendidas, disse :

— "Meu Sr. Duque, visto que o não posso convencer de abandonar seu plano, rogo-lhe queira pelo menos vir á capella orar commigo antes de partir."

O Duque annuiu e ambos ajoelharam-se em oração. Disse então o misericordioso capellão ao vingativo guerreiro :

— "Quer repetir atraz de mim phrase por phrase a oração que Nosso Senhor ensinou aos seus discipulos?"

— "Sim, quero, — repetiu o Duque."

O capellão começou e o Duque seguiu, até que chegaram á phrase: "Perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores", alli parou o Duque.

— Sr. Duque, guarda silencio ? disse o capellão. Tenha a bondade de repetir as palavras, se é que se atreve a tal : "Perdoa-nos as nossas dividas, como nós perdoamos aos nossos devedores". Portanto ou tem que abandonar o seu plano de vingança, ou deixar de orar, porque, pedir a Deus que lhe perdôe como "perdoou aos seus inimigos" e lhe não perdoal-os é vil peccado. Ide, pois, Sr. Duque ao encontro da vossa victima. Deus irá ao vosso encontro no grande dia da sua justiça.

A força de vontade do Duque quebrou-se ao ouvir estas palavras.

— Não, disse elle, eu acabarei a minha oração. Meu Deus, perdoa-me ; perdoa-me como eu desejo perdoar aquelle que me offendeu, não me deixes cahir em tentação, mas livra-me do mal ! — Amen, disse o capellão.

JOSE' OSWALDO GURGEL DE MENDONÇA

Calma ingleza

ESTA historieta deu-se com um inglez calmo... como todo inglez.

Costumava elle adiantar o despertador, para depois que acordasse, dormir mais um pouco.

Uma noite a sua casa foi assaltada por um gatuno, que fazendo grande barulho, o despertou.

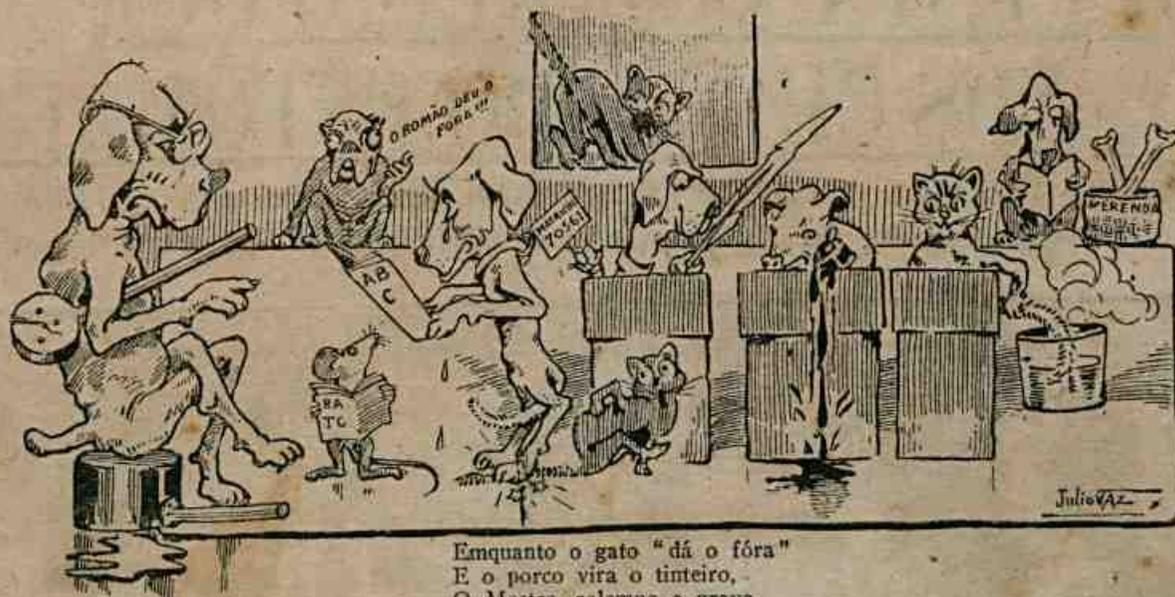
O gatuno, empunhando uma enorme faca, disse ao inglez :

— Acaba de soar a ultima hora de sua vida...

Nessa hora o despertador batia. O inglez respondeu calmamente :

— Assente-se ; o relogio está adiantado cinco minutos... Espere ahi e quando sahires não deixe a porta aberta por causa do vento. E virando-se para o outro lado continuou a dormir.

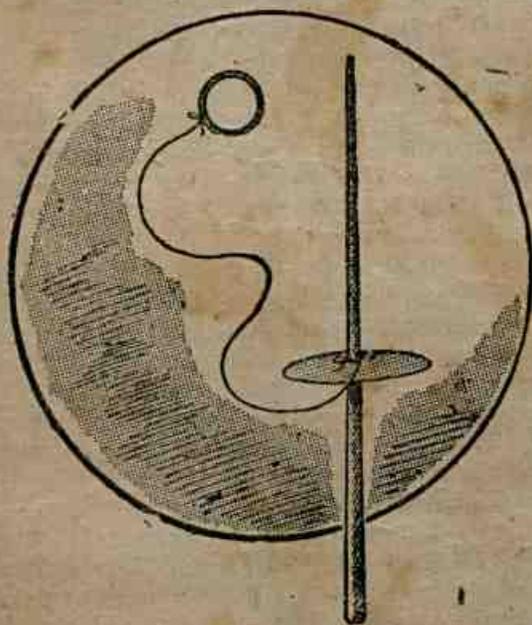
CARNEIRO SANTIAGO

UM PROFESSOR SEM ENERGIA

Emquanto o gato "dá o fóra"
E o porco vira o tinteiro,
O Mestre, solemne e grave,
Reprehende o cão matreiro.

Jogo e passatempo
(O BILBOQUET-ANNEL)

Este jogo tem duas grandes vantagens : não faz barulho e desenvolve a paciencia dos nossos amiguinhos porque exige dextreza e precisão de movimentos.

Sua construcção, ao alcance de todas as creanças, é a seguinte: Tomem meia folha de papel almaço e façam um bastão, enrolando o papel, o que permittirá o afilamento de uma das extremidades.

Cortem depois uma rodelinha de papelão,

no centro da qual deverá existir um orificio. Introduzam o bastãozinho por esse orificio ; a rodelinha ficará ajustala no centro do bastão, tal qual indica a gravura junto. Um pedaço de barbante fino deverá ter numa das extremidades um annel ; a outra extremidade prender-se-á ao bastão. O jogo consiste em conseguir, com o movimento ligeiro de uma só mão, enfiar o annel no bastãozinho.

O desobediente

MARIO era muito desobediente. Por mais que D. Lucrecia, sua mãi, o reprehendesse nunca deixava de lhe dar desgostos.

D. Lucrecia vivia em constantes sobresaltos por sua causa.

Um dia correu pela cidade a noticia de que um leão havia fugido de um circo numa aldeia proxima.

Todos os moços armaram-se logo de espingardas e recommendaram a suas familias que ficassem em casa ao abrigo de qualquer perigo.

Mario queria a viva força sahir para a rua. Sua mãi não consentiu que elle fizesse tal e prudentemente fechou todas as portas excepto a da cozinha por julgar desnecessario.

Mario não desanimou. Logo que a viu entretida com a costura foi para o quintal, pulou o muro e achou-se na rua. Depois embrenhou-se por uma floresta para procurar ninhos de passaros.

De repente o leão appareceu no caminho.

O menino correu e quando estava prestes a cahir nas garras da féra encontrou um rapaz com uma espingarda.

Logo depois ouviu-se um estampido, um rugido terrivel e o baque do corpo pesadissimo do rei dos animaes.

Devido ao susto que levára, Mario adoeceu gravemente. Mas ao ver-se fóra de perigo jurou nunca mais desobedecer sua mãi e com effeito foi sempre o seu melhor amparo.

FRANCISCO DE ASSIS GONÇALVES

)(:: o ::)(

Professor :—O elephante é um animal ou não ?

O alumno :—Nocivo...

Professor :—Por que é ?

O alumno :—Porque é com os seus dentes que se fabricam os teclados dos pianos.

AQUI ESTA' O REMEDIO QUE NOS CUROU DO ESTOMAGO!

As PASTILHAS DYSPEPTA marcam uma nova era de felicidade para a grande legião de dyspepticos e soffredores do estomago.

A felicidade que sorri nas faces desta familia bem mostra que nenhum delles soffre do apparelho digestivo. Na verdade um soffredor do estomago nunca é feliz; é um verdadeiro martyr.

Maus gostos na bocca, frio nas mãos e pés, gazes no estomago e agrura na garganta ou na bocca, são symptomas infalliveis de digestão defeituosa.

Se estes symptomas são abandonados, não tardarão em tomar o caracter de dyspepsia chronica, apparecendo logo depois persistentes e latejantes dores de cabeça, prisão de ventre, nervosidade e insomnia.

Logo que os primeiros symptomas de dyspepsia apparecem, é de grande conveniencia para evitar complicações futuras auxiliar os succos gastricos do estomago, sem os quaes é impossivel boa digestão.

AS PASTILHAS DYSPEPTA são o remedio supremo para isso. Estas pastilhas vegetaes sendo ao mesmo tempo tonicas, digestivas e antisepticas, darão ao estomago o auxilio do que elle carece,fortalecerão os succos gastricos e farão desapparecer rapidamente todos os symptomas de doenças do estomago e digestão deficiente.

Os purgantes drasticos e magnesias produzem sómente resultados transitorios e habituam o paciente ao uso constante dellas. O que se precisa é um tonico exclusivamente estomacal e digestivo, que cure o mal de raiz e para sempre. Se V. S. soffre do estomago prove hoje mesmo as **PASTILHAS DYSPEPTA**, amanhã poderá ser muito tarde.

Consulte seu medico sobre a fórmula que apparece impressa integralmente em cada vidro. Esta formula é a ultima palavra da therapeutica moderna, no que diz respeito a um tonico supremo, bi-digestivo e assimilante. E' uma combinação de seis agentes poderosamente digestivos, que qualquer medico recommendará para curar rapidamente a dyspepsia em todas suas manifestações.

Mesmo nos casos de dyspepsia chronica as **PASTILHAS DYSPEPTA** são de resultados efficazes e seguros se tomadas regularmente e seguindo a indicação que acompanha cada vidro.

A' venda nas drogarias dos Srs. Granado & C., V. Silva & C., Rodolpho Hess & C., Silva Gomes & C., Drogaria André, Orlando Rangel & C., Araujo Freitas & C., J. Rodrigues & C., Carlos Cruz & C., Granado e Filhos, E. Legey & C., P. de Araujo & C., Freire Guimarães & C., Victor Ruffier & C., Francisco Giffoni & C. Para preços pelo correio, escreva-se ao unico representante no Brasil.

Benigno Nieva.

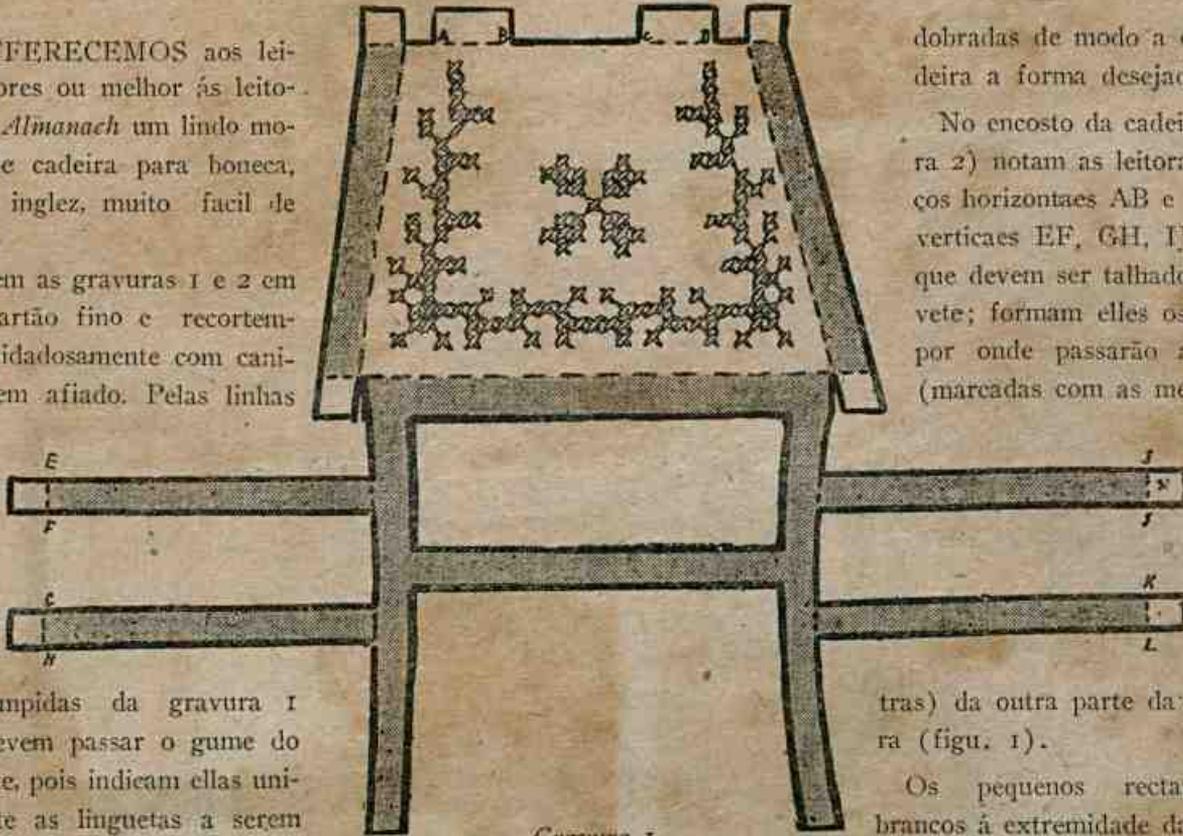
Caixa postal 979 — RIO DE JANEIRO

BRINQUEDOS DE ARMAR

Cadeira para boneca

OFFERECEMOS aos leitores ou melhor ás leitoras do *Almanach* um lindo modelo de cadeira para boneca, genero inglez, muito facil de fazer.

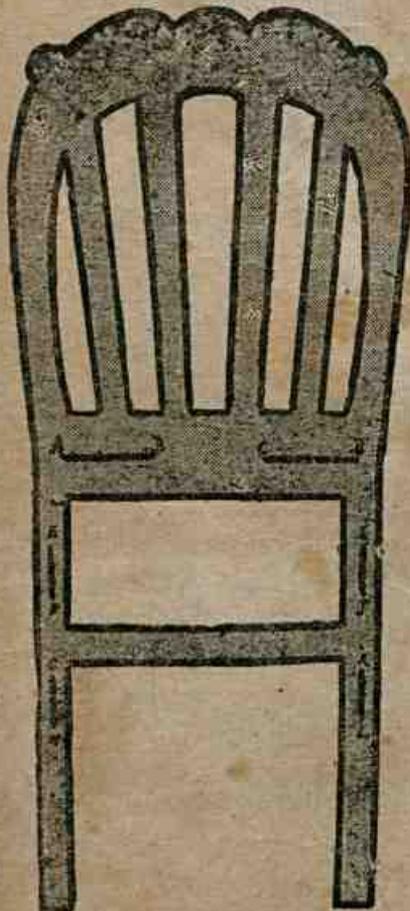
Collem as gravuras 1 e 2 em papel-cartão fino e recortem-n'as cuidadosamente com canivete bem afiado. Pelas linhas interrompidas da gravura 1 não devem passar o gume do canivete, pois indicam ellas unicamente as linguetas a serem dobradas de modo a dar á cadeira a forma desejada.

No encosto da cadeira (figura 2) notam as leitoras os traços horizontaes AB e CD e os verticaes EF, GH, IJ e KL, que devem ser talhados a canivete; formam elles os entalhes por onde passarão as traves (marcadas com as mesmas letras) da outra parte da cadeira (figu. 1).

Gravura 1

Os pequenos rectangulos brancos á extremidade das traves da cadeira (fig. 1) passarão através os entalhes respectivos marcados no encosto (fig. 2).

Devem ser dobrados pelas linhas pontuadas e após passar pelos entalhes respectivos, collados atraz do encosto com um pouquinho de gomma-arabica.

O modelo (fig. 3) mais elucidará ás nossas gentis leitoras na construcção da cadeira da boneca.

Para os leitores que não quizerem inutilizar a folha deste *Almanach* lembramos que poderão decalcar as gravuras 1 e 2 em papel cartonado. Neste caso as gravuras deverão ser coloridas antes de recortadas.

A cadeira prompta

Gravura 2

Professor (zangado) — Você é muito mais gordo do que instruido!

Alumno — Não admira! Quem me dá de comer é meu pai e quem me instrue é o senhor.

— Quero uma duzia de lenços com a minha inicial...

— Qual é?

— R.

— V. ex. chama-se Rosa?

— Não, Ernestina.

PARA RIR...

Num collegio:

O professor — E' impossivel que o menino tenha feito este thema. Quem o ajudou a fazer?

— Ninguem...

— Não creio. Foi o papá quem o ajudou, não foi?

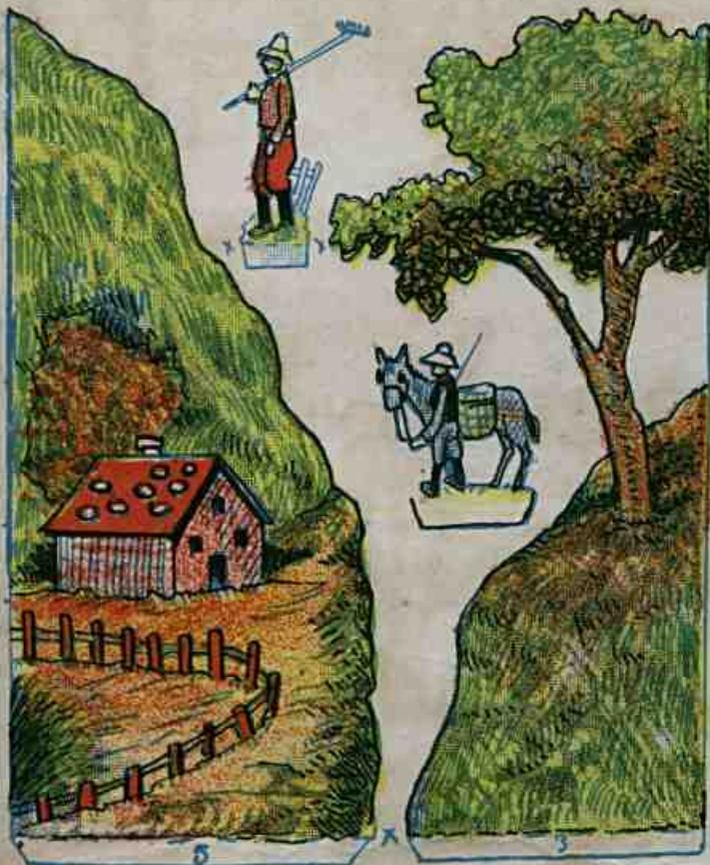
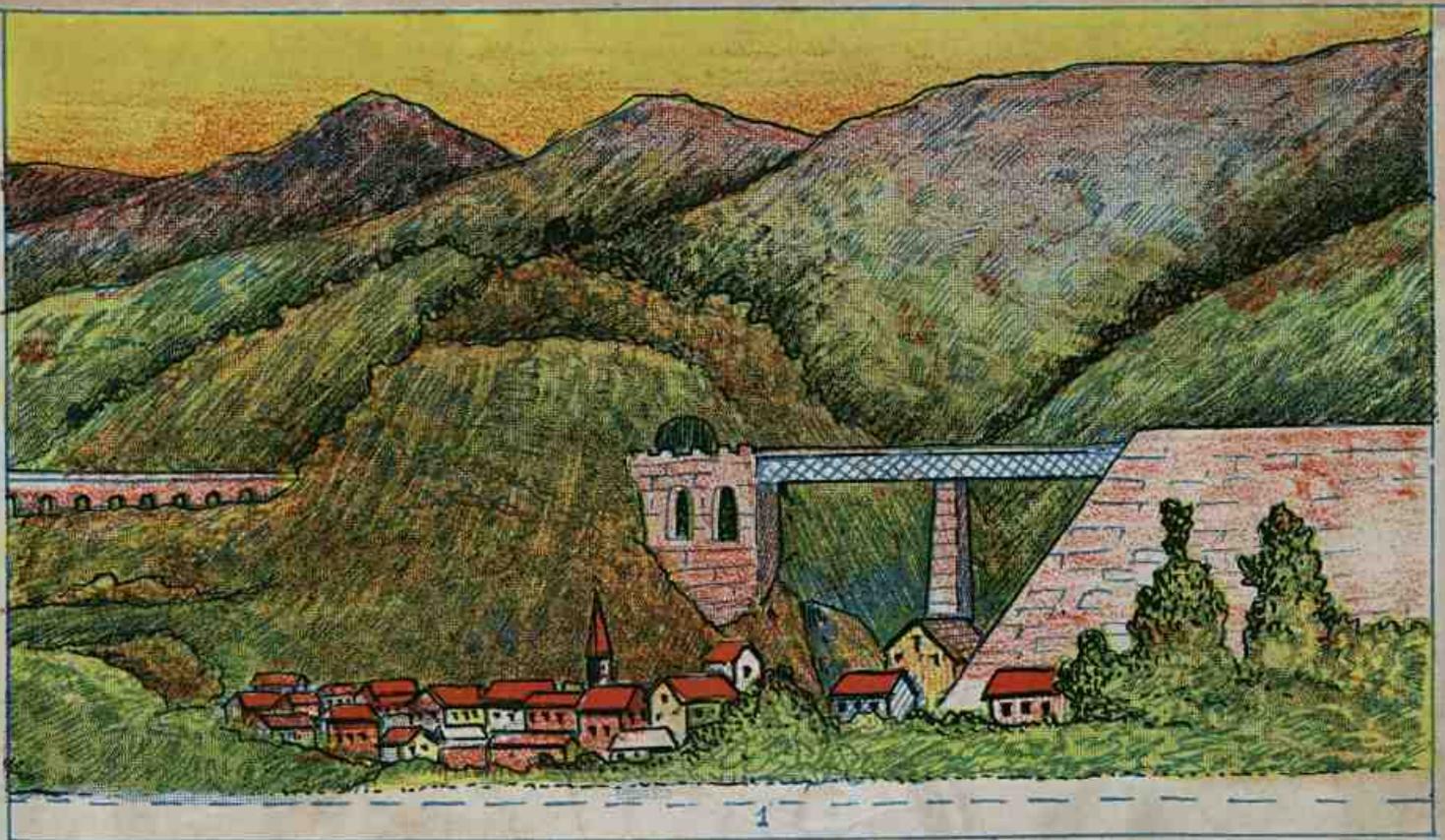
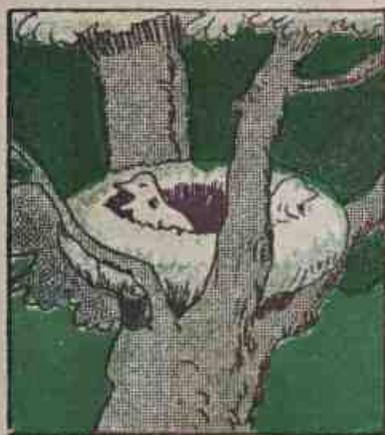
— Não, senhor. Elle fez o thema todo.

ANDRÉ B. SOARES

SABÃO
ARISTOLINO
OLIVEIRA
CATRISANTE
REGISTRADA
MARCA
Oliveira Junior
O SABÃO ARISTOLINO
nos banhos geraes ou parciaes, fortifica os tecidos, preservando a pelle das excrescencias, e qualquer molestia diathesica ou não.
O SABÃO ARISTOLINO
usado convenientemente, combate a caspa, manchas do rosto, espinhas, cravos, pannos, golpes, feridas e queimaduras.
A' venda em qualquer parte.

Uma viagem á Suissa

1

(Vejam explicação no texto)

Janjão e o ninho do tico-tico

Um casal de tico-ticos construira seu ninho nos galhos de uma frondosa mangueira.

Janjão, menino travesso, subiu á arvore e, aproveitando-se da ausencia do casal de passarinhos, apoderou-se do ninho, com dois filhotes...

...de tico-tico. Levando o ninho Janjão pensava :—Si tivesse esperado a noite talvez apanhasse tambem os pais destes passarinhos.

Chegando á casa, o menino prendeu numa gaiola os dois filhotinhos. O casal de tico-ticos descobriu logo a morada dos filhos e foi levar-lhes alimento.

Janjão os viu e, querendo apanhal-os, untou de visgo a tampa da gaiola. Depois foi se esconder...

...A espera. Um ganso, que andava a voar, cansado, procurou um logar para descansar e...

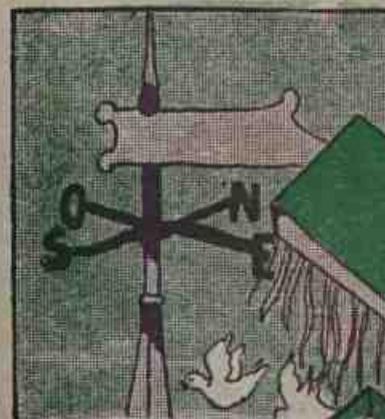
...foi pousar justamente sobre a gaiola dos filhotes de tico-tico

Quando quiz levantar o vôo sentiu os pés presos: o visgo prendera-os.

Más o ganso era um animal resoluto e poz-se a bater as azas, para se desembaraçar...

... da gaiola. Não conseguindo, com bastante esforço vôou levando a gaiola pelos ares e perseguido...

...pelos pais dos pequeninos passaros encarcerados. A carga era pesada e o ganso...

...quando passava sobre um catavento, conseguiu libertar-se da gaiola... que foi se despedaçar contra a agulha central da setta

Os filhotinhos de tico-tico viram-se livres da prisão e contentes exclamaram: "Viva a liberdade!", ao mesmo...

...tempo que se dirigiram para o ninho onde se uniram aos pais.

Estes, doidos de alegria, riram-se muito da aventura, emquanto ...

Janjão, abria uma bocca deste tamanho chorando a perda de sua gaiola.

Miguel e a lanterna magica

Miguel passeava com o Genio da Floresta e levava uma lanterna para illuminar o caminho.

Mas eis que surge um salteador de estrada, em perseguição de Miguel. O menino, naturalmente, correu, fugindo...

... e começou a subir uma montanha, sempre perseguido pelo salteador. O Genio da Floresta guiava Miguel, mas o salteador já vinha proximo.

Por fim chegaram ao cume da montanha e do outro lado havia um precipicio.

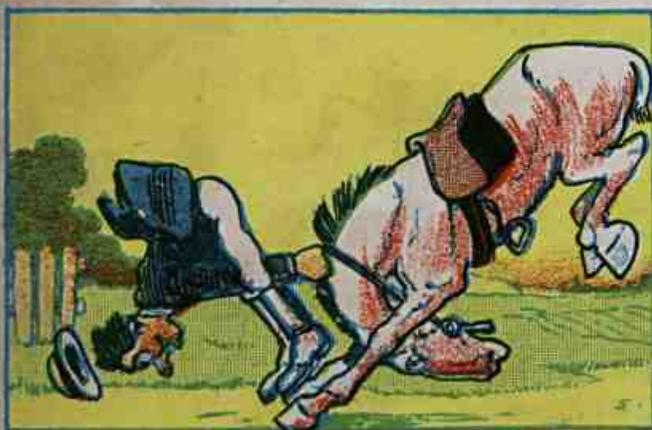
O salteador approximava-se cada vez mais. Miguel julgava-se perdido e sem achar ninguem para o soccorrer!

Mas eis que uma cousa milagrosa aconteceu: a lanterna que Miguel levava na mão transformou-se em balão e assim o menino poude fugir com o Genio da Floresta. Tudo isto, porém, não passou de um sonho que Miguel tivera numa das ultimas noites.

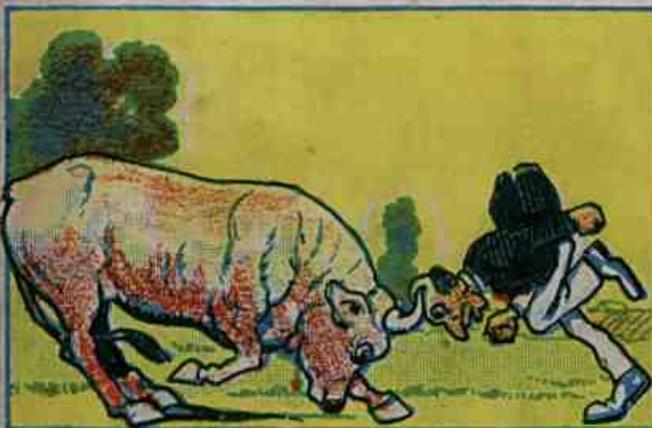
A mania do Nicodemus

Nicodemus Milidéas estava bem contente naquelle dia de Anno Bom, porque presenteára a toda familia: á esposa dera elle um grande chapéo de plumas, ao filho mais velho...

... uma motocycletta capaz de fazer o kilometro em dois segundos, á filha 147 duzias de caixas de balas e ao sobrinho um...

... magnifico cavallo arabe que, infelizmente possuia o máo habito de nunca estar em pé sobre as quatro patas, o que não foi muito...

... agradavel ao cavalleiro, que cahiu mil vezes ao chão. Mas Nicodemus, que dera tantos presentes, quiz tambem se obsequiar a si proprio.

Conhecia elle o Dr. Marmelada, que havia descoberto um processo de tornar a cabeça de seus clientes tão resistente como o aço...

... collocando-os assim ao abrigo das fracturas craneanas. Foi procurar Nicodemus o medico e submetteu-se á...

... operação, finda a qual, para se certificar de sua efficacia, entrou a dar cabeçadas no primeiro boi bravo que encontrou no caminho. O resultado foi bem lisongeiro: a cabeça de Nicodemus ficou sem uma arranhadura.

Em casa, Nicodemus fazia continuamente experiencias: dava formidaveis cabeçadas em pregos e até uma vez...

... furou o muro do seu visinho Anastacio, que o processou na forma da lei.

Um dia o Nicodemus foi a um campo de aviação se offerecer para pilotar um aeroplano, dizendo que, embora cahisse, não quebraria a cabeça. Dito e feito: uma...

... vez á altura de 200 metros, no elegante aeroplano, o Nicodemus, fechou os olhos e... cahiu de cabeça. O impulso que trazia era tão grande que...

... ao cahir, se enterrou 80 centimetros na terra. Resultado: a policia obrigou o Nicodemus a pagar 2 contos de réis de multa por ter esburacado a via publica.

O MIMETISMO ANIMAL

COMO OS ANIMAES SE DEFENDEM

A VIDA dos animaes que não têm uma utilidade directa para o homem, como o burro, o cavallo, o boi, etc., pois estes lhe prestam serviços inestimaveis já como factores do desenvolvimento do trabalho, já como alimento, pode-se resumir em tres funcções principaes: comer, reproduzir-se e defender-se dos seus inimigos. Esta ultima funcção é a que mais os fatiga, porque para desempenhal-a os animaes despendem grande actividade.

A Natureza deu a alguns animaes meios passivos de defeza, conhecidos pelo nome de *mimetismo*, vocabulo que vem da palavra grega *mimos* comediante. O *mimetismo* dos animaes é o modo por que elles imitam o meio em que vivem, já tomando a fórma de outros animaes, já se dissimulando em folhas e gravetos de arvores.

"*Filio*" — *Uma folha que anda.*

Um dos exemplos frisantes do *Mimetismo* é dado pelo *filio folha secca*, que existe no interior do nosso paiz e que quando está sobre as folhas das arvores em que vive é impossivel distinguil-o d'ellas.

Tão curioso como o *filio* é a *calima*, mariposa que existe em Sumatra. As suas azas, de uma côr purpurea com variantes cinzentas, são atravessadas na parte superior por uma larga barra de um alaranjado brilhante que torna o insecto muito vistoso quando vôa.

"*Calima*" — *No ramo estão pousadas duas calimas que se confundem com as folhas.*

A *calima* encontra-se de preferencia nos bosques e, quando perseguida, entra no matto, esconde-se entre as folhas seccas e por mais cuidado que se empregue em procural-a, não se a encontra. Outra variedade da *calima* pousa tão bem nos galhos que se confunde com as folhas.

Ha orthopteros tão compridos e de côr semelhante á madeira que parecem troncos de arvores que andam. Taes são o *fibalosoma*, que nós chamamos communmente de *bicho de pau*, e o *phonocles* que é um verdadeiro tronco de bambu' que anda.

"*Fibalosoma*", *espectro fantastico, que se confunde inteiramente com os galhos do arbusto.*

Nas nossas florestas existe a lagarta *choerocampa elpenor*, que possue de cada lado do segmento abdominal grandes manchas que parecem olhos e que não attrahem a attenção quando o animal está em repouso. Quando a lagarta presente a approximação do inimigo encolhe immediatamente a cabeça e as manchas em questão dão-lhe a apparencia de venenosa serpente.

"*A oruga do choero campa*", *que para assustar os lagartos que a querem devorar toma o aspecto de furiosa serpente.*

"*Phonocles*" — *Um pedaço de bambu' que anda.*

O MAIS PURO SAL NACIONAL

Unico proprio para o gado

SAL de todos os typos e qualidades.

SAL USINA
Typo especial
"Beneficiado"

Fornecimento em Saccaria de Algodão, Aniagem, etc.

FAÇAM SEUS PEDIDOS DIRECTAMENTE A'

Companhia Commercio e Navegação

37 - AVENIDA RIO BRANCO -- 37

Caixa Postal 482 — Telephone N. 1904 — End. Telegraphico: UNIDOS

FILIAL EM S. PAULO - RUA S. BENTO, 45 A

Caixa Postal 218 — Telephone 5311 C. — End. Telegraphico: UNIDOS

OS PATINS DO ALBERTO

LBERTO e Eugenio, dois meninos de dez annos, frequentavam a mesma escola e embora de condições differentes, pois o pai de Eugenio era um rico negociante, e o de Alberto um pobre, eram muito amigos.

Por mais de uma vez, a convite de Eugenio, Alberto tinha ido a sua casa, brincar com o amiguinho.

De todos os brinquedos de Eugenio aquelle de que Alberto mais gostara era um par de patins com que o amigo volteava pela calçada de cimento em redor da casa, ou mesmo no *rink* que ficava numa praça publica proximo.

— Quem me déra um brinquedo desses! — pensava o Alberto, sem, entretanto, demonstrar esse desejo por olhares de cobiça ou palavras de inveja.

Como era um menino de força de vontade e "sabia querer", resolveu fazer economias, juntando o dinheiro preciso para comprar os patins almejados.

Para isso lembrou-se de reunir todo o papel usado no collegio e que era jogado fóra nas cestas. Pediu tambem na casa commercial do pai de Eugenio todo o papel imprestavel que ficava dos embrulhos e emballagem de mercadorias, indo depois vendel-o aos negociantes que compram esse papel e outros trapos para revendel-os, por sua vez, ás fabricas de papel.

Muito activo no seu emprehendimento, o Alberto já havia conseguido em poucos dias juntar a quantia de 10$000.

O par de patins que elle vira numa loja da rua do Ouvidor custava mais um pouco e elle contava naquella semana, vendendo mais alguns kilos de papel, completar a importancia precisa para compral-o.

Seria para elle um prazer indescriptivel, poder no proximo domingo patinar com o amigo Eugenio, justamente agora que a temperatura vinha descendo constantemente, e era além de util, agradavel aquelle exercicio ao ar livre!

Naquella noite, porém, elle ouviu gemidos no quarto onde dormia a avósinha e, indagando, soube que a velhinha soffria muitas dôres com o seu rheumatismo, augmentado agora com o frio que fazia. De nada lhe servia agazalhar-se com o seu velho cobertor, pois este, pelos longos annos de uso, estava quasi no fio e todo esburacado.

...Vendia papeis velhos...

O pai não poderia comprar outro naquella semana e nem talvez na outra que era a em que se vencia o aluguel da casa.

Alberto não poude mais dormir. A madrugada veio encontral-o de olhos abertos, pensando no soffrimento da avósinha e, talvez, nos patins tão ambicionados.

Logo pela manhã, depois do café, pediu aos pais licença para sahir.

Tinha o dinheiro certo para comprar os desejados patins, porém, em vez de fazer isso, dirigiu-se a uma outra loja onde comprou um bello cobertor de lã, que foi levar á querida avósinha, que ainda estava no leito, a gemer de dôres e a tiritar de frio!...

Os pais, ao verem a generosa acção do filho, abraçaram-no, chorando lagrimas de commoção. A avósinha não sabia mais que bens desejasse, que graças pedisse á Santa Virgem para o seu bondoso e estimado neto.

Alberto, entretanto, dizia:

— Não vejo nada de extraordinario no que fiz. Outro qualquer, no meu logar, faria o mesmo. Eu não poderia achar prazer em patinar, sabendo que a avósinha, em casa, soffria, por falta de um bom agasalho, que eu poderia lhe dar, com o dinheiro que tivesse gasto na compra dos patins.

No sabbado, seu collega e amigo Eugenio, lhe perguntou si elle já havia comprado os patins, como pre-

A velhinha soffria muitas dores...

tendia e si viria no dia seguinte á sua casa afim de patinarem juntos.

Alberto, singelamente contou o que havia feito com o dinheiro ajuntado com tanto trabalho e paciencia. O amigo deu-lhe razão e, por sua vez, contou ao pai a bella acção do collega.

— Pois dize-lhe que venha amanhã almoçar comnosco, mesmo sem patins, pediu este.

Os dois meninos patinavam alegremente no jardim da casa.

Alberto acceitou muito satisfeito o convite e no dia seguinte, ao sentar-se á mesa do amigo, encontrou, dentro do guardanapo dobrado que lhe puzeram junto ao prato, uma caixa contendo um lindo par de patins que o pai de Eugenio lhe offerecia, dirigindo-lhe palavras em que elogiava sua nobre conducta e dizendo sentir-se feliz por seu filho ter um amiguinho dotado de tão altruisticos sentimentos.

Após o almoço os dois collegas e amigos patinaram alegremente no jardim da casa, e desde esse dia, o rico negociante, pai de Eugenio, procurou conhecer e tornar-se amigo do pobre operario pai do Alberto, a cuja familia hoje protege desveladamente.

Recife—VII—1918.

MAURICIO MAIA

Mamãi dorme!

Ao meu prezado collega Juvenal de Miranda Wetge.

EXPOSTO ao frio intenso que então reinava, caminhava lentamente em demanda da cidade o pequeno Angelo. Nos seus olhos tristes e scismadores, brilhavam duas lagrimas.

Chorava ao lembrar-se do seu bondoso papá que, indo á pesca, precipitara-se involuntariamente ao rio, perecendo afogado! Sua esposa, quando soube da lamentavel occorrencia quasi enlouqueceu de dor ; uma grave enfermidade a obrigara a guardar o leito, ficando assim impossibilitada de cuidar dos seus affazeres.

Era Angelo que, implorando ás almas caridosas, obtinha um pequeno auxilio para soccorrer sua querida mãizinha...

Naquelle dia invernoso, quando regressou á sua miseravel cabana, Angelo, dirigindo-se ao leito da enferma, notára que esta permanecia immovel; seus labios, como sempre, não se abriram para saudar o filho dedicado. Dir-se-ia que estava morta!

Porém, Angelo, longe de imaginar que sua mãizinha já não existia, limitou-se apenas a exclamar:

— Mamãi dorme!...

ANTONIO NILO DOS SANTOS

— Que é que, depois de arder, costuma guardar um segredo ?

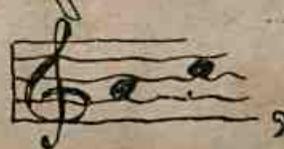
— ???

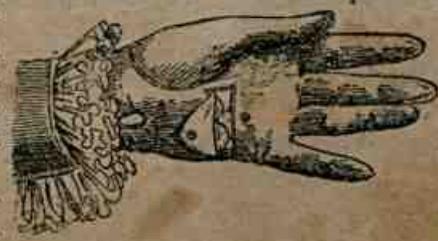
— O lacre.

O ANÃO E O GIGANTE

Dizia um escriptor que os gigantes são em geral homens calmos e reflectidos, ao passo que o anão é genioso, inquieto, trefego mesmo. E parece certo. O que se passou entre o anão Meiokilo e o gigante Caçanuvens confirma-o pelo menos. Meiokilo insultou Caçanuvens porque queria...

...ficar só numa das mesinhas de um bar da cidade. O gigante, com um sorriso de tolerancia, deixou que o anão falasse até se cansar. Quando Meiokilo, pensando ter amedrontado Caçanuvens, ia se retirar, este calmamente, afastou a...

...mesinha e, levantando o anão pela gola do paletot disse: — Fale de novo, para que eu escute. Meiokilo esperneou, fez caretas, mas não proferiu uma palavra. O gigante então deixou-o, e as pessoas que presenciaram a scena deram gostosas gargalhadas. Meiokilo jurou não mais discutir com gigantes.

As extravagancias da moda

NÃO pode deixar de interessar aos leitores deste almanach qualquer novidade da moda e principalmente quando esta novidade nos vem da America do Norte, o paiz das excentricidades. Essa novidade é a bolsinha de nickeis, que faz parte da palma da luva, e a sua tampa é provida de um colchete de pressão que evita a perda do dinheiro que nella se guardar. Na bolsinha pode se levar tanto nickeis como pequenos objectos de valor, sem receio de que se possa perdel-os.

Como a mão esquerda é aquella de que se faz menos emprego é na luva dessa mão que se encontra a bolsinha.

UMA LIÇÃO REAL

O rei Christovão X, já muito idoso, chamou um dia seu filho, o principe João e lhe disse: — Estou velho e seria feliz se abdicasse em teu favor e tivesse certeza de que pudesses tornar meus subditos felizes... Mas...

... és tão avoado que eu receio que esbanges loucamente as riquezas do reino. Toma este sacco de dinheiro, corre mundo e procura do melhor modo empregar estas moedas. O principe recebeu o sacco e partiu.

Após muito caminhar, o principe chegou a um hotel e, a convite de uns homens, foi jogar. Perdeu uma bôa quantia e quando o dia raiava o principe deixou o hotel encaminhando-se para...

... a margem de um rio, onde se assentou. Ahi viu uma gaivota voando e fazendo, com a aza, circulos na agua. Achou o espectaculo interessante e poz-se a atirar pedras no rio para fazer tambem os circulos concentricos.

Como não houvesse muitas pedras ali, o principe, acabadas estas, começou a atirar ao rio as moedas de ouro que ainda trazia no sacco, dizendo comsigo: — Para que quero dinheiro? Logo que chegue ao palacio terei fortunas ao meu dispor.

Quando o sacco não tinha mais moedas, o principe voltou-se e viu uma joven, pobremente vestida, que caminhava apoiada a um bastão. — Onde vães, bella menina? — perguntou elle á joven.

— Sou cega, disse a moça, acabo de perder minha mãi, meu unico arrimo, e procuro o rio para me afogar! O principe, deante de tal confissão, pensou então como fôra elle louco em jogar e deitar ao rio o dinheiro que ...

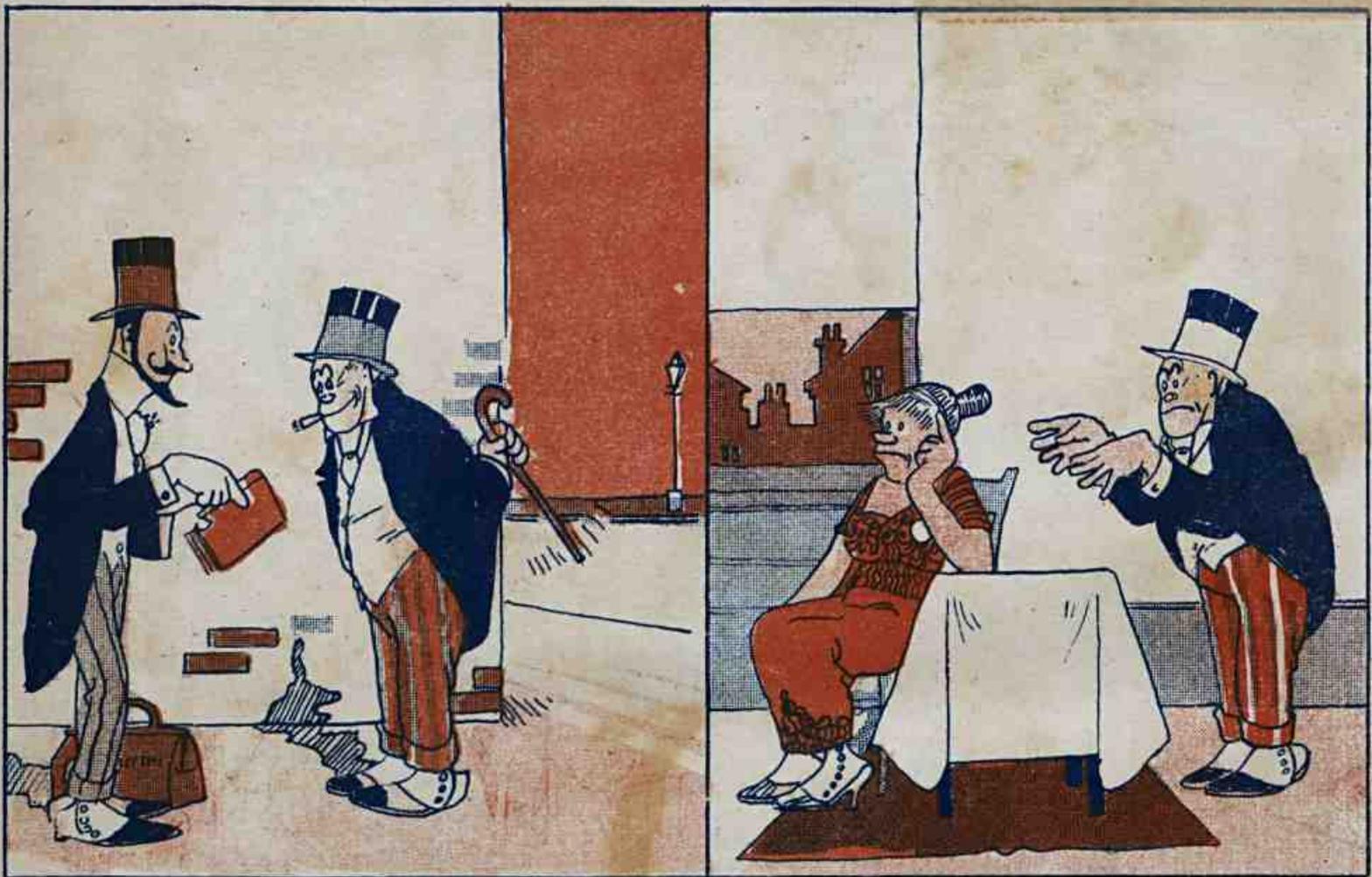
... bem podia servir para soccorrer aquella ceguinha. — Eu tambem estou pobre, disse o principe, mas si quizeres, poderei te soccorrer com meu trabalho. Lá abaixo ha um moinho, irei trabalhar e, ganhando dinheiro, poderemos viver.

— Acceito disse ella, porque creio estar falando com um homem generoso... O principe depressa encontrou trabalho na casa do mollineiro que, caridoso, lhe deu hospitalidade, bem como a ceguinha. Passaram-se mezes e um dia...

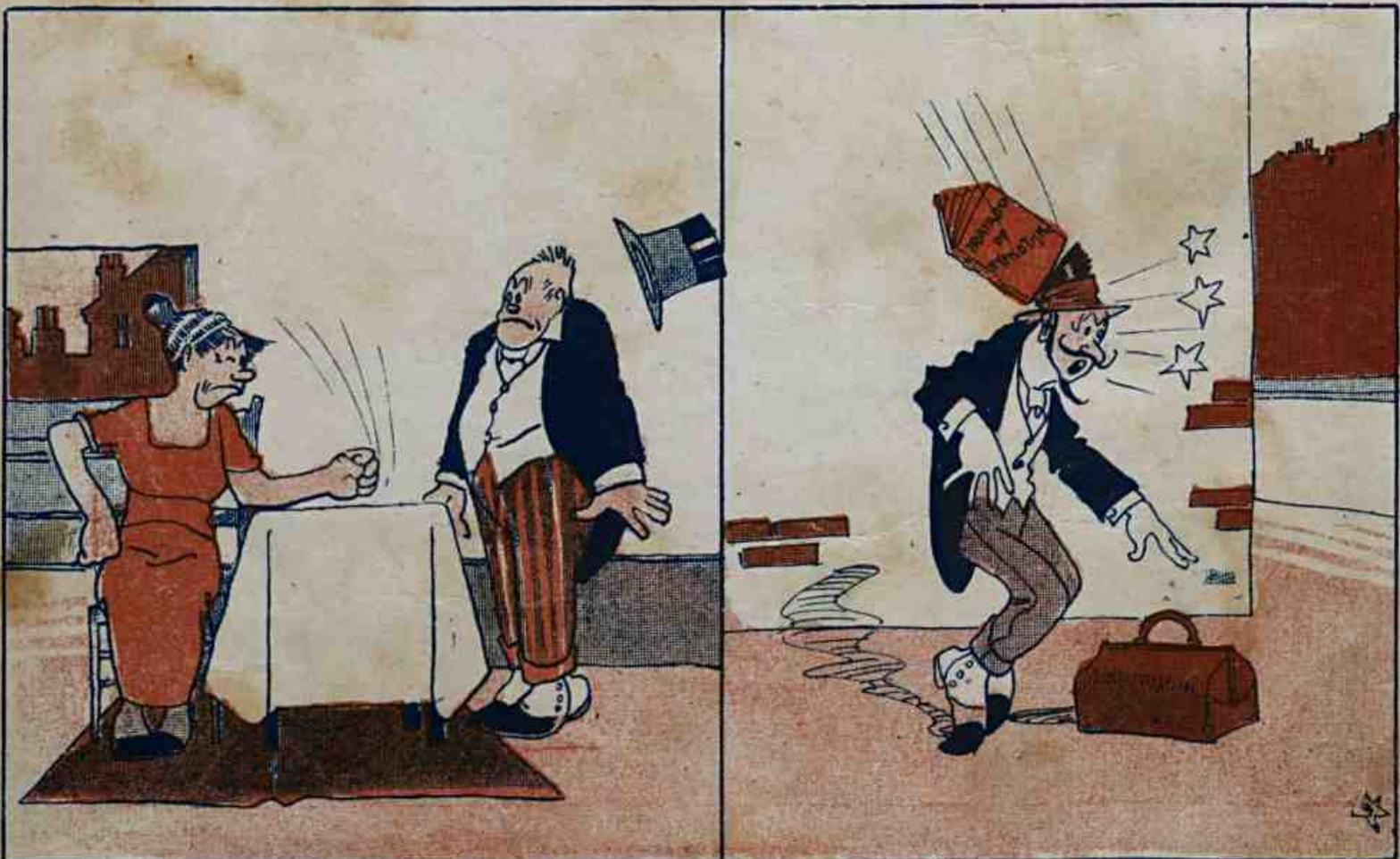
... o principe avisou a ceguinha Isaltina, era o seu nome, de que elle iria se ausentar e que só voltaria no dia seguinte. A ceguinha ficou muito triste, mas o principe lhe disse que a sua ausencia era necessaria a felicidade de ambos. E sahiu, á caminho do palacio de seu pai...

... a quem contou tudo que fizera. — Andaste mal a principio, mas tua conducta posterior resgatou teus primeiros erros. Quero ir comtigo á casa do mollineiro. A cavallo o rei e seu filho chegaram ao moinho onde todos se mostraram muito admirados por ver o rei Christovão X.

Este mandou chamar a ceguinha e disse: creio que meu filho a estima e dezejo que elle despose aquella que, sem querer, lhe ensinou a maneira de gastar dinheiro fazendo bem aos infelizes que soffrem.

O HIPNOTISMO

Pancracio dizia ao seu amigo Fagundes que sua mulher tinha um genio terrivel.

— Pois meu amigo leia este livro de hypnotismo, ponha-o em pratica e verá como sua mulher se torna branda como velludo.

Pancracio seguiu as instrucções de seu amigo e logo que chegou á casa começou a hypnotisar a mulher...

Mas de repente D. Genoveva, dando pela historia, voltou-se bruscamente e, meus amiguinhos, não convém que lhes conte o que succedeu.

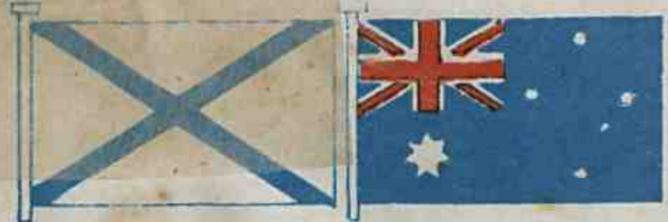
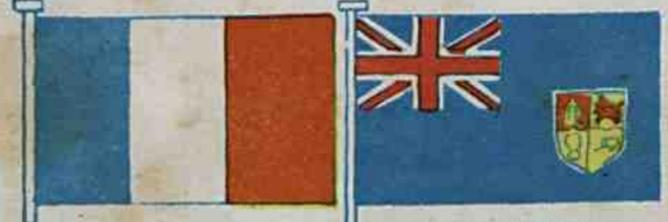
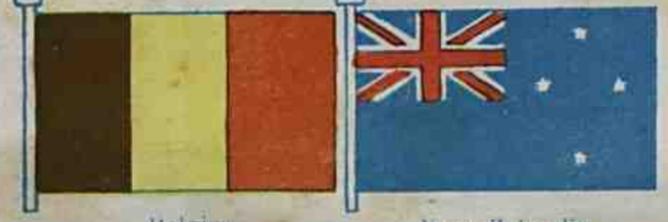
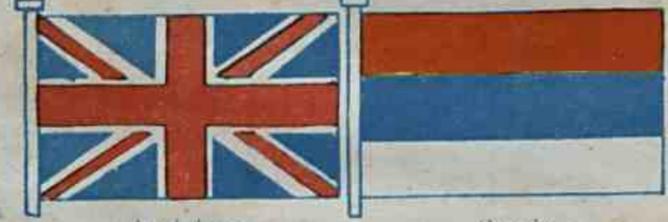
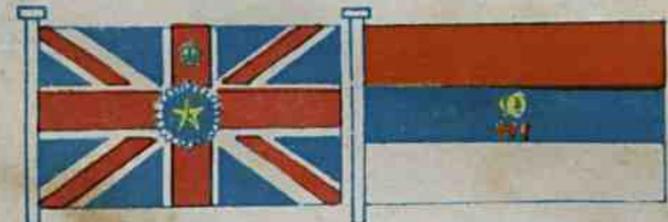
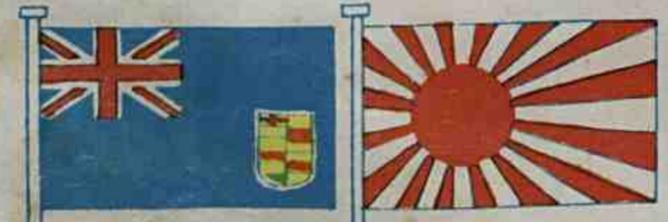
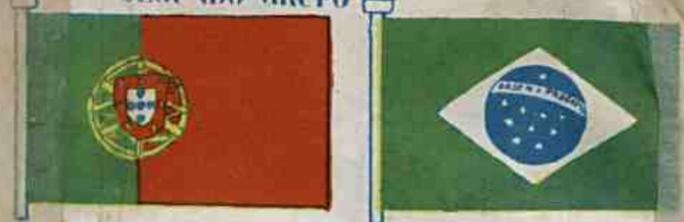
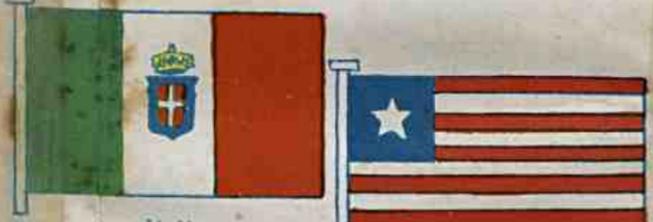
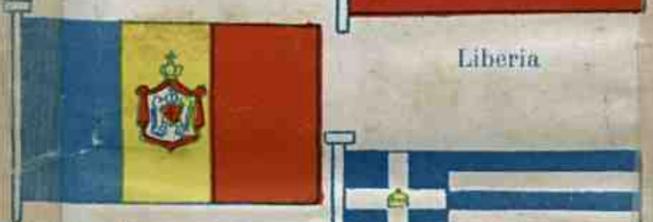
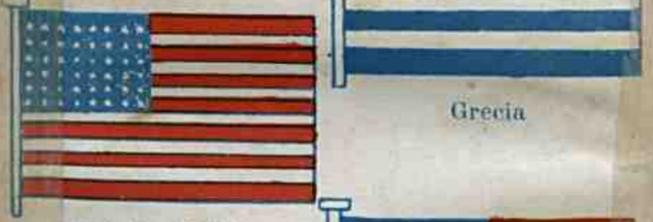
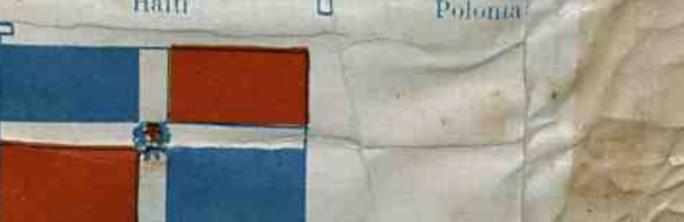
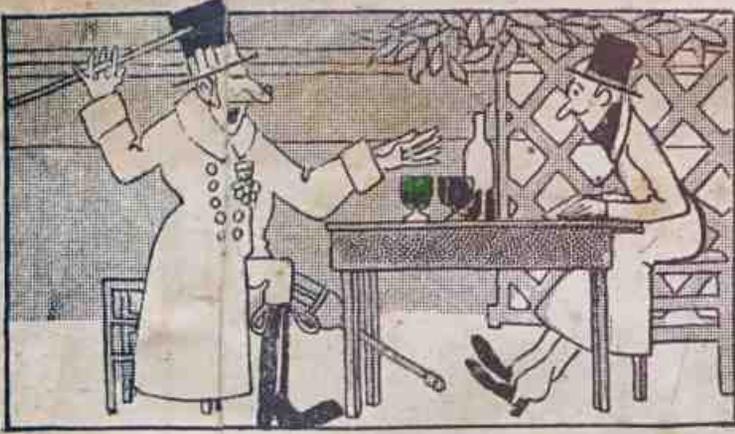
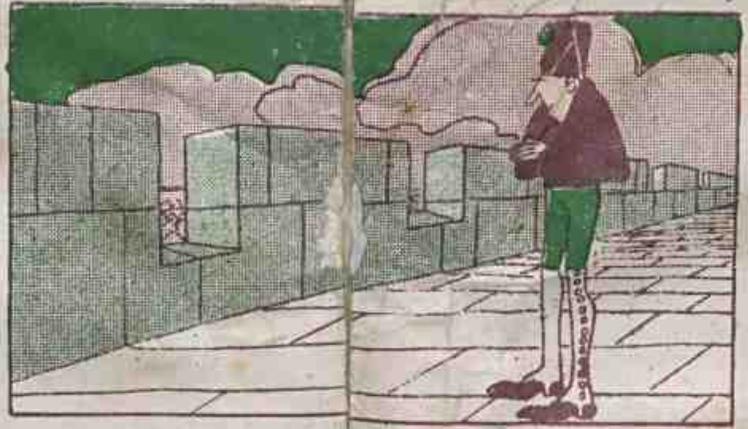
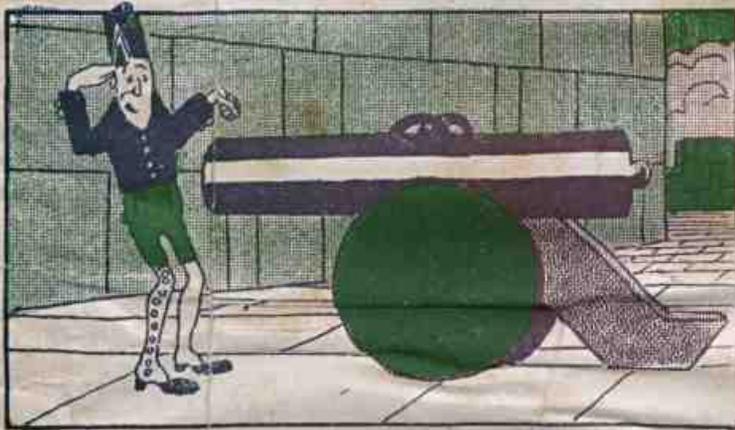
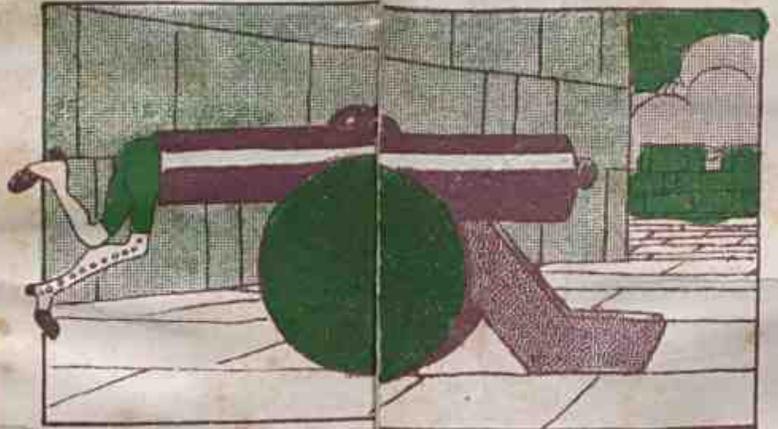
Só o que eu lhes digo é que Fagundes, que estava á porta da casa de Pancracio, quando menos esperava levou com o livro na cabeça. E nunca mais quiz saber de hypnothismo...

Uma partida de damas...

... que começa bem e acaba mal.

Os vestidinhos de Bébé

Tres vestidinhos para Bébé. Devem ser collados em papel-cartão e recortados. Pequeno calço de papel-cartão, collado ás costas de *Bébé*, fará com que este se mantenha em pé.

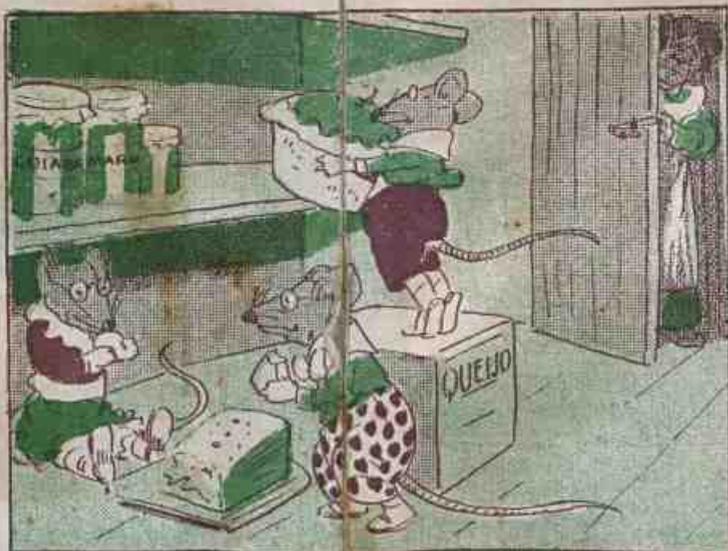
AS BANDEIRAS DAS NAÇÕES ALLIADAS
PRIMEIRO GRUPO
Russia
Australia
França
Africa Ingleza
Belgica
Nova-Zelandia
Inglaterra
Servia
India
Canadá
Japão
Typo de soldado brasileiro
Collem as bandeiras em papel cartão, recortem-nas e collem, querendo, no mastrozinho que o soldado tem na mão
SEGUNDO GRUPO
Portugal
Brasil
Italia
Liberia
Rumania
Grecia
Estados-Unidos
China
Cuba
Panamá
Sião
TERCEIRO GRUPO
Bolivia
Costa Rica
Guatemala
Honduras
Perú
Equador
Nicaragua
Haiti
Polonia
S. Domingos
Typo do soldado alliado que combate no "front".
PRIMEIRO GRUPO — Os doze paizes, cujas bandeiras figuram neste grupo, desde o mez de Agosto de 1914 declararam guerra e combatem a Allemanha.
SEGUNDO GRUPO — Os onze paizes d'este grupo desde o começo da conflagração européa mostraram-se solidarios com a Entente e posteriormente declararam guerra á Allemanha.
TERCEIRO GRUPO — Paizes que romperam relações com a Allemanha, protestando contra a violação das leis de humanidade feita por aquella nação.

A evasão do Chico Tartar[...]ga

— Quando eu estive prisioneiro dos paraguayos, contava um dia o Chico Tartaruga ao seu amigo João Pernassó, tinha um pensamento fixo : — Evadir-me.

O inimigo dera-me por menagem a plataforma da fortaleza onde me encerrara, mas um cordão de sentinellas vigilantes guardava-me attentamente.

Uma manhã, um canhão suggeriu-me uma ideia mirabolante: introduzir-me na "alma", no interior do cano...

Assim fiz: com grande difficulade entrei pela bocca do canhão e fiquei quieto como [...]to á espera de rato.

Quando o commandante da fortaleza soube do meu desapparecimento...

... deu ordem para disparar[...] o canhão, como signal de alarme ás sentinellas...

[...] salvação, porque me tirou a [...]

[...] general, que era muito [...] a minha coragem com uma

OS TRES RATINHOS

Era uma vez tres ratinhos, muito myopes, mas que conheciam de côr e salteado os logares da despensa onde D. Quiteria, esposa do hortelão Bernardo, guardava o queijo, o pão doce e os bolos de batatas

Um dia, porém, o tio Bernardo, farto de ver os queijos e os bolos roidos, esperou e surprehendeu os tres ratinhos. De cacete em punho ia matar os ratinhos, que fugiam para a estrada. Lá encontraram a comadre tartaruga e o compadre...

... pelicano, a quem pediram protecção. — Não ha nada — disse a tartaruga — escondam-se sob a minha carcassa. N'isto chegou o tio Bernardo e..

... começou a distribuir bordoadas na pobre tartaruga que, carinhosamente, procurava esconder do melhor modo possivel os amigos ratinhos.

O compadre pelicano não quiz perder occasião de se mostrar dedicado a seus amigos e, collocando-se em baixo da tartaruga, deu formidavel bicada no nariz do tio Bernardo...

... que, chorando de dor, foi obrigado sentar-se, emquanto os tres ratinhos e a tartaruga, montados no pelicano, fugiam vaiando o hortelão.

ERA domingo de festa na villa de Palma. Commemorava-se o dia de S. João, o apostolo querido, o padroeiro da villa, e, desde a vespera, á noite, fogueiras crepitavam nas *roças*, balões multicores corriam pelo céo, que era riscado, de momento a momento, pelas faixas luminosas dos foguetes e das gyrandolas.

Um acontecimento, entretanto, mais do que a festa ao padroeiro, empolgava os devotos, gente simples e bôa. Era a grande funcção que se realisaria, á noite, no circo armado no largo fronteiro á branca igrejinha, naquelle dia toda engalanada de arcos e bandeiras para cultuar seu glorioso patrono.

Anoitecera. A praça da igrejinha estava apinhada de devotos, que aguardavam a hora de começar a *novena*, que seria acompanhada de *bôa musica*.

Toda aquella multidão, porém, voltava, de instante a instante, os olhos para o circo, já todo illuminado, e onde se daria naquella noite um espectaculo até então inédito para aquella gente simples: Salomão, o mais celebre domador de feras, trabalharia com seus ferozes leões, leopardos e tigres, dos quaes se destacava *Maida*, felino de garras aguçadas e dentes laminados.

Uma campainha dera o primeiro signal para o inicio do espectaculo e quasi toda a multidão, com alguma contrariedade do velho e bondoso capellão, que naquella momento ia dar inicio á ladainha, se encaminhou para a entrada do circo, comprimindo-se, empurrando-se, na ancia de "apanhar" os melhores logares. O circo estava cheio, quando foi dado o segundo toque de campainha.

—Está na hora!!! — foi o grito de toda a multidão, ávida pelo começo do espectaculo.

*

— Papai—dizia uma menina de uns dez annos de idade ao domador, que vestia a roupa de exhibição — por que não transfere o espectaculo? O senhor está tão pallido, parece doente. Pode acontecer qualquer cousa...

— De facto, minha Agamar, estou adoentado, mas isso não é nada. D'aqui até á scena estarei bom.

— Então papai não trabalhe com *Maida*. Aquella féra é muito má... e se o senhor soffrer qualquer mal quem o poderá salvar?

— Não me sinto fraco, minha filha, estou apenas indisposto e só por isso não hei de supprimir os exercicios com a *Maida*, a féra que mais interessa ao publico.

— Vae sentar á porta da barraca...

— Se o papai me deixasse entrar tambem na jaula eu o poderia soccorrer em caso de prigo... — disse a menina.

—Que insistencia, cara filha, em me julgar doente. Esquece-te d'isso, teu pai nada mais sente e o publico espera com impaciencia. Vai sentar-te á porta da barraca, pois assim não me verás trabalhar.

E pronunciando taes palavras, Salomão, o domador, dirigiu-se para o picadeiro, onde se achavam as jaulas. Minutos depois começava elle o seu trabalho com as féras, interrompido de espaço a espaço, pelos applausos do publico, que enchia as archibancadas do circo.

Após ter entrado nas aulas dos leopardos, do leão e do tigre, Salomão dirigiu-se á gaiola de ferro que prendia *Maida*, feroz tigre de Bengala.

Era o momento palpitante: o domador entrou na jaula, sob os olhares de toda a multidão silenciosa e commovida, desafiando, com um chicote, o rancor da féra, que escancellava a bocca, rugindo ameaçadoramente.

De repente, um grito de angustia partiu de todos os peitos: Salomão, passara a mão pela testa e, livido como um lirio, cahira para trás desmaiado. Um fremito de horror corria pela multidão.

A féra olhava, rugindo, e com a cauda num compasso lugubre para aquelle homem, que ella costumava obedecer e que se encontrava naquelle momento á mercê das suas garras.

Depois, adelgou o pescoço e ia se precipitar sobre o domador desfallecido quando a porta da jaula se abriu e uma menina, de chicote em punho, tomou a frente da féra. Estava pallida, com os olhos brilhantes, revelando a resolução suprema que tomára.

Com voz clara e energica a menina bradou:

— Para trás, *Maida!*

A féra a olhou, rugindo, com os olhos faiscantes como que a interrogar quem era aquella intrusa que ousava se interpor entre si e a presa inanimada. Mas a menina apontava com o chicote a porta aberta ao fundo da jaula forte e bradava corajosa:

— Para trás, *Maida!* Vamos!

O silencio nas archibancadas era tal que se podia ouvir o pulsar de todos

A instrucção em Santa Catharina

Corpo discente do Grupo Escolar de Blumenau, Estado de Santa Catharina.

os corações emocionados pela angustiosa scena.

E Agamar, a heroica filha do domador, com os olhos fitos na féra, que vagarosamente, a rugir, se encaminhava para a porta da gaiola de ferro que se communicava com a jaula, bradava sempre:

— Vamos! *Maida*, vamos!

A fera, por fim, passou pela porta, que foi fechada pela menina, sem precipitação, com um sangue frio admiravel.

Dous homens entraram então na jaula e levaram o domador desacordado para o interior da barraca. A multidão rompe então num delirio de saudares á heroica menina, cuja coragem — digno impulso de amor e dedicação filial — salvára a vida do domador. Agamar, porém, nada ouvia, a nada attendia senão ao pai, desmaiado.

— Para traz, Maida! — bradou Agamar

Um cordial e aspirações de ether fizeram o domador voltar a si e, espantado, confuso pelo explodir das acclamações do povo ao seu salvador, perguntou:

— Quem me salvou?...

Agamar, que nesse momento beijava ternamente a face fria e suada de seu progenitor, não respondeu. Então um dos empregados contou, em poucas palavras, o que acabava de se dar. Salomão abraçou-se á filha, beijando-a, e de seus olhos, como se fossem contas de crystal, rolaram lagrimas de gratidão.

A multidão, que ainda não se retirára, pedia, insistentemente, a presença de Agamar. Quando Salomão, apoiado ao hombro da filha, assomou á entrada do picadeiro, perpassou pela multidão um delirio de vivas:

— Salve a heroina, a corajosa!

Agamar, cuja modestia tão bem contrastava com o gesto magnanimo que tivera, dirigiu-se ao publico e pronunciou simplesmente estas palavras:

— Nada mais fiz que salvar meu pai.

Novos applausos explodiram áquella creança que arrostára o perigo inaudito de ser devorada pela féra para salvar seu pae, e tambem a Salomão, que tão primorosamente educára a alma de Agamar nos preceitos de dedicação e amor filial!

JOÃOZINHO E O GIGANTE

Havia uma vez um pai, pobre, bem pobre, que tinha tres filhos: Pedro, Paulo e João. O filho mais velho entrára como aprendiz em uma carpintaria, mas não demorou muito a ver que o trabalho que lhe davam era de mais para o jornal que recebia.

— Meu pai, disse elle um dia ao autor de seus dias, o dinheiro que recebo na carpintaria nem chega para matar-me a fome e por isso eu penso em correr mundo, a procurar fortuna.

— Ainda que sinta a tua ausencia não te quero privar do desejo; faz o que quizeres.

E sem outras explicações, o rapaz, na manhã seguinte sahiu de casa. Caminhára todo o dia e ao anoitecer divisou umas casas muito grandes e á porta de uma d'ellas uma mulher fiando.

— Boa noite! — disse o moço.

— Boa noite, a que vem o rapaz? — indagou a mulher.

— Corro o mundo em busca de ventura.

— Ventura? Não sei se a encontrará... está muito escondida.

— Eu a procurarei, mas, senhora, poderei ter posada por esta noite?

— De minha parte podia, mas meu marido é um gigante e come gente. Você, tão pequenino, seria mastigado por elle em dous tempos.

— Eu me esconderei no sotão, debaixo da palha e o gigante não me verá.

— Si quer correr o risco...

— Quero! — disse o rapaz, subindo para o sotão e escondendo-se sob a palha.

Pouco depois o gigante chegava e, dirigindo-se á mulher, perguntou:

— Que cheiro de carne humana! Quem veiu aqui?

— Ninguem aqui veiu nem por aqui passou. E' illusão tua.

— Repito que sinto cheiro de carne humana e estou certo de que ha gente cá por casa.

E, rebuscando todos os cantos da casa, o gigante subiu ao sotão, metteu a mão debaixo da palha, descobrindo immediatamente o infeliz Pedro, a quem não deu tempo para dizer um *ai*. Assou-o logo nas brazas e regalou-se numa ceia com a carne tenra do rapaz.

* * *

Passado algum tempo, Paulo, que se fizera canteiro, cançou-se do officio e disse ao pai:

— Querido pai, estou aborrecido com o meu officio e resolvi correr mundo e tentar fortuna.

— Faz o que quizeres, e não culparás a ninguem pelo que te possa acontecer.

O rapaz, juntando umas peças de roupa, partiu, manhãzinha, tomando o mesmo caminho que seu irmão mais velho.

O gigante metteu a cunha na bocca e não poude partil-a.

Andou todo o dia e ao anoitecer divisou umas casas grandes. No portal de uma d'ellas uma mulher fiava.

— Boa noite, senhora!

— Boa noite, rapaz, que queres tú?

— Corro mundo, a procura de fortuna e queria pousada para esta noite.

— A fortuna é difficil de encontrar, meu rapaz. Quanto á pousada, eu t'a daria, mas meu marido é um gigante e come gente. Ainda que não seja muito gordo, o gigante encontraria em ti uma bella ceia.

— O gigante não me verá. Eu esconder-me-ei no sotão sob a palha, e nada me succederá.

— Si quer correr o risco...

— Quero! — disse o rapaz, subindo para o sotão e escondendo-se sob o montão de palhas.

Pouco depois chegou o gigante:

— Sinto cheiro de carne humana! Quem está aqui?

— Carne humana, ao que eu saiba, só existe aqui a nossa.

— Eu não me engano! — resmungou o gigante, que se dirigiu ao sotão e arrancou de sob a palha o pobre Paulo, que teve a mesma sorte de seu irmão Pedro: foi comido assado.

* * *

Dos tres irmãos já não restava senão um, o pequeno Joãozinho, como o chamavam, e que era ferreiro. Um dia Joãozinho disse a seu pai:

— Meu pai, não é porque o officio me desagrade, mas eu estou desejoso de sahir de casa e correr mundo em busca de fortuna.

— Meu filho — respondeu o pai — accedi aos desejos de teus dous irmãos, Pedro e Paulo, que partiram e não mais voltaram, e, ainda que fique sózinho e inconsolavel, não impedirei que partas. Faz o que quizeres e nunca dirás que não és o unico responsavel pelas tuas acções.

Antes de partir, pensou Joãozinho no que seria mais util levar comsigo. De repente, batendo na testa, Joãozinho exclamou:

— Já sei, levarei tres cunhas de ferro, que não sejam muito grandes, e outras tres de barro pintado.

E, no dia seguinte, levando um bornal com as seis cunhas e alguma roupa, deixou a casa paterna, tomando o mesmo caminho que tomaram seus dous irmãos.

Pouco antes de anoitecer chegou á casa grande que os nossos leitores já conhecem e falou á mulher que fiava com a roca e o fuso:

— Boa noite, senhora.

— Boa noite rapaz! Que perdeste por estas alturas?

— Procuro pousada por esta noite...

— Por mim estarias servido, mas meu marido é um gigante que come gente.

Emquanto a mulher assim falava, Joãozinho viu ao lado da casa uma carroça com umas esteiras.

— Posso esconder-me debaixo das

esteiras que enchem aquella carroça? — perguntou o rapaz.

— Por mim podes fazel-o.

Joãozinho subiu á carroça e cobriu-se cautelosamente com as esteiras.

Poucos minutos depois chegava o gigante:

— Mulher, quem esteve hoje aqui? Sinto cheiro de carne humana.

— Que eu saiba ou visse ninguem aqui esteve.

O gigante não se deu por vencido e começou a procurar por todos os cantos da casa. Quando ia se approximando da carroça, Joãozinho deu um salto e falou:

— O' seu gigante, pensava em enganir-me? E' tempo perdido.

O gigante, ante a subita apparição do menino, ficou espantado.

— Eu sou um phenomeno que causa admiração a todo o mundo — continuou o menino. Tenho uma força capaz de derrubar a maior montanha. Ouvi dizer que aqui ha um gigante que tem tanta força nos dentes que quebra ossos e pedras como se fossem amendoas. Quero ver se a sua força é maior do que a minha.

O gigante estava desconcertado com o modo por que falava aquelle menino e não proferia palavra.

— Não percamos tempo, Sr. gigante — continuou o rapaz — apanne lá esta cunha e parta-a com os dentes.

E, assim falando atirou para o ar uma cunha de ferro, que o gigante apanhou. Fez grande esforço o gigante para partir a cunha. A bocca estava já ensanguentada um suor copiosissimo inundava-lhe o corpo e a cunha não se partia.

Joãozinho acenava com o lenço para a barca.

— Toma-a — disse o gigante mal humorado, atirando a cunha para o menino — parte-a tú.

Joãozinho apanhou a cunha de ferro e com extraordinaria destreza a trocou por outra de barro; metteu-a na bocca e, pouco a pouco, foi arrancando pedaços miudos, com grande espanto do gigante, que não via explicação para o caso.

Pensou então o gigante tomar aquelle rapaz a seu serviço e arrancar-lhe ou descobrir o segredo de tanta força.

— Escuta, rapaz, queres ficar a meu serviço?

— Quanto me pagarás?

— Fala tú, quanto queres ganhar?

— Um burro carregado de libras.

— E que farás?

— O que me ordenares.

— E' muito ordenado, baixa o preço.

— Nem um real.

— Pois bem, aceito— — disse por fim o gigante, julgando naturalmente que o menino nunca haveria de fazer jús a tanto dinheiro.

No dia seguinte o gigante mandou Joãozinho a um pinhal proximo buscar um pouco de lenha para a cozinha.

Joãozinho collocou um machado e uma corda na carroça e sahiu em direcção ao pinhal, onde se entregou ao trabalho de derrubar pinheiros.

O gigante, que o vigiava, vendo que o rapaz derubara muitos pinheiros correu para elle:

— Que estás fazendo, rapaz? Não te disse que queria só um pouco de lenha para a cozinha?

— Pediu, mas eu acho que seria melhor cortar todo o pinhal e leval-o para casa, pois assim nunca mais faltaria lenha para a cozinha.

— Que disparate! — disse o gigante, que achou de bom aviso carregar elle proprio varios troncos de pinheiros que o rapaz tinha derrubado com o machado.

No dia seguinte o gigante chamou o rapaz:

— Vae ao poço e apanha uma talinha d'agua.

E deu a Joãozinho uma talha de uns cem copos d'agua.

O rapaz recebeu-a, preparou o carro, depositando nelle a talha, uma enxada, uma pá e outras ferramentas, e partiu para o logar onde havia o poço, bem distante de casa. Lá chegando, Joãozinho começou a cavar com afinco em redor do poço e, quando ia em meio do trabalho, viu vir o gigante, gritando:

— Que estás fazendo, ó alma do Damnado?

— Julgo que é uma miseria uma talha d'agua, assim estou cavando para arrancar o poço pela raiz e leval-o para casa. A patrôa, assim, não mais sentirá falta d'agua.

— Que barbaridade! — disse o gigante — Você põe-me louco: primeiro a aventura da cunha, depois a do pinhal, e agora a do poço. Basta de tanta loucura. Deixa o poço no logar e volva á casa.

Chegando á casa o gigante poz-se a pensar:

— De onde teria sahido este pequeno que, desde que me entrou em casa, me traz desassocegado? De mais não tenho forças para dominal-o e o melhor que tenho a fazer é man-

dal-o para casa de meus irmãos. E, raciocinando assim, chamou o criado:

— Joãozinho, temos de ir visitar meus dous irmãos que moram numa praia distante.

— Iremos, patrão.

E naquella mesma tarde seguiram viagem e antes de anoitecer chegavam á casa dos gigantes. Seu patrão falava mui baixo com os irmãos e Joãozinho receiava que alguma cousa se tivesse tramando contra a sua pessoa.

No fim de algum tempo os gigantes disseram:

— Joãozinho, nós temos por habito, quando vem á nossa casa um forasteiro, medir nossas forças com elle. Aquelle que vence tem o direito de comer o outro vivo. Estás disposto á prova?

— Como não, senhores! — respondeu o rapaz.

— Tiraremos — disse um dos gigantes — a tampa deste tonel e aquelle que a arrojar á menor distancia será comido vivo.

O tonel assignalado pelo gigante era uma pipa de ferro que devia pesar umas tres toneladas. O primeiro gigante, tomando a tampa do tonel, a arremessou a dous kilometros de distancia. Depois, elle proprio foi buscal-a e passou-a ao segundo gigante que repetiu a prova, atirando á igual distancia do primeiro. O terceiro gigante, atirou tambem a tampa, que cahiu exactamente no mesmo logar onde cahira antes.

— E' a tua vez agora, Joãozinho! — disseram os tres gigantes.

O rapaz não se mostrou perturbado; calmo, começou a olhar para o mar e, tirando o lenço do bolso, começou a acenar.

— Para que é isto? — perguntaram os tres gigantes.

— Para que ha de ser? Prevenir aos tripulantes d'aquella barca que se vê lá ao longe que se afastem.

— Não importa... falaram os gigantes.

— Importa sim, pois a tampa do tonel pode cahir em cima da barca e fazel-a afundar, morrendo os tripulantes.

— Mas podes atirar para outra direcção — propuzera um gigante.

— Nessa não cáio eu. Hei de atiral-a para a mesma direcção que vós outros.

— Mas se atirares a tampa do tonel no fundo do mar quem a ha de ir buscar?

— Se eu a atirar ha o recurso de perdel-a.

— O que temos a fazer — disse um dos gigantes — é renunciarmos a aposta.

Emquanto isso, Joãozinho, calmo, continuava a acenar com o lenço para a barca.

— Rapaz — disseram os gigantes — vamos renunciar a aposta.

— Desde que assim o quereis, eu me conformo—ajuntou o rapaz que no intimo, dava mil graças a Deus por ter escapado daquella aventura perigosa.

Naquella mesma noite o gigante e o criado voltaram á casa. Lá chegando o gigante disse á mulher:

— Meus irmãos aconselharam-me a mandar embora o criado.

— E por que não o mandas?

O gigante chamou o rapaz:

— Rapaz, vou pagar-te o ordenado ajustado e não te quero mais como empregado. Vae-te embora.

Joãozinho, de tão contente que estava, nem respondeu; foi buscar o burro, com duas cangalhas, que, foram logo cheias de libras pela propria mão do gigante.

Depois poz-se a caminho apressado, pensando no gigante que podia se arrepender. E não pensava mal. O gigante, a quem a mulher insultára quando soube que quasi todas as libras da arca tinham sido dadas ao criado, sahiu correndo em busca de Joãozinho.

Este, porém, mal o avistára teve logo uma idéa: escondeu o burro num buraco, cobriu de folhas e ficou de pernas abertas e braços levantados no meio da estrada, em attitude de quem espera apanhar um objecto que cáia das alturas.

— Que fazes? — perguntou o gigante ao vel-o em posição tão extranha.

— O burro pisou-me no pé e, raivoso, dei-lhe tão forte pontapé que o atirei pelos ares e agora espero-o que cáia para apanhal-o, afim de que não se esmigalhe de encontro ao sólo. Quanto ao senhor, acho conveniente que se vá embora, pois se atrapalha e faz com que o burro morra, é bem certo que fará pelos ares uma viagem de quatro semanas.

O gigante desandou a correr e Joãozinho, tomando o burro, poz-se a caminho da casa paterna. Estava rico e ainda mais rico se tornou em felicidade porque casou-se e viveu ao lado do pai, da mulher e dos filhos annos e annos.

Joãozinho poz-se a caminho da casa paterna.

ADIVINHAÇÕES

Este infeliz enforcou-se porque perdeu um revolver de estimação, herdado de seu pai. Tenham cuidado os nossos leitores si o encontrarem porque elle está carregado.

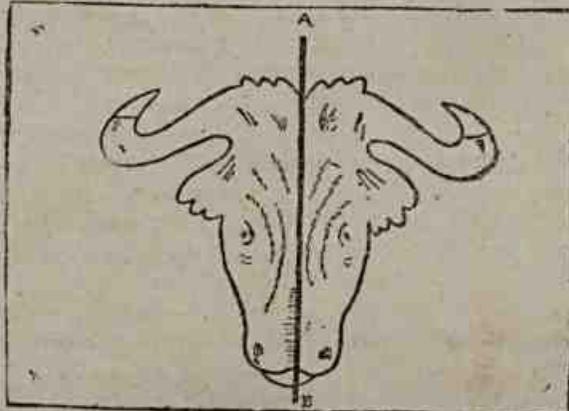
EM CONTINENCIA !

O garboso escoteiro Theomar, filho do Sr. Theophilo Jones Filho e de D. Maria Freire Jones, residente nesta Capital

JOGOS E PASSATEMPOS

As surprezas do desenho

A gravura abaixo, como vêem os nossos leitores, representa uma cabeça de pacifico boi, animal tanto util como pouco poetico.

Este desenho pode, entretanto, apresentar uma surpreza interessantissima se os amiguinhos o dividirem em dois, por meio de um traço vertical (A B). Feito isso, voltem o desenho e verão que o feioso bichano se transformou em dois cysnes nadando em placido lago.

Este desenho pode servir de modelo a um divertimento interessante: desenhem varias figuras, de um animal ou de um fructo, e depois as dividam por um traço vertical.

Verão como acharão combinações, algumas interessantes e outras extranhamente bizarras.

A INSTRUCÇÃO NO BRASIL

O Anglo-Brasileiro é o maior gymnasio da America do Sul

E' já de todos sabido que a instrucção publica no Brasil se desenvolve extraordinariamente, não só a primaria, como a secundaria e superior.

A instrucção entre nós, da maneira porque se apresenta, nos seus aspectos geraes, póde muito bem dar o exemplo da nossa grandeza e da civilisação do nosso povo.

A instrucção primaria como a secundaria, sobretudo, fórma a base, o alicerce da grandeza de um povo, preparando-o para as lutas da vida, abrindo-lhe os horizontes da intelligencia, despertando-lhe os dons da iniciativa. Sem instrucção popular, dizia um estadista, não ha nação. E' por isso que, uma das maiores preoccupações das nações mais do que nunca, é a diffusão do ensino. E os governos não se atem apenas á administração do ensino official, mas, estimulam, incentivam o ensino de collegios particulares, complementos necessarios para mais ampla dessiminação da instrucção.

No Brasil, é sem duvida S. Paulo o Estado que mais do que nenhum outro tem melhor apparelhado o mechanismo escolar. O Estado lança largas verbas no seu orçamento para a instrucção publica quer a primaria como a secundaria e a superior. E' a instrucção official. Mas, apezar das largas sommas expendidas com suas innumeras escolas, S. Paulo subvenciona varios collegios particulares. A sua instrucção publica que na Federação Brasileira é modelar, e que tem sido o factor preponderante de sua grandeza, do seu desenvolvimento assombroso, vae aos poucos servindo de molde aos demais Estados da União. No Rio, Capital da Republica, que é o cerebro do Brasil, possuimos optimos collegios particulares, onde com vantagens a nossa mocidade se educa, preparando-se para a conquista do futuro. Dentre esses collegios destacamos o Anglo-Brasileiro, sobejamente conhecido em todo o Brasil, pela sua organisação, methodo de ensino, programma de estudos e vida *au grand air*.

Sr. Charles W. Armstrong, director-presidente do Gymnasio Anglo-Brasileiro do Rio de Janeiro e S. Paulo e do Lycée Franco-Anglais do Rio de Janeiro. Auctor de varios livros didacticos nos idiomas inglez e portuguez, collecções de contos para creanças, etc.

O collegio Anglo Brasileiro desta Capital, o maior da America do Sul, por assim dizer, está situado em amplo e arejado predio, collocado em sitio deliciosamente agradavel e salutar, num formoso, encantador recanto deste aprazivel Rio de Janeiro, longe do bulicio da cidade, convida aos estudantes e aos pais de familia a procural-o.

A chacara do Vidigal, na Gavêa, num plano elevado, entre os mattos e o oceano, foi pelo director do collegio Anglo-Brasileiro, com felicidade, escolhida para um ninho de estudantes. Ali o silencio convida ao estudo ; o clima, o vento do mar, o frescor da floresta, a alegria da paisagem batida de sól, o conforto magnifico do predio, tudo, emfim, dá ao estudante essa vontade intraduzivel de, no proprio seio da natureza, penetrar os meandros da sciencia, preparando-se assim, para as futuras lutas da vida. Demais a mais, alliados aquellas magnificas qualidades pedagogicas do local saudavel e do predio amplo, arejado, confortavel, no centro de immenso terreno arborisado, ha pateos para recreios, sports varios, football, law-tenis, tanques de natação, etc. etc. Num collegio como o Gymnasio Anglo-Braleiro, no seio agradabilissimo da Gavêa, o estudante ha de forçosamente estudar com prazer, com vontade.

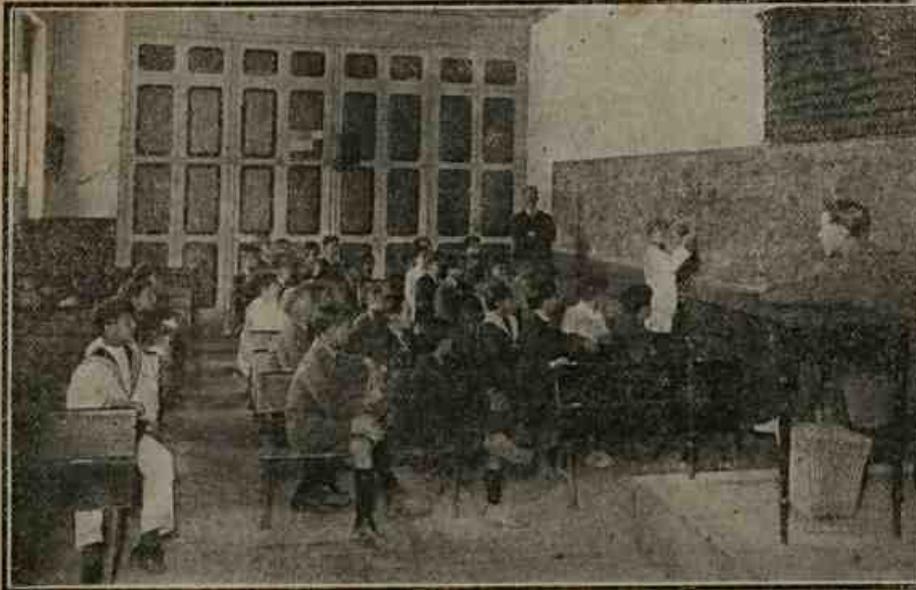
Acresce ainda a importantissima circumstancia que o modelar estabelecimento de ensino tem a dirigil-o um educador de renome, o Sr. Charles W. Armstrong, que tendo vindo ha muitos annos para o Brasil, foi dos que primeiro, fundando o Anglo-Brasileiro de S. Paulo, adaptou ao systema brasileiro de instrucção, ainda embryonario, o methodo de ensino inglez, positivamente mais racional, mais pratico e que não sacrifica o cerebro do menino ou do moço. E' que o Sr. Charles Armstrong antes de se lançar na emprezа da fundação do Gymnasio Anglo-Brasileiro, de S. Paulo, estudou minuciosamente e com criterio os methodos e os programmas do ensino inglez.

Logo apóz a fundação do seu col-

legio em S. Paulo, o renome do ensino ali ministrado percorreu todo o Brasil, tanto que em 1906, durante a primeira presidencia, foi equiparado ao Gymnasio Nacional, hoje Pedro II.

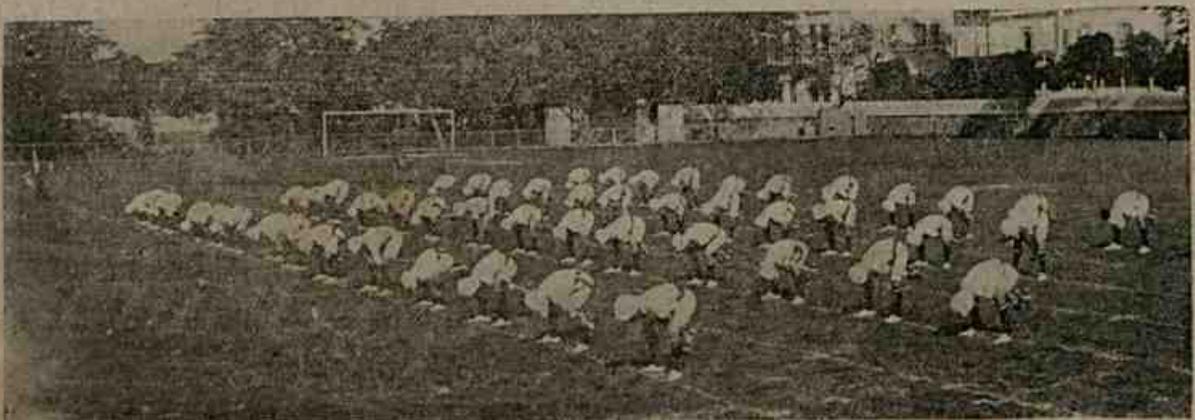
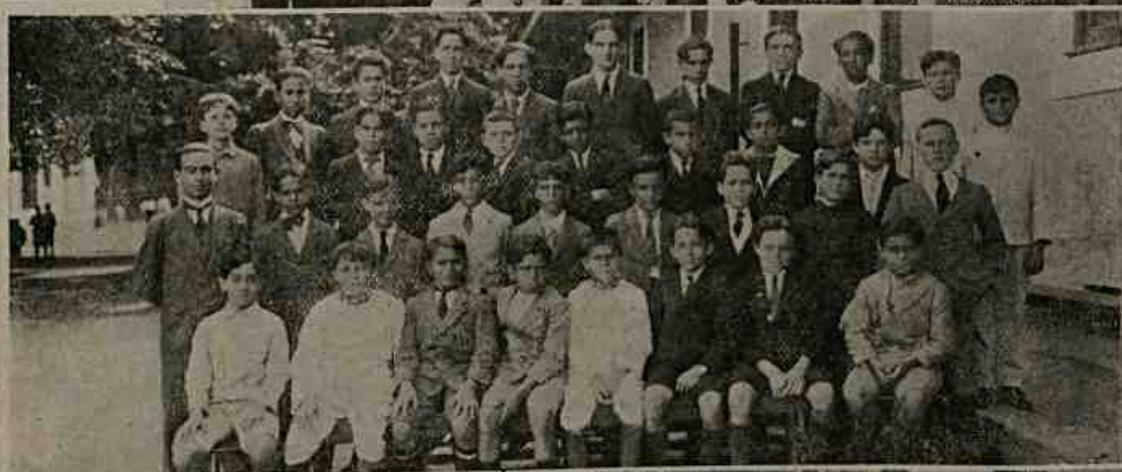
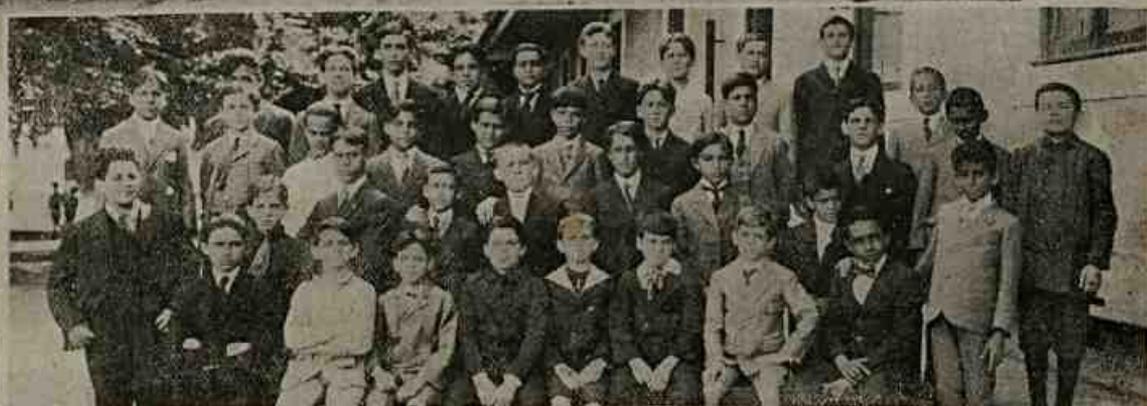
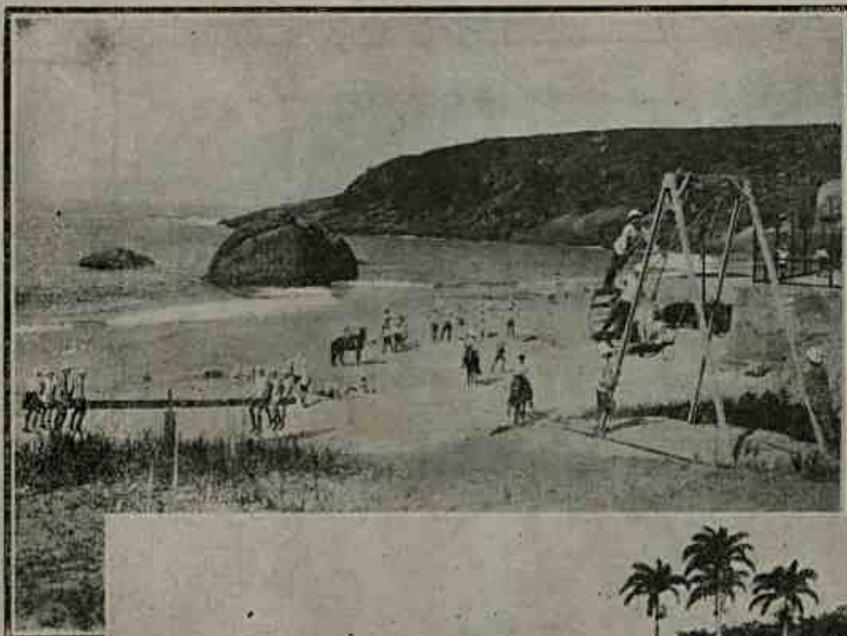
Pelos seus bancos passaram gerações de moços que hoje na vida pratica gosam as vantagens adquiridas pela instrucção solida que receberam e todos quanto foram dirigidos por Charles Armstrong, louvam e bemdizem o seu nome, como pedagogo exemplar, como educador recto e consciencioso.

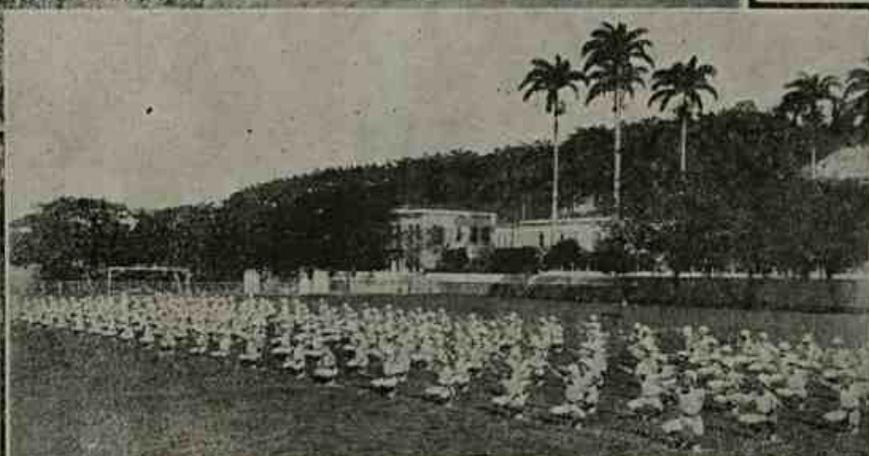
Agora, é o grande Collegio Anglo-Brasileiro desta Capital que pelas suas explendidas installações, pela sua optima situação, gosa do prestigio na familia brasileira—que o procura para educação completa de seus filhos. E esse prestigio vem não só do nome do seu director, como também do corpo docente que o acompanha, e ainda pelos methodos e programmas seguidos.

O corpo docente do Gymnasio Anglo-Brasileiro

Uma aula de mathematica, vendo-se ao fundo, o Sr. Charles Armstrong, director-presidente do Anglo-Brasileiro

A disciplina e a ordem, são, sem duvida, a base fundamental do ensino moral que o Anglo-Brasileiro offerece aos seus alumnos. O estudante, pelo methodo ali adoptado, será na vida pratica, um homem independente, sem cogitar de outro amparo que o da sua iniciativa.

Entre os estudantes é mantida uma disciplina perfeita, sem que estes a sintam. Nisto se acha o segredo da bôa ordem e do contentamento dos alumnos. O menino não é opprimido com regulamentos exigentes, não é vigiado a cada passo, como um suspeito. O director e os professores procuram captar a amisade dos alumnos, e o respeito destes se obtem, não pelo rigor e frequencia dos castigos, porém com a sua certeza e absoluta imparcialidade. Emfim, a vida do collegio é a de uma familia bem ordenada e não a de um quartel. A directoria procura incutir nos meninos o desejo de se tornarem perfeitos cavalheiros. Os preceitos da civilidade á mesa constituem uma parte do ensino. Nas lições de moral aos domingos, as virtudes proprias do homem bem educado são collocadas em primeiro logar.

No sitio aprazivel da Gavea o estudante confortavelmente instal-

Os alumnos do Anglo-Brasileiro, fazendo exercicios suecos, por occasião de uma festa athletica

Alumnos do curso primario, 1º, 2º, 3º e 4º annistas do curso gymnasial do Anglo-Brasileiro desta Capital

após a decretação em 5 de Abril de 1911, da "Lei Organica do Ensino Superior e Fundamental", e ainda após a nova Reforma de 1915, segue o mesmo programma que sempre manteve, com ligeiras alterações introduzidas com o intuito de tornar o curso gymnasial mais util ao preparo para a vida pratica, bem como para adaptar os estudos feitos nos 3º, 4º e 5º annos ás exigencias dos cursos superiores a que se destinem os alumnos.

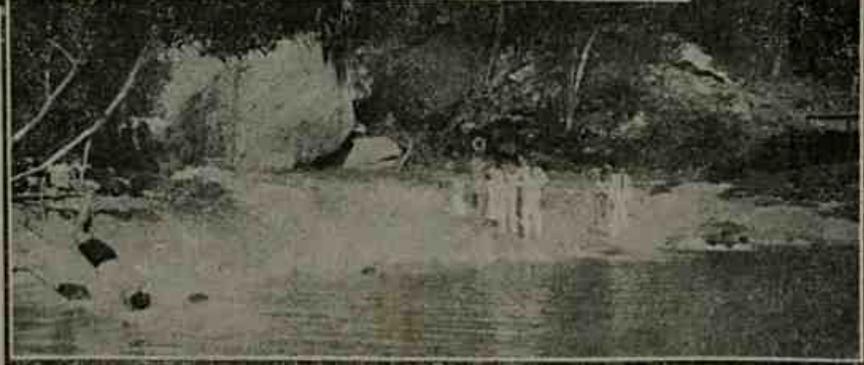
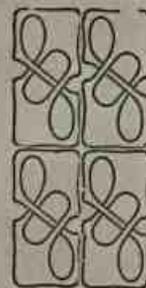
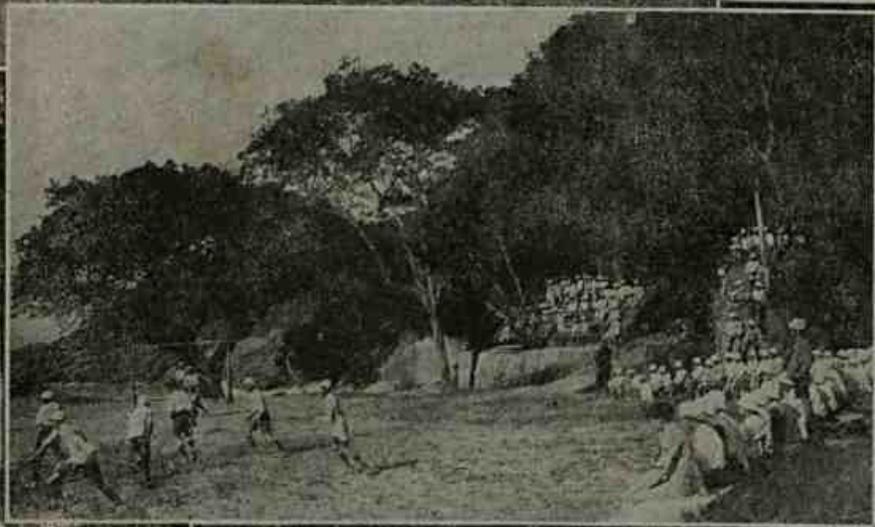
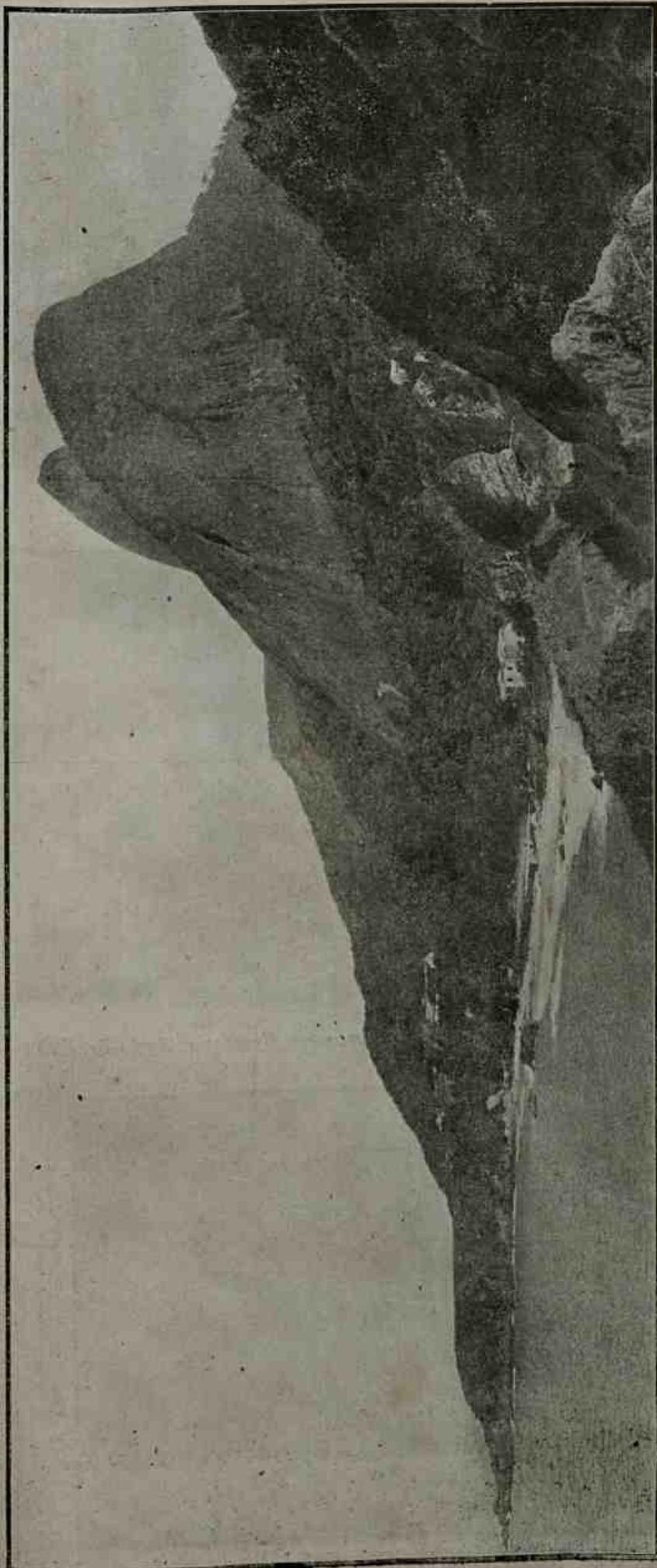
A Directoria acha indispensavel a distribuição racional do ensino em series graduadas, de modo que a ordem das materias e das aulas obedeça, tanto quanto fôr possivel, ao regimen do curso chamado gymnasial. Deste curso os quatro primeiros annos se destinarão ao ensino fundamental e o quinto aos ultimos preparatorios, á revisão e ao desenvolvimento dos estudos já feitos. Nos 3º e 4º annos foi introduzido o estudo de Contabilidade, afim de augmentar a utilidade pratica do curso, para os alumnos que se destinarem á

lado nas amplas e arejadas salas de estudos e de aulas, allianlo a theoria á pratica, ao contacto dos gabinetes de physica e historia natural, e laboratorios de chimica. E a saude physica com os sports, a natação, os exercicios ao ar livre e os exercicios militares, formam uma geração nova, com espirito novo, geração que ha de dirigir os destinos de um Brasil novo, de largos horizontes, integrando-o grandiosamente no concerto mundial, neste momento de integral remodelação universal.

* * *

Em mãos os estatutos do Anglo-Brasileiro e ao folhearmos com interesse todos os dados que o mesmo offerece ao leitor, deparamos na ultima parte com o capitulo que se refere aos "cursos".

E' opportuno transcrevermos essa parte que vem precisamente confirmar o que acima ficou dito.

Em resumo :

" O Gymnasio Anglo-Brasileiro,

Um aspecto da linda praia do Gymnasio Anglo-Brasileiro e que constitue o principal recreio dos alumnos ; exercicios suecos pelos alumnos, por occasião de uma festa athletica ; o jogo de foot-ball, no collegio, em campo magnificamente apropriado ; a piscina de natação.

Chacara e praia do Vidigal. Leblon, Rio de Janeiro, onde funcciona o Gymnasio Anglo-Brasileiro

carreira commercial ou agricola. O principal objectivo do ensino é proporcionar aos alumnos uma educação completa e segura, que os prepare para qualquer carreira que tenham de seguir. E' erro suppôr-se que o estudo de outras materias, além das necessarias para a carreira que o individuo pretende seguir, seja uma perda de tempo, porquanto todo o estudo educa, instrue e desenvolve as faculdades mentaes. O lado pratico, cujo desenvolvimento sempre foi a feição distinctiva do collegio, continúa a merecer-nos toda a attenção.

Ha tres cursos no programma do ensino, a saber: o *Preliminar*, o *Gymnasial* e o *Preparatorio para as universidades estrangeiras*.

O curso preliminar, que tem por fim preparar os alumnos para o Curso Gymnasial.

O curso gymnasial, seguirá os programmas officiaes conforme as explicações acima.

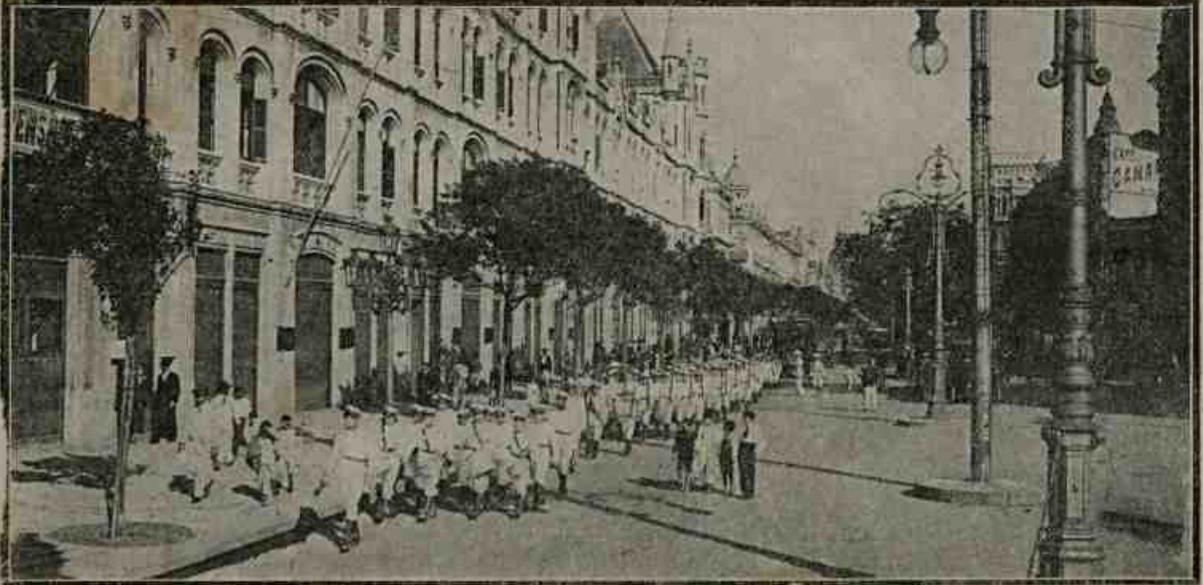
Os alumnos approvados nos exames finaes do 5° anno, com bôas notas, estarão em condições de entrar para os cursos superiores.

A estes se concederá um *Diploma de Estudos Fundamentaes e Preparatorios*.

No curso especial *de preparatorios para as universidades inglezas e norte-americanas, o ensino é administrado em inglez e por professores inglezes.* Só depois de approvados nos exames do 4° anno gymnasial os alumnos poderão ser admittidos a esse novo curso. Os que, sem cursar o Gymnasio desejarem matricular-se directamente terão de prestar um exame de admissão em inglez.

Feito este curso, os alumnos não encontrarão difficuldade para entender as prelecções que ouvirem naquellas universidades. Quasi sempre succede com os estudantes brasileiros, que recebem toda a sua instrucção em portuguez, o facto de se verem obrigados a repetir, nas universidades estrangeiras, o primeiro ou mesmo os dous primeiros annos do curso. Isto os desanima a ponto da maioria desistir da formatura.

A directoria já entrou em accordo com certas universidades estrangeiras e cursos superiores no Brasil, para admissão dos seus alumnos, graduados no curso especial, sendo-lhes dispensado o exame de admissão á universidade comquanto tenham boas notas nos exames finaes feitos no collegio.

Mesmo aos alumnos que não pretenderem estudar no estrangeiro, esse novo curso será de grande utilidade pratica, pela vantagem que lhes offerece de aperfeiçoarem o seu conheci-

O garboso batalhão escolar do Gymnasio desfilando pela Avenida Rio Branco

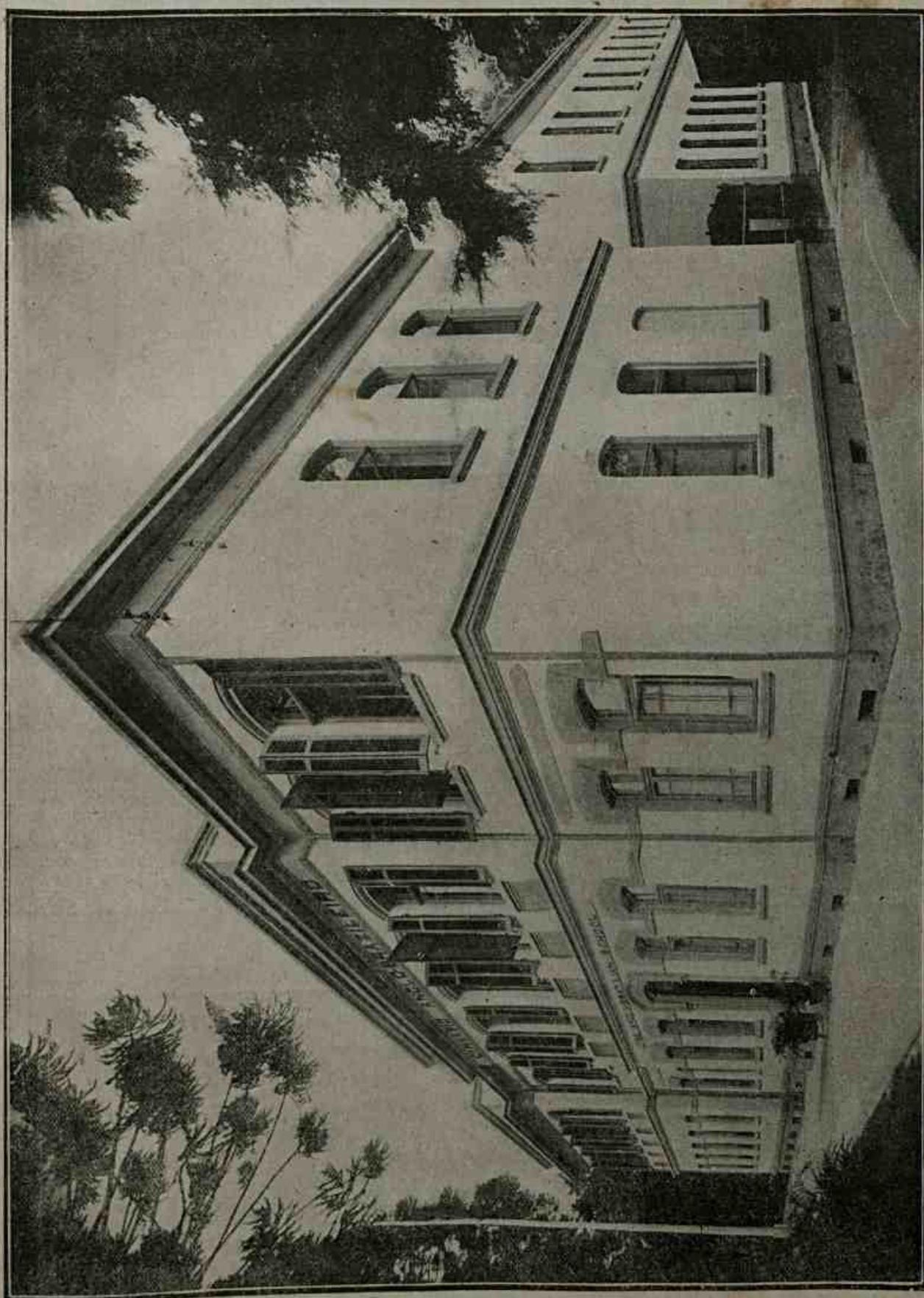
mento da lingua ingleza. Ninguem contesta o alto valor d'. a em qualquer carreira da vida.

Os alumnos que se destinarem á carreira commercial terão um preparo solido para a mesma, completando o Curso Fundamental, especialmente adaptado a este fim. Para estes alumnos haverá tambem aulas de tachygraphia e dactylographia, mediante modica contribuição extraordinaria. Recommenda-se-lhes tambem o Curso Especial acima mencionado, para se aperfeiçoarem no uso corrente da lingua ingleza.

Conceder-se-á um diploma aos alumnos que completarem o curso commercial, assim constituido".

Do resumo exposto, vê-se a preoccupação da directoria do Anglo-Brasileiro em dar ao alumno solida e pratica instrucção. Desnecessario será dizer que o mesmo, approvado

O interessante jogo de caçar o porco no Gymnasio Anglo-Brasileiro

Piscina de natação e Equitação

O magestoso edificio do Gymnasio Anglo-Brasileiro de S. Paulo

no exame final do quinto anno, estará perfeitamente preparado para os exames de admissão a qualquer Faculdade Superior.

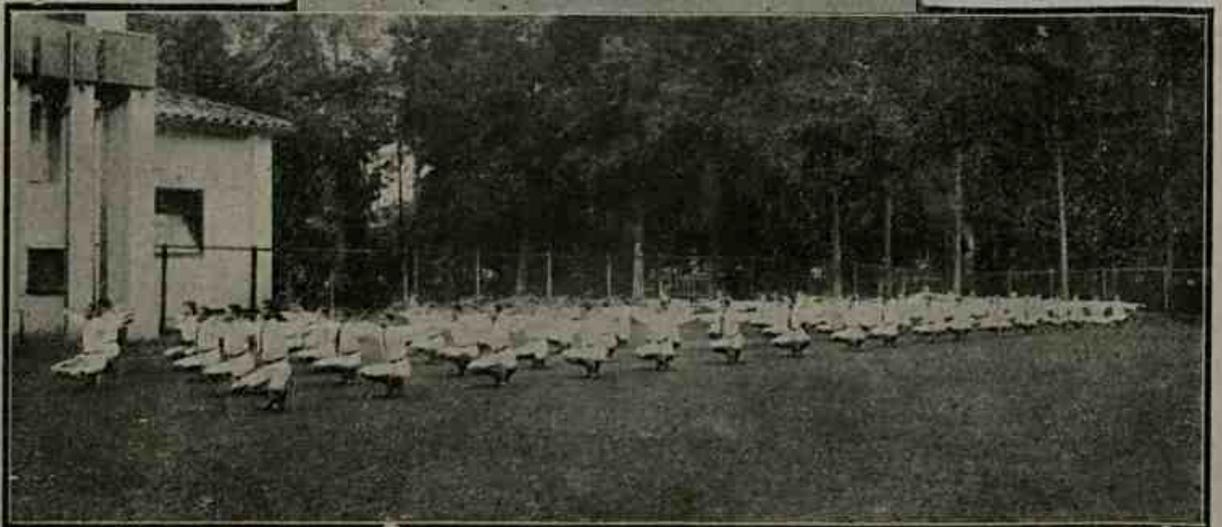
O ponto fundamental, entretanto, do grande estabelecimento de ensino, é precisamente o de proporcionar *um solido preparo intellectual para qualquer carreira que o alumno tenha de seguir*; assim, a directoria julga ser contrario aos seus interesses e aos dos proprios alumnos facilitar-lhes os exames de promoção, para os quaes exige o mais amplo preparo nos programmas do anno cursado.

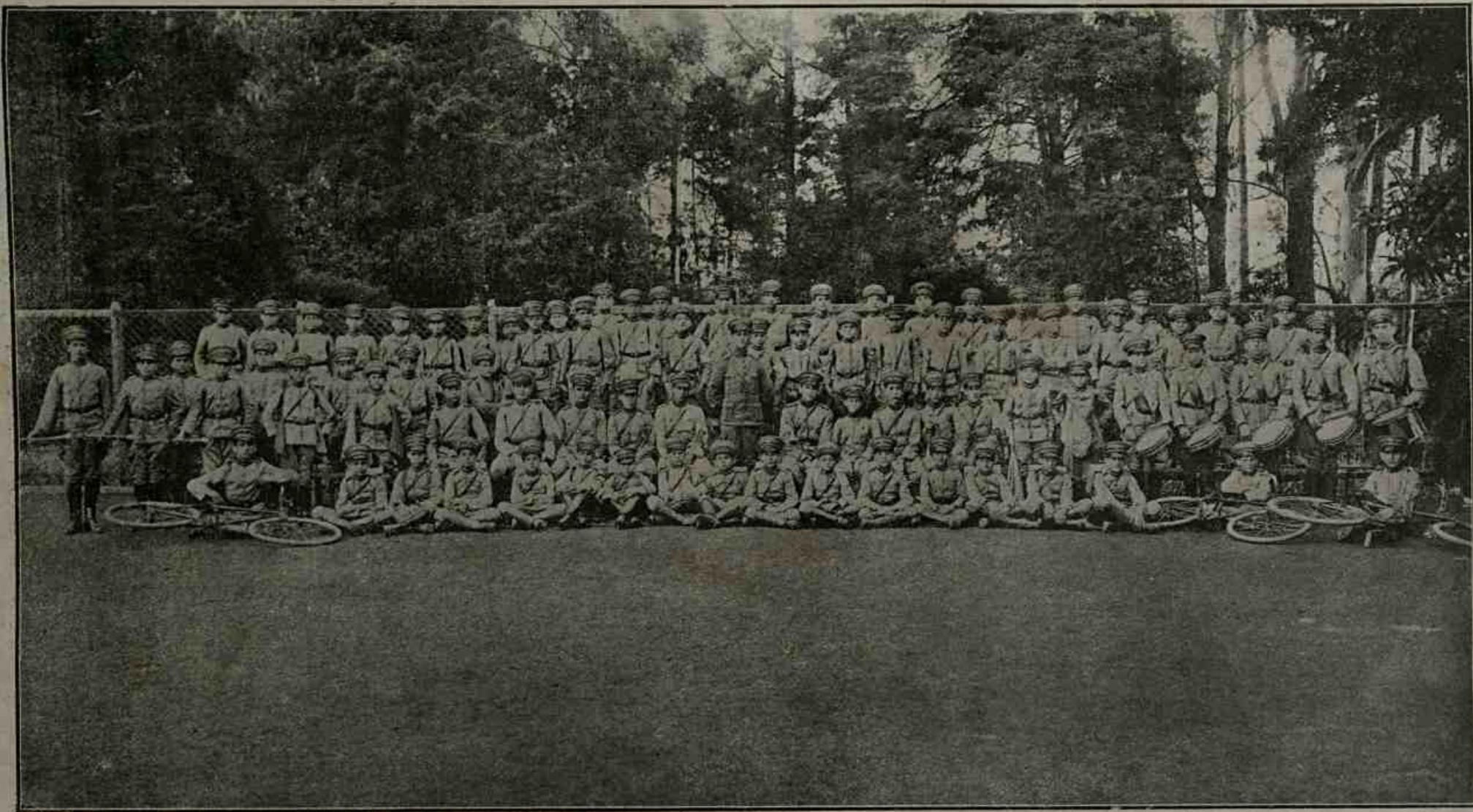
Mas, para que se possa obter tão proficuo resultado, é preciso que haja a unidade de vistas entre o corpo docente. E a directoria do Collegio, neste sentido, mostra ainda a sua capacidade de direcção. São, em resumo, de uma circular dirigida ao corpo docente, estas palavras :

"E' costume da directoria deixar a juizo e experiencia dos professores o methodo que cada um queira seguir, dentro de certos limites, por isso que cada professor lecciona melhor adoptando o systema com que se acha familiarisado. E' porém, conveniente estabelecer estes limites, é mencionar alguns vicios de ensino, communs no Brasil, os quaes o director deseja evitar em *The Anglo-Brazilian School*.

Nunca se deverá passar uma licção para estudo sem a competente explicação na aula, salvo se ella fôr de comprehensão facilima aos alumnos, o que raramente acontece, ou então quando se tratar de classe adeantada. Não se deverá admittir que o alumno decore, sem saber a significação das palavras a decorar. Para isso cada palavra, cada phrase difficil deverá ser explicada de tal modo que o alumno possa dar respostas taes proprias e, de preferencia, em palavras differentes das do livro.

E' muito preferivel uma classe estudar poucas paginas de um livro, ou sómente os pontos mais salientes, comtanto que fiquem bem sabidos, a completar o livro sem entendel-o".

Dentro das normas desse programma, está implicitamente reconhecido o methodo inteiramente oratico seguido por todos quantos conhecem o ensino ministrado na Inglaterra. No Anglo Brasileiro, o programma não tende apenas a ensinar, mas, a educar, com solida moral e base intellectual positiva, o alumno, norteando-o para a vida pratica, de fórmas que, ao entrar na luta, qualquer que seja o ramo de actividade que o mesmo abrace, elle se sinta capaz, apto a assumir as responsabilidades.

O jogo de basket-ball no Gymnasio Anglo-Brasileiro de S. Paulo ; um grupo de alumnos menores em um dos recreios ; os exercicios suecos pelos alumnos.

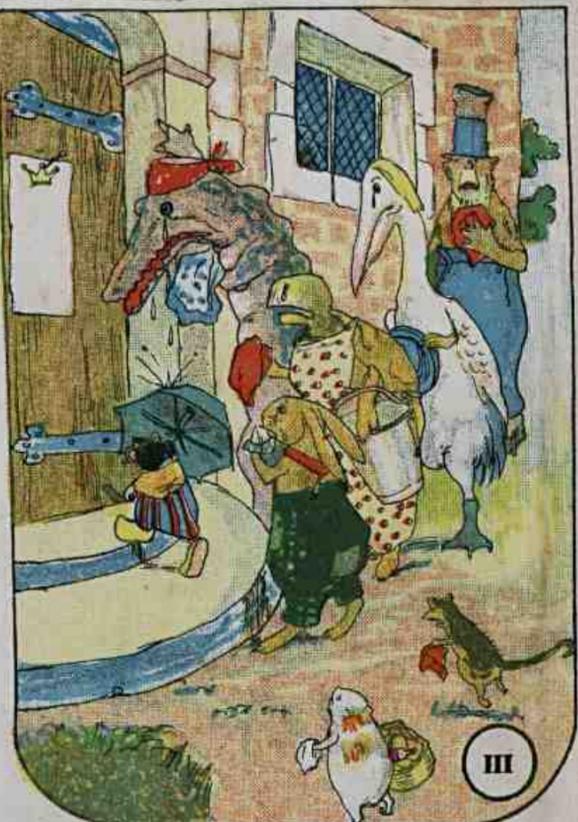
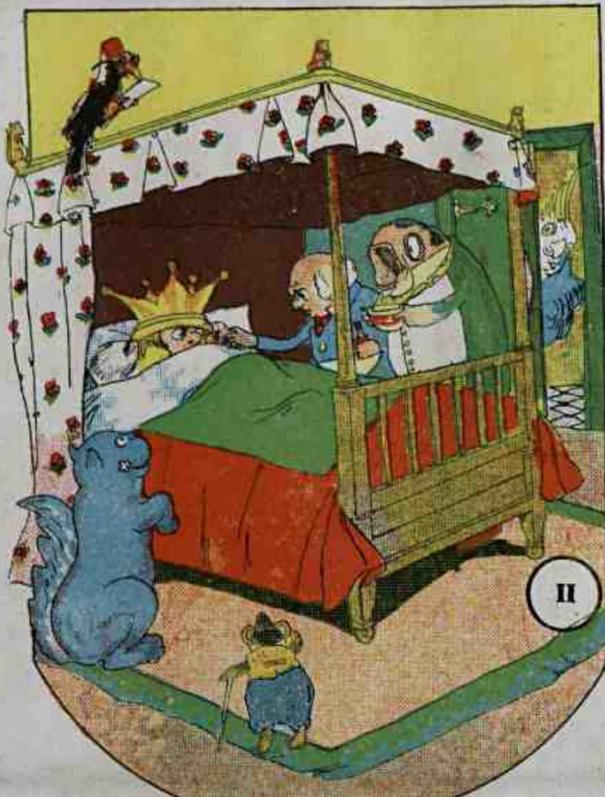
Assim posto, convictamente dizemos, que o Brasil deve se orgulhar de possuir um Collegio modelo como é o Gymnasio Anglo-Brasileiro. E'

O batalhão escolar do Gymnasio Anglo-Brasileiro de S. Paulo

Em S. Paulo : Aspectos do lindissimo parque do Gymnasio Anglo-Brasileiro.

E' justo pois que tenha o titulo de maior Gymnasio da America do Sul. E concluindo, repetimos que um Collegio como o Anglo Brasileiro, que soube organisar um programma de ensino do valor e da justeza do que é ali executado, deve ser amplamente conhecido e proclamado.

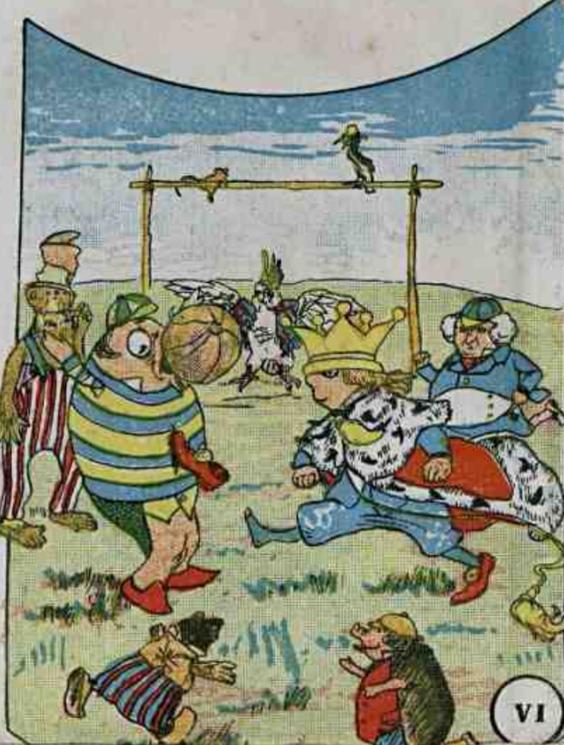
O REI NEURASTHENICO

Havia uma vez um rei, Nazo V, que andava taciturno e neurasthenico, não obstante os cuidados do seu mordomo, que envidava todos os esforços para alegral-o.

Deitado no leito, carrancudo e mudo, nem siquer sorria ao ouvir as graças que «Peixe-Boi» e «Doutor Arara», dois impagaveis palhaços, diziam para divertil-o.

A noticia da enfermidade de Nazo V, correu pelo reino e os habitantes, que eram bichos, vieram, chorando, visitar seu soberano. Entre as visitas estava o «Dr. Jacaré», douto sabio que descobri[illegible] ...artos de chocolate», e que [illegible] para Nazo V...

...sseios pe... ...npo e pos... ...rmente ...cios phy... O rei sub... ...u-se ao ...ento e...

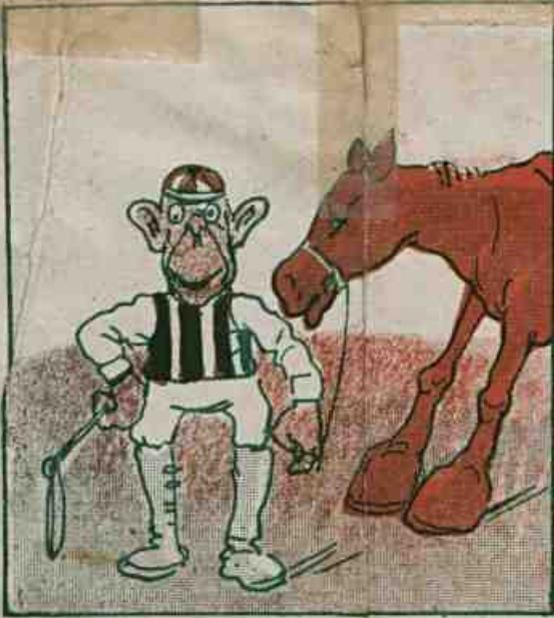
... dentro de pouco tempo, entregava-se aos exercicios sportivos: começou [illegible] tão empolgante jogo.

Mas, se o soberano se exercitava faltava ainda rir e o «Dr. Jacaré» aconselhou-o a jogar football. Nazo V foi para o campo e jogou como um consumado «player». Cada «shoot» seu era acompanhado de uma exclamação de critica a «Peixe Boi» e «Doutor Arara»: Sahe «fundo»! O' «pesado»! etc.

Um dia Nazo V foi «pular a ...arniça» e começou a rir. O di...ertimento, aconselhado tambem pelo «Dr. Jacaré»...

...nseguira fazer ...r. Era porque ..., dizia o «Dou... ...caré», gostava ...adar nas altu-

Depois de mais alguns dias de diversão em balanços e de uma «cabra-cega», o rei viu-se curado e como gratidão ao «Dr. Jacaré» e demais subditos, fez armar imponente arvore do Natal...

... com muitos presentes e brinquedos que foram distribuidos no meio de grande festa no palacio.

O PRIMEIRO PREMIO

Belisquinho era um jockey famoso. Um dia elle quiz tomar parte n'uma corrida e apresentou um cavallo, que parecia de páu.

A corrida começou — Belisquinho disparou n'uma fu[illegible] louc

Mas na corrida percebeu que [illegible] sendo vencido por um cavallo mais veloz — Então . . .

. . . começou a desparafusar a cabeça do cava[illegible] esticando-a de tal maneira. . .

[illegible]

XPEDIENTE DE RODAPÉ

Que desaforo — dizia Rodapé — lá vai o amigo Entrelinha carregando algu[illegible] bom petisco. E eu nada.

Entrelinha escolheu um logar aprazivel, sentou-se [illegible] e começou a avançar num gordo frango assado.

Rodapé estava se babando, quando av[illegible]ou uma cobra e *pam*, matou-a com uma cacetada.

Ia comer a cobra, mas veio-lhe uma idéia. Apanhou a cobra e atirou-a em cima do Entrelinha.

para que vos quero.

A occasião era bôa e Rodapé aproveitou-a para avançar no frango.

Entrelinha ainda está correndo.

O PRIMEIRO PREMIO

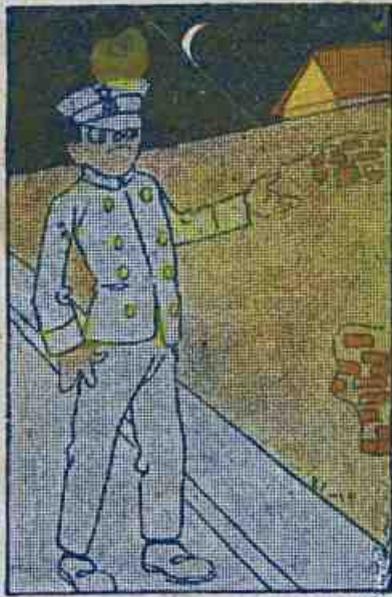
Belisquinho era um jockey famoso. Um dia elle quiz tomar parte n'uma corrida e apresentou um cavallo, que parecia de páu.

A corrida começou — Belisquinho disparou n'uma fu começou

Mas na corrida percebeu que ia sendo vencido por um cavallo mais veloz — Então...

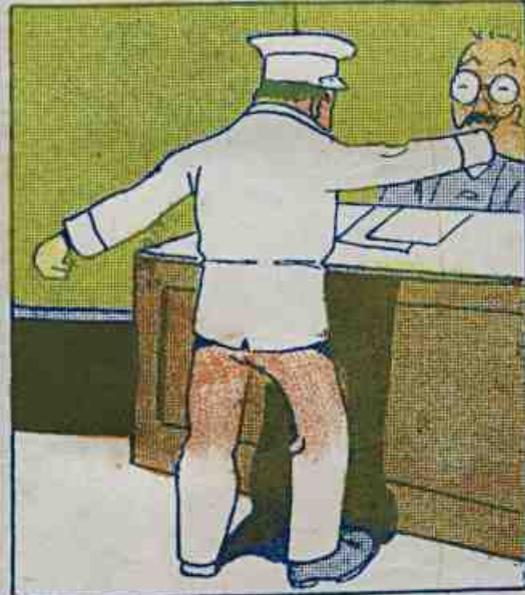
... começou a desparafusar a cabeça do cava a cobra e maneira...

avançar no

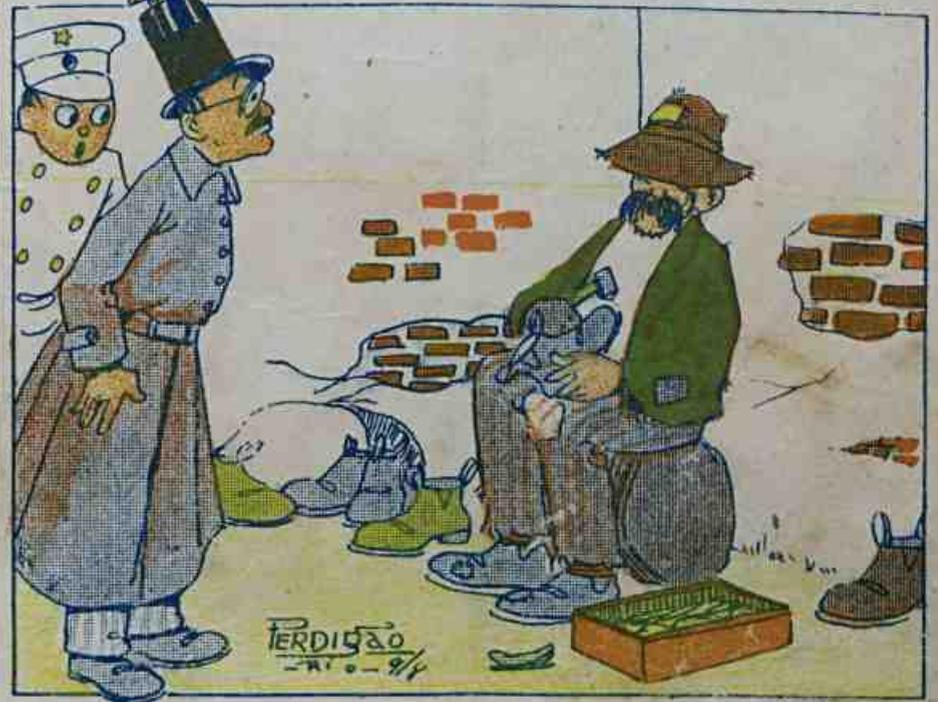
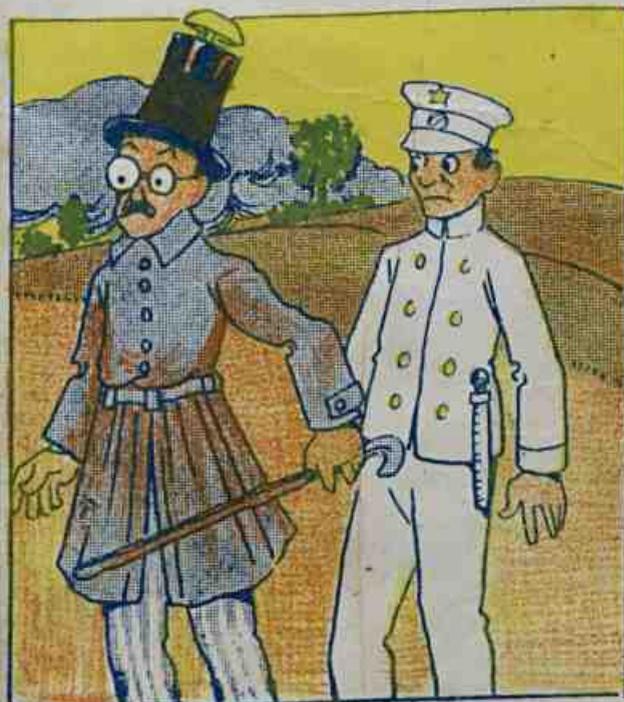
CONSPIRAÇÃO... DE SAPATOS

Chico Assumpção, cansado de esperar pela sorte grande, resolveu ser guarda-civil.
De ronda, noite e dia,...

... nunca o Assumpção conseguira prender ninguem. Os delegados diziam que o Assumpção era *cégo* e sem sorte. Um dia o Chico,...

... passando junto a um muro esburacado, viu que do outro lado havia um grupo de pessoas confabulando

Chico Assumpção, com a velocidade de uma bala do "420", foi avisar ao delegado do districto.

— Tramam uma conspiração, doutor !—disse elle ao delegado — Sei onde estão os conspiradores !

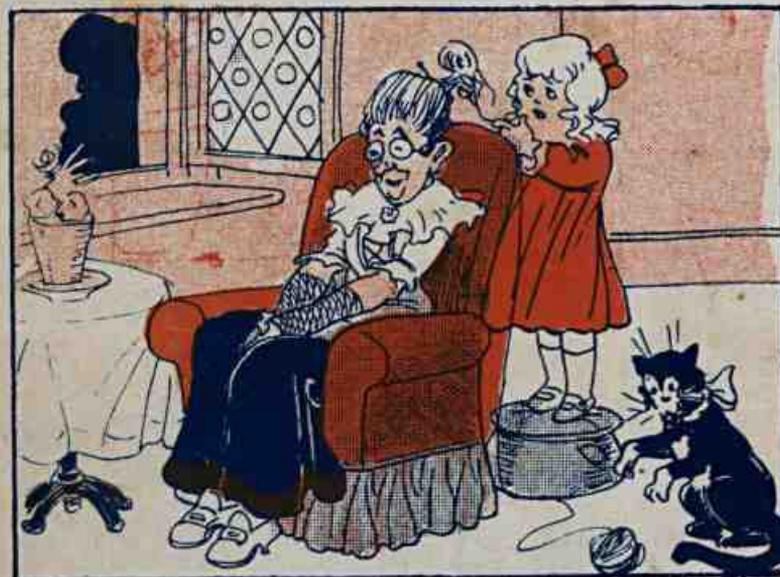
O delegado começou logo a tremer de medo e ficou em estado desolador...

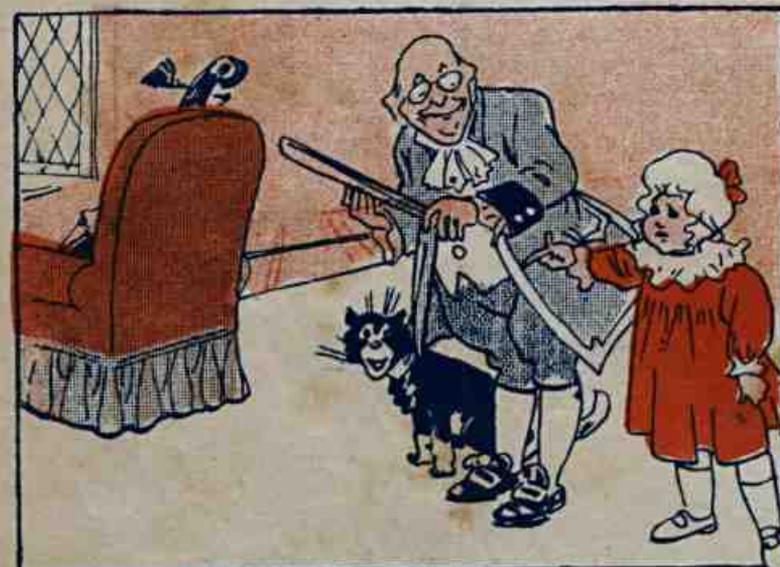
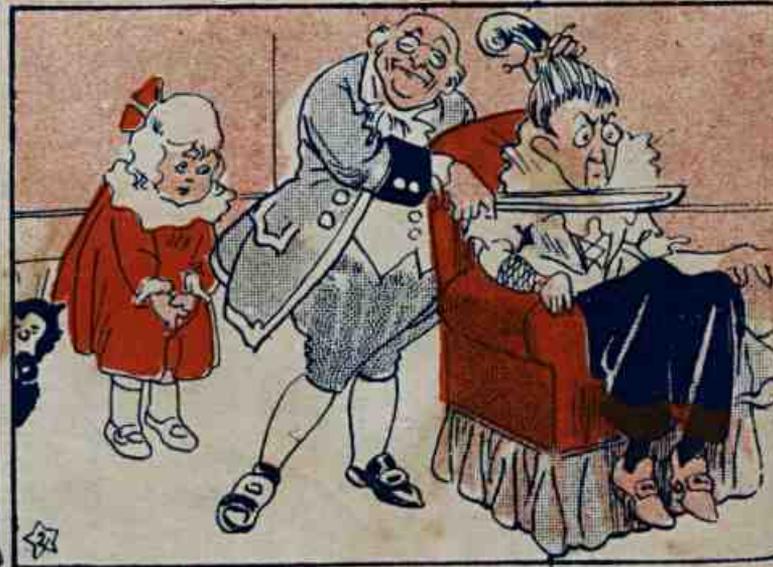
... via tudo andar á roda : mesa, papeis, tinteiros rodopiavam-lhe ante os olhos.

Mas não havia remedio : partiu, escoltado pelo Chico, para o local da *conspiração*, que outra cousa não era senão...

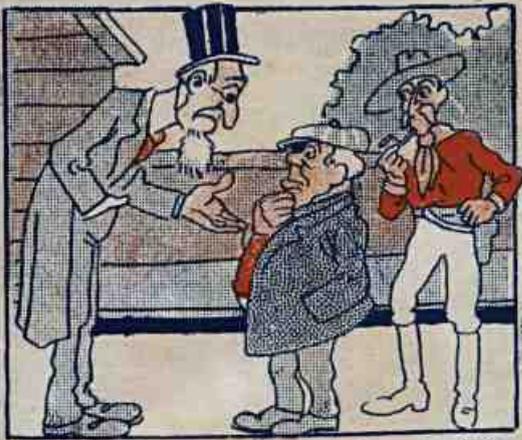
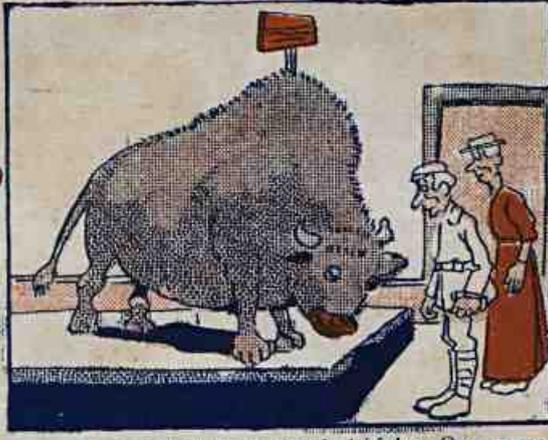
...senão o sapateiro-ambulante Giovanni, que pacatamente montava as meias-sólas de sua freguezia. Chico Assumpção desmaiou.

O penteado de titia

Tia Josepha lia pacatamente seu romance, emquanto Dóra fazia meias de lã para o frio.

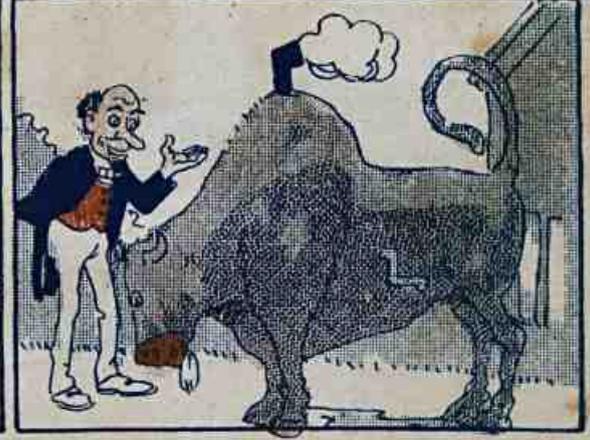
De repente, o "Louro", voando do jardim, veio arrancar o "chinó" de Tia Josepha. A velha não gostou nada d'esta arteirice do papagaio ..

mas Dóra, que é muito habilidosa, offereceu-se para arranjar os cabellos da titia. E arranjou-os de tal modo...

... que titia ficou encantada. O penteado era tudo quanto havia de mais moderno e "chic" e muito semelhante ao braço de um violino.

E titia tornando a sentar-se adormeceu na cadeira. D'ahi a pouco chegou o professor de musica de Dóra. Procurou o violino e vendo o penteado

... da titia, enganou-se e foi direitinho a elle pensando ser o violino. E já se dispunha a tirar uns sons maviosos com o arco quando titia acordou espantada! ..

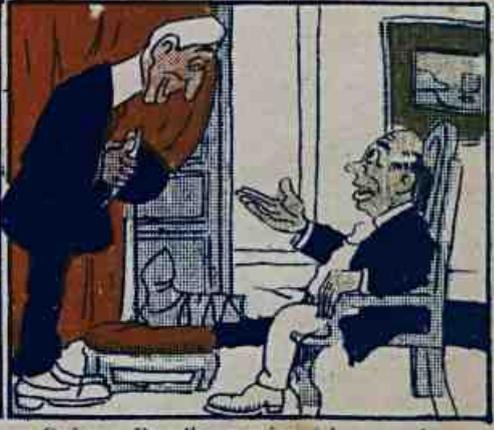
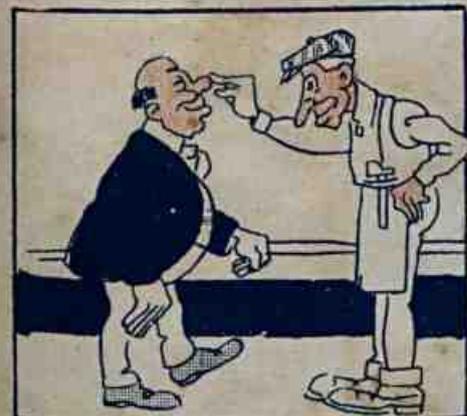
O bufalo mecanico

Os cidadãos do Amazonas, amigos do Quincas Barulho, rico fabricante de tambores, estavam atrapalhados porque este lhes annunciára que iria até lá..

... para se dedicar a caça de búfalos. Ora, como sabem os leitores, no Amazonas, de tal especie de animal, só ha um exemplar, e este mesmo empalhado, no museu.

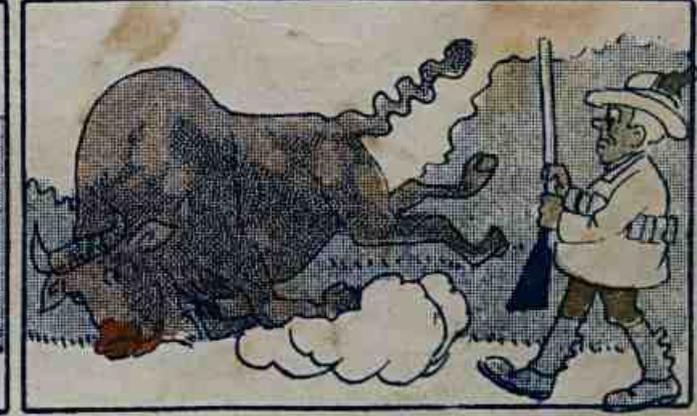
Mas os amigos do Quincas não quizeram desgotal-o e um delles, homem experimentado, que vivêra muito tempo..

... nas florestas á cata de caça, deu um conselho: — Não existem búfalos aqui, mas nós poderiamos fabricar um, mecanico, que désse a illusão do animal verdadeiro.

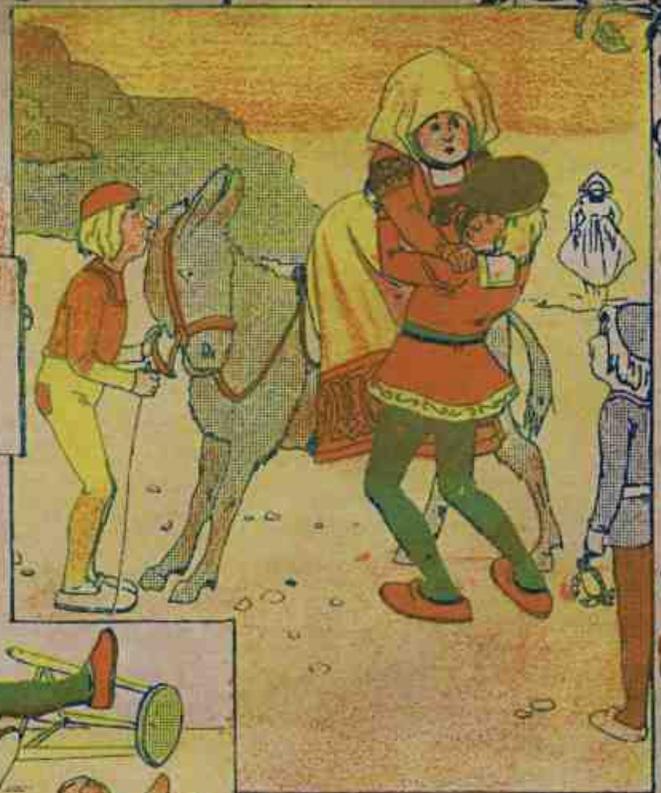
Todos acharam a ideia magnifica e um engenheiro habil foi chamado para fazer o búfalo mecanico.

Dias depois o engenheiro tinha o trabalho concluido: fizera um búfalo, que tinha varios movimentos accionados por um motor electrico.

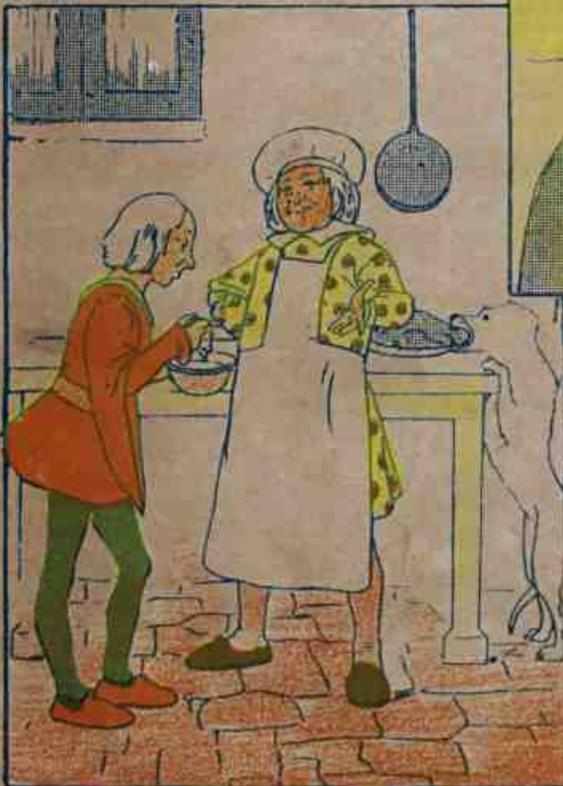
O *animal* era perfeito: não andava mal, perseguia as pessoas e bufava, por meio de um phonographo, tal qual um búfalo de carne e osso.

Tudo prompto, os amigos do Quincas cansaram-se de esperal-o: não sabiam que o rico fabricante de tambores fôra atacado de erysipela.

Quincas Barulho, porém, é homem de palavra. De palavra e de talento. Para não faltar ao compromisso assumido mandou chamar um famoso inventor...

... e encommendou um *Quincas Barulho* de mola. O artista construiu de facto e mandou para o Amazonas um boneco tão parecido com o rico fabricante

... de tambores que os amigos amazonenses se enganaram e o levaram á presença do búfalo mecanico. Este, apezar de não ser *bicho*... de verdade...

... foi menos bôbo e, dando-se corda, não levou a sério o Quincas Barulho de mentira.

PROVERBIOS ILLUSTRADOS

Antes duas cabeças no prato que uma no ar

Ninguem melhor do que o burro conhece a carga do dono.

Quanto mais alto se está maior é a quéda

O bom bocado não é para quem o faz e sim para quem o come.

Conta de três o Diabo fez...

Quem veiu por ultimo que rôa os ossos

Creanças curadas com o ELIXIR DE NOGUEIRA

O menino Fernando, curado com o Elixir de Nogueira

Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1917. — Illmos. Srs. Viuva Silveira & Filho — Rio de Janeiro.— Respeitosas saudações.

Como prova de eterna gratidão, vos envio uma photographia de meu filho Fernando, que soffria de grandes espinhas, as quaes apresentavam feio aspecto, temendo consequencias graves, não sabendo eu explicar a causa

Usou varios medicamentos, sem, comtudo, obter resultado. Aconselhado por pessoa amiga, o fiz usar o ELIXIR DE NOGUEIRA, formula do Pharmaceutico Chimico Sr. João da Silva Silveira, unico medicamento com que tive a felicidade de vel-o restabelecido.

Tomo a liberdade de vos enviar este meu testemunho, que por ser verdade, firmo.

De VV. SS. Amo. e Crdo. Ob.—*Manuel Lopes.*— Rua de Sant'Anna 61.

Amelia de Carvalho Branco—2 annos de edade—Bahia

Bahia, 29 de Agosto de 1917. — Illmos. Srs. Viuva Silveira & Filho. — Rio de Janeiro. — Venho por meio desta, agradecer-vos a cura que o vosso efficaz ELIXIR DE NOGUEIRA, do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, operou em um mez em minha filhinha Amelia, de 2 annos de edade, a qual tinha um padecimento de coceiras e tumores por todo o corpinho. Vendo pelos jornaes as curas prodigiosas que o vosso ELIXIR DE NOGUEIRA tem feito, comprei um vidro e vi logo em poucos dias o resultado desejado, e hoje dou graças a Deus por ver minha filhinha radicalmente curada desse mal.

Aconselho a toda mãi que tiver os seus filhos no estado em que eu tive a minha de usar o ELIXIR DE NOGUEIRA, como um grande purificador do sangue para adultos e creanças. Junto remetto a photographia da minha filhinha, Amelia de Carvalho Branco, podendo publical-a.

De VV. SS. Atta. Cra. Obrda. — *Judith de Carvalho.* Residencia: Rua do Pilar 77, Bahia.

Menino José

Accioly. — Espirito Santo, 14 de Maio de 1913.

Illmos. Srs. Viuva Silveira & Filho. Pelotas

Respeitaveis Srs. E' com viva satisfação que venho, por meio desta communicar-lhes a cura que o vosso efficacissimo ELIXIR DE NOGUEIRA do Pharmaceutico e Chimico João da Silva Silveira, operou em poucos dias e com poucas doses em meu filhinho de nome José, que actualmente conta 3 annos de edade.

Era esta creança martyrisada desde a edade de um anno, de penosas erupções da pelle, acompanhadas de uma coceira pertinaz e por isso dolorosamente chagada em quasi todo o corpinho.

Despertado pela constante leitura de attestados substanciosos e insophismaveis a respeito de vosso poderoso ELIXIR, os quaes lia-os nos jornaes cá da terra e do Rio de Janeiro, foi que por esse feliz estimulo comprei um vidro desse verdadeiro *remedio*, e, como resultado de sua applicação, como acima expuz, tive a cura do meu querido filhinho, que, graças a Deus e ao effeito radical do vosso ELIXIR, o vejo agora livre daquelle padecimento atroz, pois está são, gordo, lepido

De VV. SS. Respeitador Att. e Obr., *Manuel Antonio do Espirito Santo.*

O ELIXIR DE NOGUEIRA, vende-se em todo o Brasil e Republicas Sul Americanas.

CELEBRIDADES ANÃS

Muitas creanças já vimos rir quando vêem um anão. Tal procedimento, que nenhum dos nossos leitores será capaz de ter, não é proprio de corações bem conformados.

Dessa deformidade physica devemos todos nos compadecer e não rir,

Jeffery Hundson, em pé no prato de queijo.

porque o riso nesse caso indicará a falta de sentimentos humanos.

A historia relata-nos que antigamente a presença de um anão constituia um prazer para os reis e senhores poderosos, que os traziam sempre comsigo, dando-lhes ricos aposentos nos seus palacios e vida invejavel de verdadeiros principes.

Anões houve (e os ha em toda parte) que se tornaram celebres pelas suas diminutas dimensões.

No numero d'elles cita-se Jeffery Hudson, nascido em 1619 e que pertenceu a Carlos I e a Henriqueta de França. Quando se celebrou o casamento desse monarcha o anão Jeffery foi apresentado á côrte, na propria mesa do banquete, dentro de um queijo. Outro anão celebre foi Wybrand Folkes, hollandez, nascido em 1750. Aprendeu o officio de relojoeiro, era muito esforçado e trabalhador, e tornou-se rico pelas exhibições em circos e theatros de quasi toda a Europa. Folkes casou-se aos 30 annos com uma formosa mulher que tinha quasi quatro vezes a sua altura e que o acompanhou sempre a todas as partes por onde elle andou.

Outro anão notavel foi Nicolau Ferri, nascido e, logo após, homem feito, ao serviço do duque Estanisláu, da Lorena. O esqueleto de Ferri,

Wybrand Folkes e sua esposa.

que morreu aos 23 annos de edade, foi depositado na Bibliotheca de Nancy.

O TICO-TICO

QUANDO oiço o *tic-tic* de um tico-tico, lembro-me de um facto occorrido ha alguns annos.

Morava eu num pittoresco sitio, situado num alto, onde, em vez do barulho dos carros e automoveis da cidade, se ouviam pela manhã os doces cantos dos passarinhos e dos gallos, saudando a aurora.

Pela tarde costumava sentar-me no terreiro, onde passava entretido, divertindo-me com os animaes domesticos, que eram abundantes em nosso terreiro. Um dia, tendo acabado as minhas obrigações, fui para o terreiro e encontrei lá um tico-tico a procurar migalhas de milho, que quasi sempre havia alli. Fui então buscar um pouco de arroz e espalhei no chão. Desde então, vinha todos os dias procurar alimentos em minha casa, e já estava tão mansinho que um dia consegui apanhal-o, não para pol-o em uma gaiola, isso não, mas para amarrar-lhe uma fitinha no pescoço.

E o tico-tico continuou a vir todas as tardes para o meu terreiro, sempre com a fitinha no pescoço.

Uma linda tarde fui esperar o tico-tico. O sol quasi já desapparecia por traz das mattas, onde os passarinhos soltavam cantos tristes, despedindo-se do dia. De uma capella situada pouco distante, os sinos dobravam, tocando *Ave-Maria*.

E todos esses encantos já me faziam esquecer o tico-tico, que até então não tinha chegado, quando um passaro passou muito apressado sobre a minha cabeça; olhei para cima para ver se era elle: não era. Como já fosse escurecendo, fui-me para a casa. Desde esse dia nunca mais o vi.

Que seria feito da pobre avezinha?!

Certo dia, passeando pelo pomar, vi numa laranjeira um passaro morto. Cheguei-me mais perto e vi então que era o meu querido tico-tico. Tinha enroscado a fitinha que eu lhe puzera no pescoço, e, não podendo desenroscal-a, morreu de fome.

Eu, com as mãos tremulas, desembaracei o frio cadaverzinho e não pude dizer senão:

— Pobre tico-tico!

ALBERTO SACHS

VULTOS SPORTIVOS INFANTIS

Antonio Simões Conceição Filho, um grande amigo d'"O Tico-Tico" e residente em Cantagallo, Estado do Rio, onde é considerado "campeão do muque" entre os da sua edade.

UMA BOA RESPOSTA

GLAUCO era um menino corinthio, que gostava muito de tomar os habitos dos adultos e de frequentar os salões de barbearia.

Um dia Glauco foi ao barbeiro e disse em voz alta:

— Faça-me a barba!

O barbeiro, que era homem espirituoso, ensabôou-lhe o rosto, amolou a sua navalha e foi para a porta conversar com os outros.

A principio Glauco esperou pacientemente, mas, ao cabo de alguns minutos, não poude conter a raiva e perguntou-lhe a causa da demora.

O barbeiro respondeu:

— Estou esperando que sua barba cresça.

Desse dia em deante nunca mais Glauco quiz ser prosa.

PETER MATHESEN

Noivas!

Se a Fortuna vos sorriu, correi

A' Fortuna!

Mlle.

O dia do vosso casamento é o mais feliz de vossa vida. Neste dia a vossa toilette deve ser a mais bella dos vossos dias!

QUE A VOSSA BOA ESTRELLA VOS CONDUZA A'

FORTUNA

onde, com o minimo da despeza obtereis o mais bello enxoval

— PRAÇA 11 DE JUNHO —

ALMANACH 1919 DO TICO-TICO

"INFANTINA"
GRANADO
"FARINHA LACTEA
Malto-phosphatada
ALIMENTO COMPLETO PARA
CREANÇAS, DEBILITADOS, CONVALESCENTES, ETC.

Conto do Natal

ERA no decorrer ardente do verão.

As arvores estavam ainda floridas, como que se despedindo da ridente Primavera!

Pobre de ouro e rica de esperanças, sentada ao sopé de sua humilde cabana estava Rosita.

A encantadora creança, sendo vespera do Natal, dia em que todos recebem do velho Noel seus brinquedos, tambem desejara possuir uma boneca; uma boneca pequena embora, mas que tivesse os cabellos louros como o seu.

Quem lh'a poderia dar?

Era orphã e o Papai Noel, por certo, não se lembraria de que naquella cabana ella morava com sua velha avósinha!

Chega a noite e ella depõe junto do estrado que lhe servia de cama suas usadas chinellinhas.

Dorme e sonha!

Sonha que Papai Noel, junto a uma immensidade de anjos que traziam os brinquedos, chegara até junto d'ella, collocando em seu pobre par de chinellos não só a bonequinha loura, como tambem uma infinidade de ricos brinquedos.

Tambores, cornetas, bolas de borracha, soldadinhos de chumbo e muitas cousas mais.

Rosita estava radiante; nunca no decorrer de sua vida ella sonhára possuir tantos brinquedos!

Em seguida, os anjos convidaram Rosita para dar um passeio até o céo, o que ella acceitou contente.

Seguiram juntos, passaram pelo sol e pela lua, atravessaram Marte, Neptuno, Urano, as estrellas e chegaram finalmente ao céo.

No auge do contentamento, Rosita pergunta a S. Pedro porque no céo fazia tanto frio.

Nisto acorda!

E' que a chuva, entrando pelo fragil tecto de sapê, não só molhára sua roupinha como enchera suas velhas chinellinhas d'agua!

E foi assim o Natal de Rosita.

GRACIEMA DA SILVA

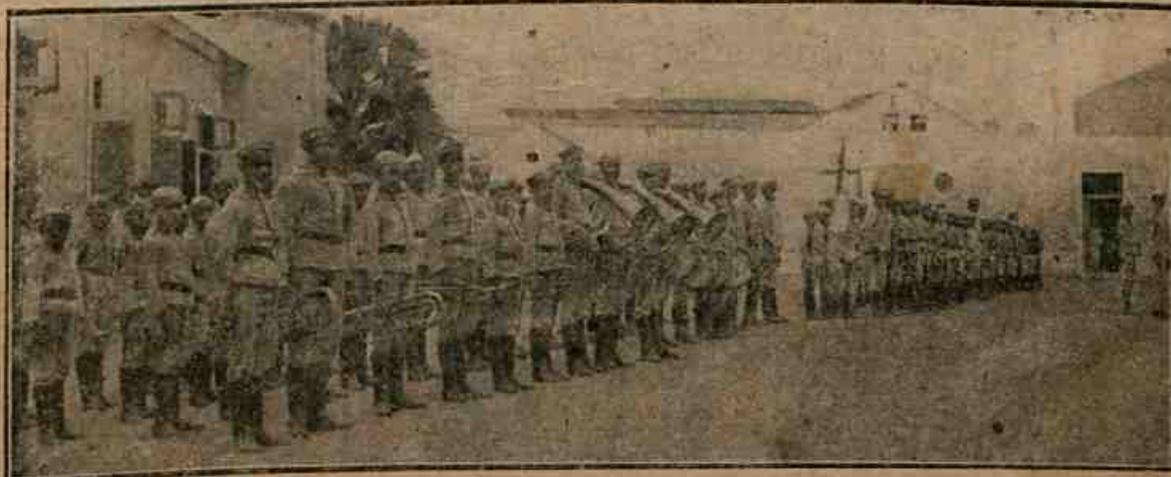
Narciso

CORRE acerca desse nome uma lenda muito interessante. Muitos hão de conhecer uma florsinha branca e delicada que nasce, vive e morre á beira dos lagos, debruçando o calix como a querer admirar sua corolla de neve... Conta-se que ha muito, ha muito tempo, vivia um joven pastor, de nome Narciso. As mais lindas nymphas e mais encantadoras sereias amavam o joven pastor, que, ao ver-se assim elevado, zombava dos coraçõesinhos das jovens loiras e morenas, e a sorrir punha no seu olhar claro e puro como o de uma creança reflexos de superioridade. Uma manhã, Narciso encaminhou-se para a fonte, afim de encher o cantaro de agua. Pousou o cantaro no chão e debruçou-se na fonte. E viu lá no fundo uns olhos azues, limpidos e suaves, fixos nos seus, um rosto encantador emmoldurado por lindos cachos de ouro dansando inquietos e uns hombros de athleta, largos e vigorosos. Num grito o joven pastor ergueu-se, reconhecendo sua imagem nas tranquillas aguas, mas logo tornou a debruçar-se encantado... maravilhado. E sorria enamorado á sua imagem risonha e formosa. E procurava alcançal-a como um louco, reconhecendo então por que as formosas nymphas o amavam. Nesse momento um vulto diaphano appareceu. E uma fada estendeu a mãosinha branca e seus dedinhos rosados tocaram as madeixas de Narciso inclinado, apaixonado pelo seu retrato. O pastor nem se moveu. E dos labios carmineos da fada escapou-se uma phrase:

— "Narciso!... Pela tua vaidade serás condemnado a viver debruçado sobre as fontes ou lagos, admirando-te eternamente"...

E a pequenina flôr, branca e delicada, que chamamos Narciso, e é o formoso pastor transformado, cumpre o castigo que lhe impoz a fada, tocando-o com os dedinhos nervosos...

"PRINCEZA NIZETTE ZOE"

As escolas de Pernambuco

Formatura dos alumnos da Escola Correccional do Recife, Estado de Pernambuco

PAZ
PILULAS
VIRTUOSAS
Curam em poucos dias a molestia do estomago, figado ou intestino. Estas pilulas, além de tonicas, são indicadas nas dyspepsias, prisões de ventre, molestias do figado, bexiga, rins, nauseas, flatulencias, máo estar, etc. São um poderoso digestivo e regularizador das secreções gastro-intestinaes. A' venda em todas as pharmacias do Brasil.
Deposito : Drogaria Rodolpho Hess & C., rua Sete de Setembro n. 61. Rio
Vidro 1$500, pelo correio mais 200 réis.
PERDIGÃO

— Oh ! Carlos, como estás sadio e forte ! Que milagre foi esse ?
— Foi Inhame, minha senhora, Inhame !
— Mas não comprehendo, que Inhame é esse de que falas ?
— O **ELIXIR DE INHAME**, remedio saboroso que **DEPURA, FORTALECE** e **ENGORDA.** E' encontrado em todas as pharmacias do Brasil.

ALMANACH do TICO-TICO
E assim falaram os anjos:
E' aqui na BRAZILEIRA,
que mamãi deve comprar
todos os nossos vestidos.
A Brazileira
LARGO DE S. FRANCISCO
REIS